

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E INOVAÇÃO
DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA – FAMÍLIA, INTERAÇÃO SOCIAL E SAÚDE

EMILY SCHULER

ENTRELACES DE GERAÇÕES: BISAVÓS NA FAMÍLIA

RECIFE

2022

EMILY SCHULER

ENTRELACES DE GERAÇÕES: BISAVÓS NA FAMÍLIA

Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristina Maria de Souza Brito Dias.

RECIFE

2022

S386e Schuler, Emily.
Entrelaces de gerações: bisavós na família / Emily Schuler,
2022.
153 f. \$b il.

Orientadora: Cristina Maria de Souza Brito Dias.
Tese (Doutorado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica. Doutorado
em Psicologia Clínica, 2022.

1. Envelhecimento. 2. Bisavós - Relações com a família.
3. Família. I. Título.

CDU 159.922.6

Pollyanna Alves - CRB4/1002

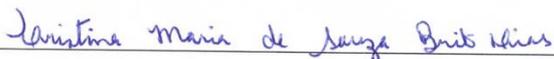
EMILY SCHULER

ENTRELACES DE GERAÇÕES: BISAVÓS NA FAMÍLIA

Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, requisito parcial para a obtenção do título de Doutorado em Psicologia Clínica.

Aprovada em: 28/06/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Cristina Maria de Souza Brito Dias (Orientadora UNICAP)



Prof.^a Dr.^a Célia Souto Maior de Souza Fonseca (UNICAP)



Prof.^a Dr.^a Carmem Lúcia Tavares Barreto (UNICAP)



Prof.^a Dr.^a Elaine Pedreira Rabinovich (UCSAL)



Prof.^a Dr.^a Lucia Vaz de Campos Moreira (UCP)

ENTRELACES DE GERAÇÕES: BISAVÓS NA FAMÍLIA

Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, requisito parcial para a obtenção do título de Doutorado em Psicologia Clínica.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Cristina Maria de Souza Brito Dias (Orientadora UNICAP)

Prof.^a Dr.^a Célia Souto Maior de Souza Fonseca (UNICAP)

Prof.^a Dr.^a Carmem Lúcia Tavares Barreto (UNICAP)

Prof.^a Dr.^a Elaine Pedreira Rabinovich (UCSAL)

Prof.^a Dr.^a Lúcia Vaz de Campos Moreira (UCP)

DEDICATÓRIA

Para meus queridos Painho e Mainha, que sempre com amor me incentivaram a sonhar, dançar e voar.

AGRADECIMENTOS

Lembro bem quando minha vovó Conceição me ensinou a bordar quando eu tinha sete anos de idade. Tratava-se de um ponto bem simples, o ponto cruz, mas confesso que achava o máximo contemplar as linhas que se entrelaçavam e, muitas vezes, no emaranhado das minhas tentativas surgia então o desenho de algo belo. As linhas também me lembram minha avó Concinha, que com muito carinho me ajudava a costurar roupas para minhas bonecas. Devido à minha idade, as roupinhas mais pareciam futuristas e com um caimento um tanto quanto diferenciado, mas novamente se juntavam tecidos, restos de bainhas, uma renda perdida e então lá estava mais uma nova roupa de boneca. E minha avó Santa, que sempre enxergava algo de belo, mesmo no emaranhado de linhas, com sua paciência infinita arrumava comigo minha bagunça em meio às roupas das minhas bonecas. O título da minha tese fala desses entrelaces, não apenas de linhas e tecidos, mas de vidas. E enquanto “costurei e bordei” esta tese, senti-me acompanhada das minhas avós, inspiração tanto do tema, quanto também da minha vida. Aqui gostaria de olhar para todos aqueles que me ajudaram nessa jornada de nós, laços e entrelaços.

Primeiramente, quero agradecer a Deus, meu refúgio de todas as horas, meu lar, independente de país, estado e cidade. Quando minhas mãos se cansaram, o Senhor me susteve; quando faltou inspiração, o Senhor me inspirou; quando me desesperei, o Senhor me acalmou. E assim guiou cada costura, mas quando eu me atrapalhei nas direções, Ele sempre tinha em mente o desenho final.

Também quero agradecer aos meus pais, meus queridos Painho e Mainha, sempre presentes em cada etapa dessa empreitada, desde quando aos cinco anos de idade eu dizia que queria fazer um doutorado, enquanto fingia ler os livros do meu pai. Em meio a tantos bordados, histórias e abraços, sempre acreditaram em mim e no meu sonho. Vocês me inspiram a sempre acreditar, persistir e nunca desistir.

Minhas avós, que já estão no céu, de lá continuam a me inspirar cada dia com suas vidas cheias de cores. Meu avô sempre tem um conselho prático e direto para mim. Ele sempre me lembra que, às vezes, não precisamos pensar tanto. A criatividade flui quando sorrimos, quando nos deixamos encantar pela vida na sua simplicidade de ser.

Meu muito obrigado vai também para minhas tias e tios, que mais parecem um batalhão de orações, que me acompanhou todos esses dias. Em especial, gostaria de agradecer à minha tia Teca, que por sinal sabe bordar, e me ajudou a achar novas linhas e cores para esse bordado chamado tese.

Meus primos, primas e amigos, perto ou longe, também a vocês meu muito obrigada por me incentivarem com conversas, risadas, pausas de estudo e por alegrarem minha vida às vezes apenas com uma mensagem. Meu afilhado Dantinho que com seu sorriso me fez tantas vezes esquecer de qualquer nó que minhas linhas tivessem dado.

Em todo esse processo de bordado tive o apoio fundamental da minha orientadora e professora Cristina Brito. Agradeço muito por alinhar comigo caminhos possíveis para esta tese, costurando e descosturando, mostrando-me ferramentas valiosas não só para a academia, mas para a vida. Muito obrigada.

Aos professores do programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, bem como aos professores do *Oxford Institute of Population Ageing*, que me mostraram tantas formas de pensar, pesquisar e costurar esses saberes numa grande colcha de retalhos. Em especial agradeço também as professoras da minha banca examinadora que muito contribuíram para com o desenvolvimento deste trabalho: Professora Célia, Professora Carmem, Professora Elaine e Professora Lúcia. Agradeço também à Capes, por me permitir, com seu auxílio, fazer esta pesquisa.

Parece que pesquisar muito tem a ver com costurar, ou seja, entrelaçar linhas, alinhar caminhos, fazer e refazer, criar. Na pesquisa aconteceram alguns nós e emaranhados nas linhas; às vezes a linha escapou da agulha, mas continuei. E agora, só tenho a agradecer por ter finalizado esta tese, este bordado. Espero que por meio de suas cores e costuras eu possa mostrar a vida, que se faz dos entrelaces de todos nós.

*Senhor, tu és o nosso refúgio,
sempre, de geração em geração.
(Salmos 90,1)*

RESUMO

O aumento do envelhecimento humano é um fenômeno observado em escala mundial, fruto de contextos sociodemográficos, culturais e históricos que não apenas possibilitam um melhor envelhecimento, como também influenciam e possibilitam a vivência de vários papéis na família. Consequentemente, emergem cada vez mais famílias multigeracionais formadas por quatro ou até cinco gerações, portanto, mais verticalizadas. O objetivo geral desta pesquisa foi compreender as relações intergeracionais e suas repercussões na vida dos bisavós e na dos seus familiares. Especificamente, visou-se: compreender o contexto sociodemográfico que permitiu o incremento do papel de bisavós no Brasil; pesquisar sobre ser bisavós nas relações intergeracionais por meio de uma revisão sistemática; compreender o papel dos bisavós na família multigeracional e a transmissão transgeracional de bisavós para seus descendentes. Para tanto, a presente tese se estruturou em quatro artigos, sendo dois teóricos e dois empíricos. No primeiro artigo foi feita uma revisão narrativa do contexto sociodemográfico que permitiu o surgimento do papel de bisavós no Brasil; o segundo artigo consiste de uma revisão sistemática sobre o papel de bisavós na intergeracionalidade; seguidos dos artigos três e quatro que focam no papel dos bisavós e na transgeracionalidade. Nos artigos empíricos, seguiu-se uma metodologia qualitativa de estudo de casos múltiplos com amostragem proposital. Os participantes desta pesquisa foram quatro famílias compostas por quatro gerações, totalizando 16 pessoas. Os critérios de inclusão para os bisavós foram: ter idade acima de 60 anos e um estado de saúde que lhes permitisse participar da pesquisa. Acredita-se que a delimitação da idade dos bisavós foi vantajosa para compreender questões do papel ligadas ao envelhecimento. Os bisavós participantes (três bisavós e um bisavô) estavam na faixa etária entre 64 e 100 anos; seu nível educacional variou desde analfabeto até superior completo; em sua maioria o estado civil foi viúvo, a camada socioeconômica foi média-baixa e professavam religião de denominação cristã. Quanto às demais gerações, cujo critério de inclusão foi a disponibilidade para a participação na pesquisa, foram entrevistados quatro filhos (46 a 66 anos), quatro netos (26 a 40 anos) e quatro bisnetos (sete a 12 anos). Utilizou-se uma entrevista semiestruturada, com roteiro específico para cada geração, e um Genograma no artigo três; para o artigo quatro, foi feita a triangulação das entrevistas com cartas dos bisavós para os bisnetos e vice-versa. As entrevistas e as cartas foram analisadas de acordo com a Análise de Conteúdo Temática e o Genograma foi analisado graficamente. Os resultados apontam que o papel de bisavós se modifica a partir do funcionamento familiar e das relações intergeracionais, o que caracteriza suas especificidades. O referido papel se mostrou entrelaçado à intergeracionalidade, sendo uma de suas principais funções a transmissão de legados às próximas gerações. Esta se dá principalmente de forma oral, no dia a dia da família. Os bisavós foram percebidos como detentores de sabedoria, além de influenciarem a família de forma direta. Foi possível observar que os bisavós vivenciam o papel com leveza, buscando aproveitar o tempo que lhes resta e conviver com seus bisnetos. Espera-se que esta pesquisa venha contribuir com a literatura sobre a bisavosidade, que ainda é escassa neste país.

Palavras-chave: Envelhecimento. Bisavós. Família. Relações intergeracionais. Transmissão intergeracional.

ABSTRACT

The increase in human ageing is a phenomenon observed globally, bringing sociodemographic, cultural, and historical contexts that allow ageing and influence and enable the experience of various roles in the family. Consequently, more and more multigenerational families are emerging, formed by four or even five generations, therefore, more verticalised. The general objective of this research was to understand intergenerational relationships and their repercussions on the lives of great-grandparents and their families. Specifically, it aimed to: understand the sociodemographic context that allowed the development of the role of great-grandparents in Brazil; research about being great-grandparents in intergenerational relationships through a systematic review; understand the role of great-grandparents in the multigenerational family, and understand transgenerational transmission from great-grandparents to their descendants. Therefore, this thesis was structured in two theoretical and two empirical articles. In the first article, a narrative review of the sociodemographic context that allowed the emergence of the role of great-grandparents in Brazil was carried out; the second article consists of a systematic review of the role of great-grandparents in intergenerational relations; followed by articles three and four that focus on the role of great-grandparents and their transgenerational relationships. In the empirical articles, a qualitative methodology of multiple case studies with purposeful sampling was followed; the participants of this research were four families composed of four generations, totalling 16 participants. The inclusion criteria for great-grandparents were over 60 years of age and in a state of health that allowed them to participate in the research. The delimitation of the age of great-grandparents was advantageous to understanding issues of the role linked to ageing. The participating great-grandparents (three great-grandmothers and one great-grandfather) were aged between 64 and 100 years old, their educational level ranged from illiterate to complete higher education, and most of them had widowed marital status, middle-low socioeconomic status and Christian religiosity. As for the other generations, whose inclusion criterion was availability to participate in the research, four children (46 to 66 years old), four grandchildren (26 to 40 years old) and four great-grandchildren (seven to 12 years old) were interviewed. A semi-structured interview was used with a specific script for each generation and a genogram in article three, and for article four, the triangulation of interviews with letters from great-grandparents to great-grandchildren and vice-versa. The interviews and letters were analysed according to the Thematic Content Analysis, and the Genogram was graphically analysed. The results indicate that the role of great-grandparents develops from family functioning and intergenerational relationships, bringing specificities to the role in each family. The role is intertwined with Intergenerationality, one of its primary functions being the transmission of legacies to the next generations. The transmission occurs mainly orally in the daily life of the family. Great-grandparents are seen as holders of wisdom in the Family and being someone who seems to influence the family directly. It was possible to observe that great-grandparents experience their role more lightly, seeking to enjoy their time and great-grandchildren. It is hoped that this research will contribute to the literature on great-grandparents, which is still scarce in this country.

Keywords: Ageing. Great-grandparents. Family. Intergenerational relationships. Intergenerational Transmission.

RESUMEN

El aumento del envejecimiento humano es un fenómeno que se observa a escala mundial, trayendo contextos sociodemográficos, culturales e históricos que no solo permiten un mayor envejecimiento, sino que también influyen y posibilitan la vivencia de diversos roles en la familia. En consecuencia, cada vez surgen más familias multigeneracionales, formadas por cuatro o cinco generaciones, por tanto, más verticalizadas. El objetivo general de esta investigación fue comprender las relaciones intergeneracionales y sus repercusiones en la vida de los bisabuelos y sus familias. Específicamente, tuvo como objetivo: comprender el contexto sociodemográfico que permitió el incremento del papel de los bisabuelos en Brasil; investigación sobre ser bisabuelos en las relaciones intergeneracionales a través de una revisión sistemática; comprender el papel de los bisabuelos en la familia multigeneracional; y comprender la transmisión transgeneracional de bisabuelos a sus descendientes. Por tanto, esta tesis se estructuró en cuatro artículos, dos teóricos y dos empíricos. En el primer artículo, se realizó una revisión narrativa del contexto sociodemográfico que permitió el surgimiento del rol de los bisabuelos en Brasil; el segundo artículo consiste de una revisión sistemática del papel de los bisabuelos en la intergeneracionalidad; seguido de los artículos tres y cuatro que se enfocan en el rol de los bisabuelos y su transgeneracionalidad. En los artículos empíricos se siguió una metodología cualitativa de estudio de casos múltiples con muestreo intencional; los participantes de esta investigación fueron cuatro familias compuestas por cuatro generaciones, totalizando 16 participantes. Los criterios de inclusión para los bisabuelos fueron: tener más de 60 años y un estado de salud que les permitiera participar en la investigación. Se cree que la delimitación de la edad de los bisabuelos fue ventajosa para comprender cuestiones del rol ligado al envejecimiento. Los bisabuelos participantes (tres bisabuelos y un bisabuelo) tenían entre 64 y 100 años de edad, su nivel educativo oscilaba entre analfabetos hasta estudios superiores completos, la mayoría viudos de estado civil, nivel socioeconómico medio-bajo y religiosidad cristiana. En cuanto a las demás generaciones, cuyo criterio de inclusión fue la disponibilidad para participar en la investigación, se entrevistó a cuatro hijos (46 a 66 años), cuatro nietos (26 a 40 años) y cuatro bisnietos (7 a 12 años). También se decidió delimitar la edad de los bisnietos para asegurar la comprensión de los instrumentos a aplicar a partir de los siete años. Se utilizó una entrevista semiestructurada con guión específico para cada generación y un genograma en el artículo tres; y para el artículo cuarto, la triangulación de entrevistas con cartas de bisabuelos a bisnietos y viceversa. Las entrevistas y cartas fueron analizadas según el Análisis de Contenido Temático y el Genograma fue analizado gráficamente. Los resultados indican que el papel de los bisabuelos se desarrolla a partir del funcionamiento familiar y de las relaciones intergeneracionales, aportando especificidades al papel en cada familia. El rol se muestra entrelazado con la Intergeneracionalidad, siendo una de sus principales funciones la transmisión de legados a las siguientes generaciones. La transmisión se da principalmente por vía oral en la vida cotidiana de la familia. Los bisabuelos son vistos como poseedores de sabiduría en la familia; además de ser alguien que parece influir directamente en la familia. Se pudo observar que los bisabuelos vivencian el papel con más levedad, buscando disfrutar de su tiempo y de los bisnietos. Se espera que esta investigación contribuya a la literatura sobre bisabuelos, que aún es escasa en este país.

Palabras clave: Envejecimiento. Bisabuelos. Familia. Relaciones intergeneracionales. Transmisión intergeracional.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL	13
ARTIGO I.....	19
BISAVÓS NO BRASIL? UMA CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA ...	19
1.1 Introdução	19
1.2 Brasil – um país envelhecendo.....	20
1.3 Envelhecer no Brasil – heterogeneidade em idade, situação socioeconômica e saúde	25
1.4 Políticas públicas e Legislação relativa à Pessoa Idosa no Brasil.....	27
1.5 Envelhecimento na Família – Apoio e Dependência.....	28
1.6 Os papéis da pessoa idosa na família: expectativas com vistas ao papel de bisavós ...	30
1.7 Bisavós no Brasil – O que sabemos?	32
1.8 Reflexões finais.....	33
Referências	35
ARTIGO II.....	41
O QUE SABEMOS SOBRE BISAVÓS? UMA REVISÃO SISTEMÁTICA	41
2.1 Introdução	41
2.2 Método	42
2.2.1 Delineamento e procedimentos de pesquisa	42
2.2.2 Critérios de inclusão e procedimentos de coleta dos dados.....	43
2.2.3 Procedimento de Análise dos dados	44
2.3 Resultados.....	44
2.4 Discussão.....	48
2.4.1 Questões ligadas ao envelhecimento	48
2.4.2 Intergeracionalidade: contato e cuidado	49
2.4.3 Tipos de Legado dos bisavós.....	52
2.5 Considerações finais	54
Referências	55
ARTIGO III	58
O PAPEL DE BISAVÓS NOS ENTRELACES INTERGERACIONAIS	58
3.1 Introdução	58
3.2 Sistema, subsistema e papéis.....	59
3.3 Método	62
3.3.1 Natureza da Pesquisa	62
3.3.2 Participantes.....	62
3.3.3 Instrumentos	63
3.3.4 Procedimento de Coleta de Dados.....	64
3.3.5 Procedimento de Análise de Dados.....	65
3.4 Resultados e discussão	65
3.4.1 Funcionamento do sistema familiar A	67
3.4.2 Relações intergeracionais na Família A	68
3.4.3 O papel de bisavó na família A.....	71
3.4.4 Funcionamento do sistema familiar B	73
3.4.5 Relações intergeracionais na família B.....	75
3.4.6 O papel de bisavó na Família B	77
3.4.7 Funcionamento do sistema familiar C	79
3.4.8 Relações intergeracionais na família C.....	80
3.4.9 O papel de bisavô na família C.....	82
3.4.10 Funcionamento do Sistema Familiar D	84

3.4.11 As relações intergeracionais na Família D	85
3.4.12 O papel de bisavó na família D.....	87
3.5 Conclusões: entrelaçando os achados	88
Referências	89
ARTIGO IV:	92
“DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO”: O QUE CARTAS DE BISAVÓS TRANSMITEM?	92
4.1 Introdução	92
4.2 Transgeracionalidade: “De bisavós para a família”	93
4.3 Método	96
4.4 Participantes.....	96
4.5 Instrumentos	97
4.6 Procedimentos de coleta e análise dos dados.....	98
4.7 Resultados e discussão	99
4.7.1 A transgeracionalidade na família A	100
4.7.2 Formas de transmissão na Família A.....	101
4.7.3 Legados em transmissão na Família A	102
4.7.4 Transgeracionalidade na Família B	104
4.7.5 Formas de transmissão na Família B	106
4.7.6 Legados em transmissão na Família B	107
4.7.7 Transgeracionalidade na família C	112
4.7.8 Formas de transmissão na Família C	113
4.7.9 Legados em transmissão na Família C	114
4.7.10 Transgeracionalidade na família D	117
4.7.11 Formas de Transmissão na família D	118
4.7.12 Legados em transmissão na família D	119
4.8 Conclusões – Entrelaçando os achados	121
Referências	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS GERAIS.....	125
REFERÊNCIAS GERAIS	128
APÊNDICES.....	138
ANEXOS.....	143

INTRODUÇÃO GERAL

Por ocasião da minha graduação em Psicologia, bem como durante minha pesquisa de mestrado e agora, no doutorado, tive a oportunidade de me deparar com pesquisas realizadas com avós e bisavós. Além disso, como uma pessoa que faz parte de uma família multigeracional, a temática dos papéis familiares de avós e bisavós é algo com a qual venho convivendo. Como bolsista do Programa de Iniciação científica, em 2013, participei de uma pesquisa com avós que criavam seus netos por meio de uma proposta de intervenção psicoeducativa, e, então, tive o prazer de conhecer uma bisavó que criava seus bisnetos. Esse tema me instigou a investigá-lo e não o larguei mais. O contato com investigações e artigos me fez observar a sua importância para a construção de uma sociedade para todas as idades. A questão da maior convivência entre as diversas gerações desperta a necessidade de um olhar para as relações entre bisavós, avós, filhos, netos e bisnetos, o que inspirou este estudo.

Devido ao fato de a presente Tese ter sido desenvolvida em tempos pandêmicos, não se pode deixar de registrar que a pandemia reverberou nos diversos níveis da sociedade, do macro ao micro. A Covid-19 (Corona Vírus Disease-19) é uma doença infecciosa causada pelo novo corona vírus (SARS-CoV-2) sendo considerada um problema de saúde pública no mundo. Em 11 de março de 2020, a Covid-19 foi caracterizada pela Organização Mundial de Saúde como uma pandemia, tornando-se um desafio global para a saúde pública, após rápida disseminação por todo o mundo (Organização Mundial de Saúde [OMS], 2021). Segundo a OMS, o termo “pandemia” se refere a uma disseminação mundial de uma nova doença e o termo passa a ser usado quando uma epidemia, surto que afeta uma região, espalha-se por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa. Em virtude disso, na tentativa de reprimir o avanço da pandemia da Covid-19, o distanciamento social foi reputado como norma principal. Esse critério foi utilizado amplamente em quase todos os países atingidos pela pandemia, e isto obrigou as famílias a ficarem confinadas no seu lar, no intuito de reduzir a possibilidade de contaminação (Fundação Oswaldo Cruz, 2021).

A Psicologia se destaca nesse contexto por reunir fundamentação teórica-conceitual e evidências científicas que podem ser aplicadas e generalizadas, contribuindo para uma compreensão dos aspectos psicológicos durante a crise contemporânea da Covid-19 (Linhares & Enumo, 2020). De acordo com Holmes *et al.* (2020), os estudos atuais mostram a influência dessa situação no comportamento das pessoas causando medo, depressão e pânico. O confinamento, em particular, desencadeou efeitos nas esferas econômica, histórica,

biopsicossocial e cultural, e trouxe consequências tanto positivas quanto negativas para as famílias (Falcão *et al.*, 2020; Rocha, 2020). Inclusive, pode-se destacar a recomendação para que os idosos ficassem afastados dos mais jovens para preservar a sua saúde e vida. Já outros casos, nos quais a família se isolou junto, ocorreu uma “hiperconvivência” entre os membros do sistema, podendo acarretar consequências tanto positivas, como também negativas. Ayalon *et al.* (2020) alertaram para a probabilidade de conflitos intergrupais e intergeracionais, apontando que a situação de emergência se mostra também como momento propício para exercer a solidariedade intergeracional. Nesse sentido, Harari (2021) referiu que “a pandemia não irá matar a necessidade das pessoas por conexões mais profundas entre elas, provavelmente as mesmas são mais estimadas” (palestra *on-line*), o que pode ser visto no presente trabalho sobre os bisavós na família.

Mesmo com diversas especulações, ainda não se sabe todos os efeitos que a pandemia trará para as tendências sociodemográficas, como apontou Harper (2021). Não obstante, pode-se inferir que a realidade será complexa e cheia de nuances, dado que o envelhecimento da população é impulsionado pelas tendências de natalidade e mortalidade. O impacto da atual pandemia nas tendências demográficas é claramente importante para nossa compreensão das futuras sociedades em relação ao envelhecimento.

Apesar de, nos últimos anos, o fenômeno do envelhecimento estar cada vez mais presente na mídia e em pesquisas, durante a pandemia parece ter ficado mais clara a sua ascensão na sociedade mundial, tanto em número como também em importância, realidade esta que demanda olhares mais atentos. Conforme a Organização das Nações Unidas (2018), há, no mundo, cerca de 700 milhões de pessoas com mais de 60 anos, número previsto a aumentar para dois bilhões até 2050.

O Brasil também segue essa tendência mundial de envelhecimento. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020), do total de 210,1 milhões de brasileiros, 34 milhões eram idosos, no quarto trimestre de 2019. As projeções indicam, apesar ainda da pandemia, que a população idosa tende a crescer no Brasil nas próximas décadas. Em 2043, um quarto da população deverá ter mais de 60 anos (IBGE, 2020). A pesquisa apontou também que, em 34,5% dos lares brasileiros, existia, pelo menos, uma pessoa com 60 anos ou mais. As mulheres são maioria expressiva, com 16,9 milhões, constituindo 56% dos idosos, enquanto os homens idosos são 13,3 milhões, ou seja, 44%. Estima-se que o percentual de idosos no país chegará a 25,5% até 2060. Atualmente, observa-se um percentual de 9,2% da população brasileira com mais de 65 anos.

Para Ramos (2017), a contemporaneidade tem sido marcada pela melhoria das tecnologias e dos cuidados com a saúde, fato que se reflete no maior alcance da longevidade, e coloca novas prerrogativas nas interações familiares entre as pessoas de diferentes gerações. Acompanhando o aumento da longevidade, observa-se um crescente número de famílias com quatro ou até cinco gerações (Puur *et al.*, 2011), denominadas “famílias multigeracionais”. Essa estrutura familiar pode ser denominada como verticalizada ou ainda comparável à estrutura de um feijoeiro (*Beanpole structure*), em que há várias gerações com poucas pessoas (Connor, 2013; Mahne *et al.*, 2018). Devido aos novos parâmetros de longevidade, combinados a taxas mais baixas de fertilidade, essa estrutura vertical ou intergeracional se torna cada vez mais comum, dando um maior destaque às relações estabelecidas entre as gerações. A família multigeracional é o palco onde se desenrolam as relações intergeracionais (Brito-da-Motta, 2010). Essa estrutura familiar apresenta, simultaneamente, uma “expansão intergeracional”, em que várias gerações partilham o mesmo tempo social, e uma “contração geracional”, dado que existe uma diminuição no número de indivíduos da mesma geração (Vicente, 2010). Apesar de tender a ser uma estrutura familiar de curta duração, devido à idade avançada da geração mais velha, é de uma riqueza muito grande essa convivência entre as diversas gerações.

De acordo com estudos realizados na Alemanha (Grünheid & Scharein, 2011), os avós chegam a usufruir cerca de 30 anos de convivência com seus netos, abrindo-se a possibilidade de verem o nascimento dos bisnetos e viverem a “bisavosidade”. Pode-se dizer que no topo da estrutura familiar multigeracional estão os bisavós, também denominados centenários (Brito da Motta, 2010) ou de geração “sobremesa” (Barer, 2001), representando a primeira geração da família, bem como toda a história familiar. Os laços intergeracionais envolvidos no papel dos bisavós ainda têm sido pouco estudados, principalmente devido à sua raridade no passado. Nesse sentido, o estudo sobre a figura dos bisavós e sua importância constitui algo a ser construído para a psicologia da família, por se tratar de uma realidade social em crescimento.

Há pesquisas, tais como a de Roberto e Skoglund (1996) e a de Mietkicz e Venditti (2004), que apresentaram resultados apontando para um papel marginal dos bisavós nas relações familiares. Outros autores, como Wentowsky (1985) e Barer (2001), pontuaram que haveria pouca diferença entre os papéis de avós e bisavós, sendo os segundos apenas uma extensão do papel dos avós. Castañeda-García *et al.* (2021) referem que possivelmente os bisavós veem seu papel como uma continuação de seu papel como avós, denotando a

similaridade dos papéis. Pappalia *et al.* (2006) destacam que não se sabe ao certo quais as funções atribuídas aos bisavós, deixando, assim, alguns questionamentos em aberto.

Já as pesquisas de Doka e Mertz (1988), Reese e Murray (1996), bem como Dias e Pinto (2007) retrataram o papel de bisavós com um *status* especial na família. Nessas pesquisas, a conexão entre bisavós e bisnetos implica em sentimentos de continuidade ou transcendência, assim como do sucesso familiar, o que leva os bisavós a se sentirem confortáveis ao fazerem uma revisão de suas vidas. É necessário ressaltar que os bisavós transmitem um legado geracional que faz parte da memória familiar e contribui para a vida cotidiana da família (Rabinovich *et al.*, 2014). Ward e Belanger (2010) destacaram que a bisavosidade traz uma forma de renovação familiar e pessoal, além de ser um marco positivo de longevidade. Os bisavós também podem ser considerados motivadores da união familiar, visto que a família, muitas vezes, se encontra em torno dos mais idosos, o que aumenta o investimento pessoal dos próprios bisavós no seu papel (Even-Zohar & Garby, 2016). Casteñeda-García *et al.* (2021) também apontaram que o papel irá depender das expectativas que os bisavós possuem das funções atribuídas ao papel, possivelmente tornando-se mais flexível. O contato com os bisnetos se torna um fator que contribui para uma melhor qualidade de vida dos bisavós, considerando a dimensão de aproximação emocional entre as gerações.

Mahne *et al.* (2018) salientaram a possibilidade de que o relacionamento entre bisavós e bisnetos se torne cada vez mais similar ao antigo relacionamento de avós e netos, e que o de avós e netos se aproxime ao de pais e filhos. Assim, o papel de bisavós seria associado ao que Castñeda-García *et al.* (2021) denominaram papel formal de avós. Além disso, pode-se dizer que os bisavós oferecem apoio emocional e financeiro visando ir além de sua própria geração e é por meio desses comportamentos que ocorre a transmissão de valores familiares (Doka & Mertz, 1988). Dias e Pinto (2007) ainda destacaram que os bisavós prestam ajuda do tipo expressivo ou emocional, englobando comportamentos de dar afeto, atenção, conselhos, telefonar e apoiar.

Outra tendência que vem se destacando diz respeito aos bisavós que criam os bisnetos, assumindo, assim, funções parentais (Dias *et al.*, 2018). Even-Zohar e Garby (2016) consideraram que estes bisnetos, muitas vezes, são filhos de netos que já foram criados por avós, apontando para uma repetição dessa criação, o que pode acarretar relações ainda mais significativas com essa quarta geração.

A possibilidade da aproximação da geração dos bisavós com as mais jovens abre espaço para a troca mútua no contexto da família. Essa interação intergeracional proporciona

um ambiente para o desenvolvimento de afetos, criatividade, bem como ressignificações de conceitos, crenças, valores e de preconceitos mútuos. Como explicou Ramos (2012), ela promove a educação, o respeito e a solidariedade entre as gerações. Este encontro também poderá constituir uma oportunidade para desenvolver atitudes positivas em relação à velhice e ao envelhecimento. No entanto, também pode aumentar conflitos e tensões, principalmente devido à mudança de valores e estilos de vida mais modernos (Dias *et al.*, 2015; Dias *et al.*, 2018). É necessário levar em consideração que há diversas variáveis que irão interferir no papel desempenhado pelos bisavós na família, bem como nas relações intergeracionais, tais como: sexo, idade, classe social, distância geográfica, condições de moradia e de saúde, características pessoais e familiares, ordem de nascimento dos bisnetos e idades dos mesmos (Dias & Pinto, 2007).

Além disso, considera-se que nesse encontro entre gerações ocorre um entrecruzar de tempos, tanto em nível social, como também familiar e individual (Sousa, 2006). Esses diferentes tempos podem trazer novidades, mas também podem ser fonte de choques e conflitos geracionais. Conceitos e atividades podem diferir conforme a geração, conceitos sócio-históricos e vivências pessoais. Cabe assinalar que no convívio intergeracional essas tensões podem vir à tona, no entanto, também são abertas múltiplas possibilidades de ressignificação de conceitos e crenças (Ramos, 2012).

Por meio do convívio entre as gerações, abre-se a possibilidade de transmissão de saberes entre as gerações. Gomes e Zanetti (2009) descreveram essa transmissão como transgeracionalidade, isto é, um legado herdado e constitui uma riqueza de costumes e tradições expedidos mediante as relações de afeto. Pode-se dizer que são histórias de doenças, perdas, lutos, ganhos, dívidas, lucros, lutas, vitórias e sucessos, que, por sua vez, são registradas no corpo e na alma do ser humano, que foram deixadas pelos seus ancestrais e transmitidas em forma de herança. A família multigeracional na qual os bisavós estão inseridos tem como uma de suas funções guardar a memória familiar e passá-la adiante (Vicente & Sousa, 2010). Rodrigues (2013) explicou que se trata de um “elo de transmissão cultural”, em que as gerações mais velhas transmitem legados às mais novas.

Diante do exposto, acredita-se ser importante investigar o papel dos bisavós dentro dessa família multigeracional que engloba tanto as relações intergeracionais, como as transgeracionais. Apesar de se tratar de uma realidade atual, ainda são escassos os estudos enfocando a quarta geração, ou seja, os bisavós. Vários autores (Dias & Pinto, 2007; Castñeda-García *et al.*, 2021; Even-Zohar & Garby, 2016; Vicente & Sousa, 2010; Rabinovich *et al.*, 2014) apontaram para a necessidade da realização de estudos com vistas a

uma melhor compreensão do papel dos bisavós e de sua relação com a família, o que justifica o presente estudo. Para tanto será adotado o referencial teórico de Ludwig Von Bertalanfy criador da Teoria Geral dos Sistemas, bem como aspectos da abordagem transgeracional, visando compreender o lugar dos bisavós de forma holística. Assim, após delimitar o tema em questão e a perspectiva teórica aplicada, passar-se-á a apresentar os objetivos que foram trabalhados nos quatro artigos que compõem a tese e, após, especificamente destrinchados os objetivos de cada artigo.

A presente tese tem como objetivo geral compreender as relações intergeracionais e suas repercussões na vida dos bisavós e na dos seus familiares. Mais especificamente, buscou-se: compreender o contexto sociodemográfico que permitiu o incremento do papel de bisavós no Brasil; pesquisar sobre ser bisavós nas relações intergeracionais por meio de uma revisão sistemática; compreender o papel dos bisavós na família multigeracional e a transmissão transgeracional de bisavós para seus descendentes.

Estes objetivos perpassaram toda a tese como fio condutor para esclarecimento do problema. Desse modo, a tese foi organizada em quatro estudos que foram orientados com temas e instrumentos que intentaram possibilitar o entendimento mais profundo de como se estabelece o papel de bisavós na família multigeracional, tendo sempre como foco principal os bisavós.

A tese será apresentada da seguinte forma: o primeiro artigo, intitulado “Bisavós no Brasil? Uma contextualização sociodemográfica”, teve como objetivo explorar o contexto sociodemográfico que permitiu o desenvolvimento do papel dos bisavós no Brasil por meio de uma revisão narrativa. O segundo artigo “O que sabemos sobre bisavós? Uma revisão sistemática”, o objetivo foi pesquisar sobre os bisavós nas relações intergeracionais, por meio de uma revisão sistemática. O terceiro artigo visou compreender o papel de bisavós na família multigeracional mediante um estudo empírico com quatro famílias multigeracionais, intitulado “O papel de bisavós nos entrelaces intergeracionais”. No quarto e último estudo, o objetivo foi compreender a transmissão transgeracional de bisavós para a família com título “De geração em geração: o que transmitem as cartas de bisavós?”. Por fim, tecemos algumas considerações sobre o trabalho realizado.

ARTIGO I

BISAVÓS NO BRASIL? UMA CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA

Emily Schuler & Dr. George W. Leeson

**Este artigo foi publicado em inglês: Journal of Population Ageing*

<https://doi.org/10.1007/s12062-021-09335-5>

Resumo: O Brasil é muitas vezes visto de forma estereotipada, sendo considerado um país bastante jovem, suscitando questionamentos quanto à existência de bisavós na sociedade brasileira. O objetivo deste artigo de revisão foi explorar o contexto sociodemográfico da bisavosidade no Brasil. Uma análise do envelhecimento populacional mostra que, devido à redução das taxas de mortalidade para todas as faixas etárias, aliada à queda das taxas de natalidade, o conseqüente aumento da expectativa de vida no Brasil criou um quadro demográfico que permite uma proporção crescente de idosos se tornarem bisavós. O papel de bisavós não está necessariamente ligado à idade cronológica avançada, pois ainda há um grande número de mulheres que se tornam mães antes dos 20 anos. Ao considerar os bisavós mais velhos, que já estão no estrato considerado "idoso" no Brasil, há uma pronunciada heterogeneidade em termos de fatores socioeconômicos, condições de saúde, antecedentes familiares e histórias de vida pessoal. Os achados desta revisão indicam que os contextos sociodemográficos, culturais e históricos não apenas possibilitam o surgimento do papel dos bisavós no Brasil, mas também influenciam esse papel, destacando a necessidade urgente de pesquisas sobre o tema.

Palavras-chave: Envelhecimento. Brasil. Bisavós. Família.

1.1 Introdução

O envelhecimento populacional está ocorrendo no mundo todo e tem sido foco de interesse e discussão em diversas áreas. À medida que a idade média das populações continua a aumentar, fica cada vez mais claro que os papéis e funções dos idosos na sociedade devem ser mais discutidos. Ao observar o envelhecimento populacional no contexto das estruturas familiares, os papéis dos avós e bisavós levantam questões de particular interesse e possibilidades.

O Brasil é muitas vezes visto de forma estereotipada, sendo considerado um país bastante jovem, principalmente no contexto internacional, o que levanta questões sobre a existência e a possível relevância dos bisavós na sociedade brasileira; daí o título do presente artigo. Apesar disso, o papel dos bisavós está emergindo na sociedade brasileira. Enquanto no passado os bisavós eram geralmente mais passivos, cujo papel muitas vezes se limitava ao de um personagem falado em histórias que giram em torno da tradição e do legado familiar, está

se tornando cada vez mais comum que os bisavós tenham um papel mais ativo na vida familiar (Schuler & Dias, 2019). Os bisavós parecem estar se tornando uma parte importante da família brasileira contemporânea (Brito da Motta, 2010), o que significa que este é um papel relativamente novo e em evolução que parece ter implicações para a vida cotidiana da família (Rabinovich *et al.*, 2014).

Devido à falta de dados e literatura demográfica (Dias & Pinto, 2007; Even-Zohar & Garby, 2016; Rabinovich *et al.*, 2014; Schuler & Dias, 2019), a questão norteadora para este artigo foi: qual contexto sociodemográfico permite a emergência do papel dos bisavós no Brasil? O objetivo foi compreender o *contexto* sociodemográfico que permitiu o incremento do papel dos bisavós no Brasil.

Para tanto foi feita uma revisão narrativa na tentativa de compreender melhor as mudanças e o envelhecimento populacional neste país. Este artigo apresentará reflexões que começam no nível macro e vão até o nível micro. A literatura consultada para tal foi obtida por meio de buscas em base de dados de artigos científicos, tal como Periódicos Capes, Pepsic, Latindex, Scielo, DOAJ, e Google Scholar, enquanto paralelamente foram consultados dados do Instituto de Geografia e Estatística do Brasil (IBGE), da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) e dados disponíveis da Organização das Nações Unidas (ONU) para compreensões sociodemográficas do objeto de estudo. Primeiramente é apresentado um panorama de um Brasil envelhecido. Em seguida, enfocamos a heterogeneidade do grupo de idosos neste país, examinando fatores como idade, saúde, condições econômicas e direitos legislativos. Aprofundando ainda mais no nível micro, são explorados os diversos papéis dos idosos em suas famílias. Por fim, adentramos a temática dos bisavós, que aparentemente está se tornando cada vez mais relevante no Brasil.

1.2 Brasil – um país envelhecendo

O final do século XX e o início deste século XXI demonstram uma dinâmica demográfica notável em todo o mundo: o envelhecimento da população em geral, com um aumento acentuado do número de idosos em todo o mundo. A Organização das Nações Unidas (2019) aponta que esse processo de envelhecimento global começou em 1950, mas se acelerou desde o início deste século, levando Arantagy e Posternak (2012) a se referirem ao século XXI como o "século dos avós". Em sua análise dos dados publicados pela ONU, Alves (2019) aponta que, de 1950 a 2020, o número de pessoas com 60 anos ou mais aumentou em um fator de 15,2% em todo o mundo, e que esse grupo representa atualmente 13,5% da

população mundial, o que significa haver agora mais de um bilhão de idosos vivendo no mundo hoje.

O Brasil não foge a essa tendência mundial de envelhecimento populacional, apresentando um aumento do número de idosos relevante nos últimos anos. De fato, o Brasil está enfrentando o que Alves (2019) chamou de “‘tsunami’ acinzentado”, uma vez que o processo de envelhecimento acelerado e o percentual de idosos no país é superior à média mundial. Segundo dados da ONU, o número de brasileiros com 60 anos ou mais chegou a 30 milhões em 2020 (Figura 1). O envelhecimento populacional no Brasil pode ser observado não apenas no grupo de pessoas com 60 anos ou mais, mas também no grupo de pessoas com 65 anos ou mais, bem como no de 80 anos ou mais. As projeções para o futuro são de crescimento acelerado contínuo da população idosa, atingindo seu pico provavelmente em 2085. Alves (2019) espera que o resto do século XXI seja “cinza”, dando origem a um novo conjunto de desafios para diversos setores da sociedade.

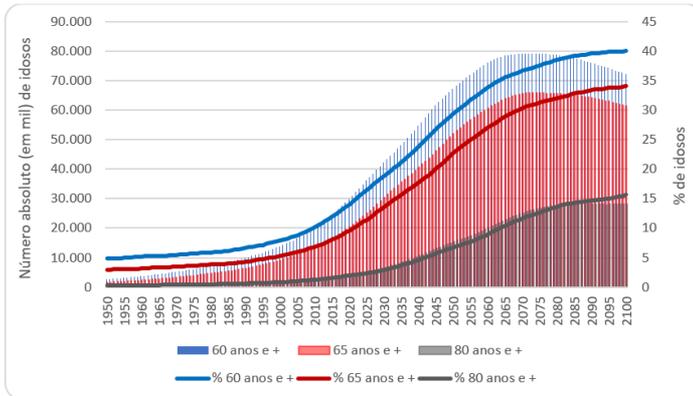
O Brasil não pode mais ser considerado um “país jovem”, dado que o número de jovens (de 15 a 24 anos) e de crianças (de zero a 14 anos) diminuiu, levando ao aumento do número de idosos, conforme ilustrado no gráfico na Figura 2. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), este país terá a sexta maior população de idosos do mundo até 2025. O país está passando por uma rápida transição demográfica, com o número de idosos aumentando quase 700% em menos de 50 anos. Com base nesses dados, Veras (2009) descreveu o Brasil como um “jovem país de cabelos grisalhos”.

Como pode ser constatado na Figura 2, a estrutura etária do Brasil mudou significativamente desde 1950. Segundo Meneses (2012), a sociedade brasileira hoje é substancialmente diferente daquela do passado. Como se observava um grande número de crianças, jovens e uma porcentagem menor de idosos, a atenção política estava voltada para a educação destas gerações. Todavia, a situação demográfica no Brasil hoje é realmente diferente: o número de idosos está aumentando enquanto a proporção de jovens está caindo. As mudanças na estrutura etária da população brasileira são consideráveis, como pode ser visto ao comparar as pirâmides etárias de 1950 e 2020 (Figuras 3 e 4).

Figura 1

População idosa no Brasil (1950–2100)

População absoluta e relativa de idosos de 60 anos e mais, 65 anos e mais e 80 anos e mais
Brasil: 1950-2100



UN/Pop Division: World Population Prospects 2019 <https://population.un.org/wpp2019/>

Figura 2

População brasileira por grupos etários

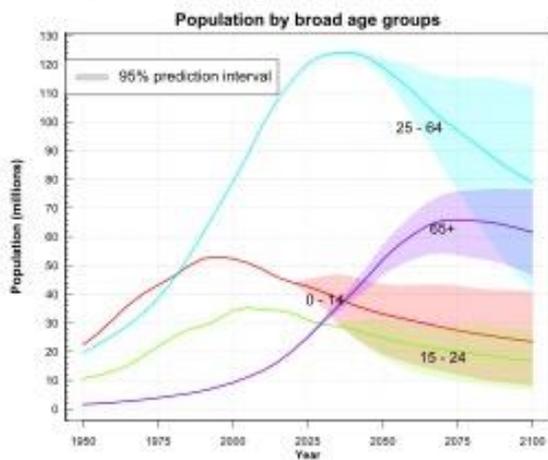


Figura 3

Pirâmide etária do Brasil 1950

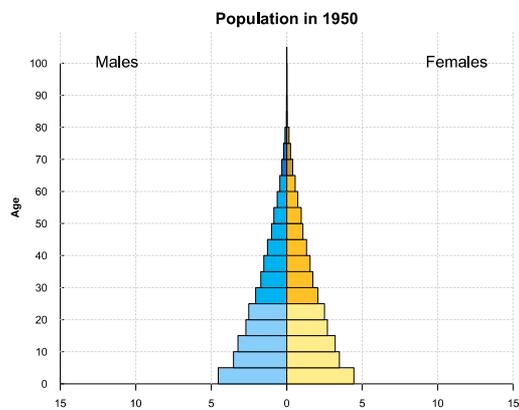
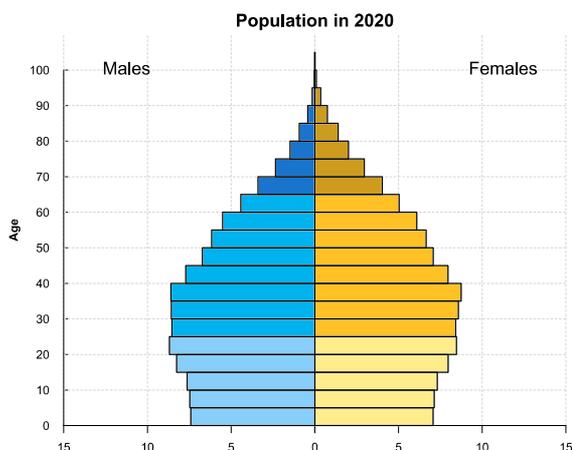


Figura 4
Pirâmide etária do Brasil 2020



Além do crescimento populacional, em geral, a forma da pirâmide de 2020 (Figura 4) demonstra uma distribuição de faixas etárias bastante distinta daquela de 1950. Torna-se evidente o aumento da população idosa, principalmente por volta dos 60 anos.

Camarano (2004) explica que a proporção de "idosos mais idosos", ou seja, aqueles com 80 anos ou mais, está aumentando, alterando a composição etária do grupo no Brasil. Portanto, pode-se notar que a própria população idosa também está envelhecendo. Ressalta-se também que, conforme apontado por Falcão (2012), o aumento populacional na faixa de 80 anos ou mais é majoritariamente feminino; isso está representado em amarelo-escuro na Figura 4. Os sociólogos se referem a esse fenômeno como a "feminização da velhice".

O aumento da população idosa brasileira se deve principalmente ao aumento da expectativa de vida, resultado de dois fatores: primeiro, redução da mortalidade em todas as faixas etárias, seguida de queda da natalidade. De acordo com Camarano e Kanso (2009), isso levou a uma queda nas taxas de crescimento da população na totalidade, bem como a mudanças significativas na estrutura etária do país, levando ao envelhecimento da população nacional. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015) mostram que a taxa de natalidade vem caindo desde a segunda metade da década de 1960.

Segundo Camarano e Kanso (2009), a taxa de natalidade do país atingiu taxas de reposição em menos de 40 anos. Os autores ressaltam que, conseqüentemente, a queda acelerada do crescimento populacional já está inserida na dinâmica demográfica, independentemente de como as taxas de natalidade evoluam. As altas taxas de natalidade das décadas de 1950 e 1960, caracterizadas pelas gerações "*baby boom*", bem como a redução da mortalidade em todas as faixas etárias graças aos avanços tecnológicos na saúde e à melhoria

do acesso aos cuidados de saúde, resultaram em uma aceleração do processo de envelhecimento da população. Pode-se dizer que o Brasil vivenciou o envelhecimento populacional tanto na base – ou seja, pela queda da natalidade, levando ao aumento da proporção da população mais velha – quanto na ponta, pela diminuição da mortalidade, especialmente nas faixas etárias mais avançadas, resultando em maiores níveis de longevidade (Camarano & Kanso, 2009).

Em decorrência da queda da mortalidade em todas as faixas etárias, Camarano *et al.* (2010) observaram um aumento da expectativa de vida tanto ao nascer quanto aos 60 anos. Segundo o IBGE (2020), a expectativa de vida ao nascer é em média 76,7 anos. Segundo Camarano e Kanso (2009), a expectativa de vida aos 60 anos também aumentou para uma média de 80,9 anos para ambos os sexos. Os autores resumem que, para a primeira metade do século XXI, suas projeções indicam um movimento de contração da população brasileira, acompanhado de um “superenvelhecimento”. Sobre as projeções populacionais, Camarano (2010) explica que a geração conhecida como “*baby boomers*” passa a ser os “*elderly boomers*”. A combinação da redução da taxa de natalidade com a diminuição da taxa de mortalidade levou ao aumento do número de pessoas idosas, especialmente de “idosos mais idosos”, ou seja, pessoas com 80 anos ou mais; isso é acompanhado por uma “feminização da velhice”, visto que as mulheres constituem uma proporção maior da população mais velha do que os homens (Falcão, 2012).

Outro fator sociodemográfico que deve ser considerado é a migração, tanto nacional quanto internacional. No que se refere à migração nacional, Camarano (2004) destaca que, desde 1970, observa-se uma migração da população idosa do meio rural para o urbano, provavelmente motivada pelo desejo de ter melhor acesso aos serviços de saúde. Tais movimentos migratórios da população contribuem para a hierarquia urbana. O autor destaca ainda que esse fluxo migratório interno ocorre principalmente até os 70 anos, antes de iniciar seu declínio.

Quanto à migração internacional, segundo Patarra (2003), no contexto de uma economia cada vez mais globalizada, especialmente a partir da década de 1980, observa-se cada vez mais a emigração internacional de brasileiros. A imigração de estrangeiros para o território brasileiro, por outro lado, começou durante sua colonização e posteriormente continuou, predominantemente devido ao tráfico de escravos. A abolição da escravatura no Brasil em 1888 levou a uma escassez de trabalhadores na indústria do café, resultando na imigração de trabalhadores da Europa e da Ásia, por exemplo, da Alemanha, Espanha, Itália, Japão, Portugal, Síria e Turquia (IBGE, 2000). Segundo Patarra (2003), podem ser

observados dois picos de imigração para o Brasil. O primeiro pico ocorreu entre 1890 e 1930, em grande parte devido à Primeira Guerra Mundial; o segundo pico ocorreu entre 1930 e 1950, impulsionado pelas mudanças políticas e pelas crises humanitárias que ocorreram antes, durante e após a Segunda Guerra Mundial. Acredita-se que essa história de migração internacional ocorrida ao longo da primeira metade do século XX pode ter influência na identidade cultural dos idosos que vivem hoje no Brasil, especialmente porque muitos deles podem ser imigrantes ou descendentes de imigrantes.

Diante desse cenário, é preciso considerar que o envelhecimento populacional altera não apenas a pirâmide etária do país, mas também seus sistemas de base, como a demanda por políticas públicas, as estruturas familiares e a vida dos indivíduos. Como explica Ferreira (2019), o envelhecimento abrange muito mais do que apenas aspectos demográficos; é um fenômeno complexo que atravessa múltiplas disciplinas e deve ser examinado sob múltiplos ângulos, considerando tanto aspectos histórico-culturais quanto espaço-temporais. Faleiros (2014) acrescenta que existe uma dinâmica social do envelhecimento que se situa em um contexto de mudanças sociais, não lineares e afetadas por relações de poder e produção. Em relação aos diversos contextos que permeiam a experiência do envelhecimento, na próxima seção examinaremos vários aspectos do envelhecimento no Brasil, considerando sua heterogeneidade.

1.3 Envelhecer no Brasil – heterogeneidade em idade, situação socioeconômica e saúde

Os dados demonstram que o Brasil é um país envelhecido; no entanto, é necessária uma compreensão mais profunda do que significa envelhecer no país. O grupo dos idosos compreende indivíduos com idades entre os 60 e mais de 100 anos, o que torna este grupo etário bastante heterogêneo. A experiência do envelhecimento é influenciada por uma série de variáveis, portanto, é uma experiência inerentemente única para cada indivíduo. A experiência do envelhecimento é diversa; segundo Teixeira (2008), trata-se de um processo heterogêneo que ocorre em um contexto histórico, com diversas variáveis que moldam como uma pessoa envelhece e como ela experiencia esse processo. Portanto, faz sentido falar de "velhices" no plural, para dar conta do fenômeno multifacetado que pode e deve ser visto por diferentes ângulos. Nesse sentido, segundo Faleiros (2014), é preciso buscar compreender o envelhecimento nos contextos das mudanças sociais, que não são lineares.

Brito da Motta (2019, p. 361) explica que “a velhice é plural”, pois é uma condição biossocial que se diferencia em diversos fatores, como sexo, gênero, classe social,

características étnico-raciais, e até mesmo de acordo com seus diferentes segmentos etários. A situação do Brasil traz uma heterogeneidade de fatores socioeconômicos que denotam, ainda, uma multiplicidade de formas de envelhecer e vivenciar a velhice, principalmente quando se consideram indicadores de pobreza e desigualdade como expressões de questões sociais nacionais (Teixeira, 2008). Rabinovich *et al.* (2019) apontam que, apesar do aumento da expectativa de vida em todas as faixas etárias e todas as classes sociais, não houve melhora correspondente nas condições de vida da população em geral. O processo de envelhecimento pode, portanto, reforçar as desigualdades em termos de qualidade de vida em diferentes estratos da população.

Pode-se, assim, afirmar que também há uma heterogeneidade econômica na população idosa. A situação financeira desse grupo populacional melhorou desde 1990, como apontam Doll e Cavallazzi (2017), principalmente devido às melhorias na assistência social e mudanças na política de aposentadoria. Os autores apontam que a aposentadoria é a principal fonte de renda (49%) para os idosos, seguida de um novo emprego para alguns (39%) e outras fontes (13%). Isso deixa claro que a aposentadoria é um fator econômico muito importante, não só para o próprio idoso, mas também para as famílias que vivem com ele. Camarano (2004) aponta que a pensão facilmente se torna uma importante fonte de sustento familiar, independentemente da situação de dependência do idoso em relação à família.

A aposentadoria é uma renda relativamente estável e tornou o idoso visível em uma sociedade de consumo, segundo Rabinovich *et al.* (2019). Os idosos se tornaram um grupo de consumidores valioso para a economia nacional. Eles gastam uma quantia significativa de dinheiro no setor de saúde, para serviços como fisioterapia ou medicina complementar, mas também no setor de lazer, especialmente turismo, e na educação. Os bancos também se interessaram por essa população para difundir todo o sistema de crédito, principalmente o crédito consignado. Os empréstimos consignados facilitam o acesso a empréstimos com taxas de juros favoráveis; no entanto, o risco de superendividamento por parte dos idosos não deve ser encarado com leviandade (Doll & Cavallazzi, 2017).

Segundo Teixeira (2008), há idosos em todas as faixas de renda, dos mais pobres aos mais ricos. Existe uma maior concentração no centro da distribuição do rendimento, o que provavelmente se deve à estabilidade dos rendimentos devido às aposentadorias, que em muitos casos ainda não satisfazem todas as necessidades econômicas da população mais idosa, fazendo-a recorrer para empréstimos consignados, por exemplo.

O grupo etário de idosos também é heterogêneo quanto às características de saúde, o que se reflete nos diversos graus de capacidade funcional e cognitiva dos idosos brasileiros.

Segundo Souza (2015), o perfil de saúde dos brasileiros mais idosos é comprometido por problemas de saúde, principalmente por doenças crônicas como hipertensão, problemas de coluna, artrite, doenças cardíacas e diabetes (PNAD, 2018). Debert (2019) destaca a disparidade entre os idosos retratados na mídia, que se mostram ativos e “prontos para desfrutar de um dos períodos mais felizes de suas vidas” (Debert, 2019, p. 35), e a realidade de muitos idosos, muitas vezes frágeis, com problemas de saúde e necessitando de apoio. Nesse contexto, surge a questão de como a legislação brasileira trata ou cuida da população idosa do país, com suas diversas necessidades; sendo este o foco da próxima seção deste artigo.

1.4 Políticas públicas e Legislação relativa à Pessoa Idosa no Brasil

Como destaca Souza (2015), os primeiros passos para a criação de políticas federais relativas aos idosos não foram dados até 1994. Anteriormente, havia políticas mais amplas que incluíam os idosos, mas não se relacionavam com suas necessidades específicas. Um grande passo foi dado com a Constituição de 1988, em que a saúde passou a ser um direito garantido a todos. Além disso, esse documento consagrou o dever do Estado e da família de garantir o bem-estar da população idosa. O artigo 229 afirma ser dever dos filhos adultos ajudar e apoiar os seus pais na velhice, necessidade ou doença. O artigo seguinte, 230, volta a destacar o dever da família, da sociedade e do Estado de apoiar o idoso, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo seu direito à vida. A Constituição prioriza a família como principal fonte de apoio ao idoso, colocando o Estado em segundo plano (Camarano, 2010). No entanto, cabe destacar que a Constituição também lançou as bases para a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS), que funciona desde 1990, defendendo o direito à saúde universal para todos e beneficiando pessoas de todas as idades. Além disso, o documento define as diretrizes para a segurança social, que beneficia aposentados e, conseqüentemente, idosos.

Em 1994, foi introduzida a Política Nacional do Idoso (PNI). Trata-se de um marco legal que define as políticas de assistência aos maiores de 60 anos, visando garantir seus direitos sociais, criando condições para manter sua autonomia, saúde e qualidade de vida (Souza, 2015). Embora o foco permaneça prioritariamente na assistência à família, a PNI cria alternativas, como centros sociais e assistenciais. Somente em 2004 foi criado o braço operacional da PNI. O Conselho Nacional dos Direitos do Idoso (CNDI) é membro da

Secretaria Nacional de Direitos Humanos e é responsável pela supervisão e avaliação da PNI, para torná-la efetiva nos níveis estadual e municipal.

Em 1999, foi instituída a Política Nacional da Saúde do Idoso (PNSI), para garantir a "preservação da autonomia das pessoas na defesa de sua integridade física e moral" (Brasil, 1999, p. 1) por meio do cuidado, ações preventivas, assistenciais e de reabilitação para a população idosa. A prioridade passou a ser sobre aumentar a expectativa de vida investindo na capacidade funcional dos idosos para uma melhor qualidade de vida (Souza, 2015).

Outro marco legal muito importante foi a publicação do Estatuto do Idoso, em 2003, que consolida em um único documento muitas das leis e políticas aprovadas anteriormente, bem como novas contribuições, visando ao bem-estar dos idosos (Camarano & Pasinato, 2004). Segundo Souza (2015), o Estatuto dividiu a responsabilidade pela garantia dos direitos do idoso entre a família e o governo, priorizando novamente o cuidado no âmbito familiar. Entretanto, Groisman (2014) destaca que, para que as necessidades do idoso sejam atendidas satisfatoriamente, a família não pode ser a única provedora do cuidado. De modo geral, pode-se dizer que o Brasil avançou no estabelecimento de políticas sociais e na oferta de serviços de saúde para idosos. No entanto, essas regras legais ainda são insuficientemente implementadas. Assim, na atualidade, a família ainda aparece como a principal fonte de apoio dos idosos, sendo necessário um olhar mais atento sobre o papel dos idosos nas suas famílias, assim como o papel das famílias para a pessoa idosa.

1.5 Envelhecimento na Família – Apoio e Dependência

Os relacionamentos mais importantes para os idosos geralmente são os familiares e amigos próximos (Falcão, 2012). No entanto, ao longo do processo de envelhecimento, ocorrem mudanças nas redes sociais e de apoio, devido a situações como aposentadoria, perdas, morte do companheiro, eventos familiares, fatores econômicos, problemas de saúde ou migração. Portanto, são vários os fatores que influenciam a vida familiar dos idosos, sendo importante destacar que os idosos também influenciam suas famílias.

Conforme referido anteriormente, juridicamente, o bem-estar dos idosos ainda está nas mãos das suas famílias e, apenas secundariamente sob responsabilidade do Estado, nos casos em que não existam familiares disponíveis. Nesse sentido, Falcão (2012) destaca que as famílias atuais enfrentam importantes desafios decorrentes das demandas da velhice. O autor explica que a resposta que cada família dará a esta fase do ciclo de vida decorrerá das relações, vínculos e padrões familiares anteriores a esta fase, e como se adaptam às novas

exigências. Rabinovitch *et al.* (2019) observaram que os idosos consideram suas famílias muito importantes por dois motivos: são suas famílias que cuidam deles, mas também se tornam sua razão de viver. No entanto, cabe destacar que o funcionamento efetivo das famílias com idosos vai além da estrutura familiar imediata, exigindo uma rede de apoio informal, composta por parentes, amigos, voluntários ou grupos religiosos, além de fácil acesso aos serviços de saúde e recursos da comunidade (Rabelo & Neri, 2014). No entanto, a família continua sendo central no apoio ao idoso, muitas vezes gerenciando toda a rede de apoio de terceiros.

Falcão (2012) examina a complexidade das relações entre os idosos e suas famílias. Especificamente, em que medida o apoio oferecido pela família – invocando no idoso o sentimento de ser amado, cuidado, valorizado e parte importante da rede familiar – pode vir de um sentimento de obrigação, como a responsabilidade da família de cuidar dos idosos está ancorada também na legislação brasileira. A autora destaca a importância de refletir sobre quais condições propiciam o enquadramento ideal para que uma família exerça sua função de cuidado, concluindo que cada caso deve ser avaliado com suas particularidades e relações distintas, considerando relações anteriores à situação atual.

A questão da dependência da pessoa idosa também deve ser brevemente explorada. No contexto brasileiro, a dependência é entendida como a falta de autonomia para a realização das atividades da vida diária. Segundo Miranda (2014), existem duas situações de dependência no idoso: dependência por distúrbios cognitivos, como a Doença de Alzheimer; ou por problemas de saúde incapacitantes, ou seja, o idoso permanece lúcido, mas necessita da ajuda de outras pessoas para realizar as atividades da vida diária. Nota-se que a dependência parece ser o foco da preocupação social brasileira, visto que as políticas nacionais focam tanto em idosos com autonomia plena, quanto em sua recuperação (Debert, 2019). Ainda assim, é preciso questionar até que ponto o foco na independência/autonomia pode impedir, ou travar a possibilidade de solidariedade entre gerações.

Enquanto a dependência, vista do ponto de vista funcional, ocorre do idoso para suas famílias, o cenário brasileiro também apresenta a possível dependência financeira das famílias para com seus idosos. Segundo Camarano (2020), a renda dos idosos por meio de suas aposentadorias é uma importante fonte de sustento para as famílias brasileiras. Os idosos contribuem com 70,6% do rendimento familiar, correspondendo a cerca de 62,5% das suas aposentadorias. Doll e Cavallazi (2017) destacam que as aposentadorias são vistas como uma renda segura e confiável, o que se tornou especialmente importante na economia atual. Apontam também que há transferências financeiras entre gerações, geralmente por mútuo

acordo, vistas como vantajosas para os envolvidos. O esperado “ninho vazio” abre espaço para um possível lar multigeracional em que o idoso desempenha o papel de provedor. Isso inverte o esperado conceito de dependência, pois, neste caso, é a família que depende do idoso, do ponto de vista financeiro. A constelação onde várias gerações coabitam no mesmo domicílio, seja por questões financeiras, seja por questões de conservação da instituição familiar, torna-se cada vez mais comum no Brasil (Wozniak & Falcão, 2016). É possível que outras estruturas familiares evoluam em torno do cuidado do idoso. Assim, as famílias aparecem em uma infinidade de configurações e estruturas diferentes, destacando a necessidade de um olhar mais atento sobre essas famílias. Brito da Motta (2019) explica que o cenário familiar evoluiu com o surgimento de novos papéis, que podem se sobrepor; além disso, esses papéis são vivenciados por um período mais longo.

1.6 Os papéis da pessoa idosa na família: expectativas com vistas ao papel de bisavós

Com base neste contexto sociodemográfico, torna-se evidente a possibilidade de uma duração mais longa de determinados papéis familiares, de vivenciar novos papéis na família e de maior interação intergeracional.

Brito da Motta (2010) descreve a família multigeracional distinguindo vários segmentos geracionais: os muito idosos, que podem atingir o *status* de centenários, ou seja, bisavós, seguidos pela geração de seus filhos idosos, por vezes referida como a “geração sanduíche”, muitas vezes cuidadores, que também sustentam seus pais, filhos e netos. Como consequência, existem vários níveis de relacionamentos e inter-relações entre esses vários papéis familiares que caracterizam o sistema multigeracional. Harper (2006) aponta que os indivíduos envelhecem com mais conexões verticais do que horizontais na família e passam mais tempo desempenhando papéis intergeracionais do que nunca.

O papel familiar dos avós e, possivelmente, dos bisavós, torna-se uma expectativa para os idosos brasileiros (Falcão, 2012). Devido às mudanças sociodemográficas, há uma tendência de maior número de avós e netos no país (IBGE, 2010). Devido ao aumento da expectativa de vida no país, pode-se inferir que os idosos terão a oportunidade de vivenciar o papel de avós por mais tempo, inclusive vendo seus netos se tornarem adultos, abrindo assim a possibilidade de vivenciar o papel de bisavós também.

No entanto, cabe destacar que, com a queda da taxa de natalidade, a vivência da bisavosidade pode estar embutida em alguns fatores específicos. Em sua análise das idades médias em que as mulheres brasileiras dão à luz seu primeiro filho, Ribeiro *et al.* (2019)

apontam a baixa taxa de natalidade e o adiamento do primeiro filho no Brasil. Os autores explicam que, na década de 1980, a média de idade em que as brasileiras deram à luz ao primeiro filho era de 23,5 anos; na década de 1990, eram 23,1 anos; nos anos 2000, 22,9; chegando aos 24 anos em 2010. Além disso, no último censo, houve queda na proporção de mães que tiveram filhos na faixa dos 20 anos e aumento no número de primíparas com 30 anos ou mais (IBGE, 2017).

Apesar do aumento da idade em que as brasileiras têm filhos, devido a maior longevidade das pessoas mais velhas, é totalmente realista que muitas delas se tornem bisavós. Fazendo uma breve projeção das idades médias em que as mulheres têm filhos, tomemos como exemplo uma mulher X nascida na década de 1960. Podemos supor que ela teria tido sua primeira filha em 1983 aos 23 anos. Essa filha, teria tido sua primeira filha em 2006, também aos 23 anos, tornando a mulher X avó aos 46 anos. Mesmo que a neta adie ter filhos até os 30 anos, ela pode ter seu primeiro filho em 2036, somando mais uma geração à família e tornando a mulher X bisavó aos 76 anos. Devido ao aumento da expectativa de vida no Brasil, esse é um cenário realista.

Embora muitas mulheres brasileiras estejam retardando a primeira gravidez, levando ao aumento da idade média em que têm filhos, ainda há um grande número de mulheres que se tornam mães antes dos 20 anos. Em 2018, o IBGE registrou 414.866 casos de mulheres que se tornaram mães entre 15 e 19 anos no país e 18.231 casos com menos de 15 anos. Se considerarmos a família de uma jovem que se torna mãe ainda na adolescência, pode-se supor que seus avós podem muito bem ser “jovens bisavós”, assumindo este novo papel intergeracional em uma idade bastante jovem. Nesse contexto, o papel dos bisavós não está necessariamente ligado à idade cronológica avançada e pode ser vivenciado por adultos que sequer são considerados idosos.

Como se pode observar, o papel dos bisavós no Brasil é bastante heterogêneo: pode ser vivenciado por pessoas de diversas idades, em diversos contextos socioculturais e diferentes estruturas familiares, resultando em experiências psicológicas únicas para os indivíduos que vivenciam o papel. Assim, em resposta à questão do título do presente artigo se pode afirmar: sim, os bisavós existem no Brasil e desempenham um papel relevante na sociedade; no entanto, existem diversas variáveis que devem ser levadas em consideração. Como Papalia *et al.* (2006) observam, o papel dos bisavós é relativamente novo, levando a muitas questões sobre seu significado para o próprio indivíduo, mas também para sua família e sociedade brasileira. Na próxima seção, são apresentadas de forma sucinta, importantes pesquisas brasileiras sobre o tema bisavós para melhor compreender esse papel.

1.7 Bisavós no Brasil – O que sabemos?

A literatura científica sobre o papel dos bisavós no Brasil ainda é limitada, com o primeiro artigo sobre o tema publicado em 2007; portanto, ainda se sabe pouco sobre o papel. No entanto, o interesse pelo tema vem crescendo, atrelado ao envelhecimento da população do país. A primeira pesquisa sobre o papel dos bisavós foi realizada em Recife por Dias e Pinto (2007). As pesquisadoras realizaram um estudo qualitativo sobre o papel dos bisavós e sua relação com os bisnetos, do qual participaram 21 bisavós com idade média de 77 anos. As autoras constataram que o papel dos bisavós se destaca por ter um alto valor simbólico, destacando sentimentos positivos relacionados à longevidade, orgulho e satisfação. Apontaram, também, para um *status* especial do papel dos bisavós, numa perspectiva emocional e simbólica. O estudo destaca que, devido à idade, os bisavós possivelmente prestam cuidados mais expressivos e emocionais, pois possuem limitações físicas que dificultam o contato com os bisnetos (Dias & Pinto, 2007).

Posteriormente, Rabinovich *et al.* (2014) realizaram uma pesquisa descritiva na Bahia com 50 bisnetos, entrevistados acerca de sua percepção sobre seus bisavós. Os resultados demonstram que os bisavós contribuem muito para o cotidiano familiar. As autoras discutem como os bisavós aproximam as crianças da noção de temporalidade e até da morte, uma vez que parecem ainda mais idosos que os avós. Nesse sentido, a morte dos bisavós pode ser a primeira experiência da criança com a perda de um familiar e o conseqüente luto. As crianças também podem experimentar uma mudança de posição de netos para bisnetos. Além disso, destacou-se que os bisavós transmitem um legado geracional que faz parte da memória familiar e contribui para o dia a dia da família. Os bisavós são vistos na perspectiva da longevidade, como os fundadores da família, proporcionando uma maior sensação de temporalidade: “[...] a característica mais evidente da existência dos bisavós é a extensão dos filhos na compreensão da temporalidade” (Rabinovich *et al.*, 2014, p. 196). Sua pesquisa também distinguiu dois tipos de bisavós: “mais que avós” e “no lugar de avós”: os “mais que avós” eram geralmente mais idosos e precisavam de mais ajuda, mas contavam mais histórias; os “no lugar dos avós” eram mais jovens e ainda capazes de cuidar dos bisnetos.

A pesquisa de Schuler e Dias (2018), realizada em Recife, objetivou compreender o papel dos bisavós e o impacto das diversas relações estabelecidas com membros de diferentes gerações em suas famílias. Essa pesquisa foi um estudo de casos múltiplos com três famílias multigeracionais, totalizando doze participantes. As autoras chegaram a resultados que denotam uma participação ativa dos bisavós em suas famílias de forma emocional e afetiva.

Os bisavós dão suporte às gerações mais jovens, principalmente por meio de conversas com seus filhos, netos e bisnetos. Os bisavós brincam com os bisnetos, muitas vezes brincadeiras mais antigas da própria infância, como brincar na rua, ou até mesmo fazer uma casinha de madeira para um bisneto. Eles ainda contam muitas histórias, fazem caminhadas, tiram fotos e cozinham os pratos preferidos dos netos e bisnetos. É interessante notar que também houve apoio financeiro, dado pelos bisavós às respectivas famílias. As autoras também destacaram a relação intergeracional que é proporcionada principalmente pelas visitas feitas por filhos, netos e bisnetos aos bisavós. Por fim, quanto ao significado de ser bisavô, todos os participantes atribuíram sentimentos de transcendência, lembranças, bênção, gratidão, presente, oportunidade de recomeço e renascimento, ao se tornarem bisavós.

No momento da redação deste artigo, os três artigos descritos acima foram os únicos encontrados sobre o tema bisavós no Brasil. Destaca-se que todos eles foram realizados no Nordeste do Brasil e utilizaram metodologias qualitativas. Outro dado importante é que todos tratam prioritariamente de bisavós na velhice mais avançada, possivelmente devido aos critérios de inclusão das respectivas investigações.

Ainda há grande necessidade de pesquisas sobre o tema bisavós, especialmente levando em conta a natureza heterogênea do envelhecimento e a variedade de estruturas familiares no país. Conforme as previsões de Dias *et al.* (2018), mais brasileiros do que nunca assumirão o papel de bisavós à medida que a expectativa de vida da população aumenta. Áreas interessantes que requerem mais pesquisas são, por exemplo: a relação entre bisavós e seus bisnetos, bisavós que criam seus bisnetos e o papel dos bisavós mais jovens.

1.8 Reflexões finais

Este artigo de revisão buscou explorar o fenômeno do envelhecimento populacional no Brasil de modo a compreender o contexto sociodemográfico que permite que o papel dos bisavós se desenvolva e floresça neste país. Os dados apontam para um processo de envelhecimento bastante acelerado, que chama a atenção nos últimos 50 anos. Esse fenômeno se deve principalmente à redução da taxa de mortalidade para todas as faixas etárias, aliada à queda da taxa de natalidade. Essa queda na taxa de natalidade pode levar a questionamentos sobre a relevância do tema do artigo, pois traz à tona como é possível vivenciar o papel de bisavós se as mulheres brasileiras estão esperando mais tempo para ter filhos, além de ter um número menor de filhos. Apesar da queda da taxa de natalidade, a presença de bisavós no Brasil é uma realidade, devido ao aumento da expectativa de vida dos idosos. Além disso,

deve-se considerar que o papel dos bisavós não está necessariamente vinculado a uma idade cronológica específica. Devido ao fato de a porcentagem de mulheres brasileiras que têm filhos antes dos 20 anos ainda ser considerável, há a possibilidade de se tornarem "jovens bisavós".

Ao examinar os bisavós mais idosos, que já estão no estrato considerado "idoso" no Brasil, observa-se pronunciada heterogeneidade em termos de fatores socioeconômicos, condições de saúde, antecedentes familiares e histórias de vida pessoal. Graças a certa estabilidade financeira conquistada com suas aposentadorias, não é incomum que brasileiros mais velhos contribuam financeiramente para suas famílias, às vezes até as sustentando e tornando financeiramente dependentes do(s) familiar(es) mais velho(s). Por outro lado, problemas de saúde podem fazer com que os idosos dependam da ajuda de seus familiares para a realização das atividades da vida diária. Isso levanta a questão se o idoso é dependente de sua família, ou vice-versa. De qualquer forma, a família desempenha um papel essencial na vida do idoso, especialmente por juridicamente ser considerada a principal fonte de apoio do idoso. O caráter exato desse apoio depende de uma série de variáveis, caracterizadas por cada família, bem como da história de vida da pessoa idosa.

Conclui-se que existe todo um contexto sociodemográfico, cultural e histórico que não apenas possibilita a vivência do papel dos bisavós, mas também a influencia. A queda da taxa de mortalidade, acompanhada do aumento da expectativa de vida, aliada aos avanços nos serviços de saúde e nas políticas públicas, levaram a uma maior longevidade no Brasil. Esse envelhecimento populacional, aliado à verticalização das estruturas familiares, fez emergir o papel dos bisavós no Brasil.

Esses desenvolvimentos sociodemográficos que estão ocorrendo no Brasil já foram observados em outros países, como, por exemplo, nos EUA. Essas mudanças sociodemográficas nos EUA levaram a um interesse pelo papel dos bisavós, marcado pela publicação de vários trabalhos de pesquisa entre as décadas de 1980 e 2000 (Barer, 2001; Doka & Mertz, 1988; Drew & Silverstein, 2004; Reese & Murray, 1996; Wentowsky, 1985). No Brasil, esse interesse incipiente, observado na pesquisa sobre o papel dos bisavós a partir de 2007, concentrou-se até agora no Nordeste do país (Dias & Pinto, 2007; Rabinovich *et al.*, 2014; Schuler & Dias, 2018). Pode-se, portanto, inferir que este é um momento específico em que esse papel pode ser vivenciado devido a fatores sociodemográficos.

Nesse sentido, há certa urgência para pesquisas nesse campo, uma vez que viver nesse cenário sociodemográfico facilita a possibilidade de vivenciar o papel dos bisavós no Brasil. O papel dos bisavós pode aumentar ou se esconder novamente, dependendo da evolução

sociodemográfica futura. Embora o aumento da longevidade possa prolongar a possibilidade de vivenciar esse papel, a taxa de natalidade pode diminuir ainda mais, levando a uma menor probabilidade da experiência multigeracional entre quatro gerações. Vale ressaltar que a presente pesquisa teve como objetivo apenas explorar o contexto sociodemográfico da bisavosidade; no entanto, ainda existem elementos específicos de cada vivência dos bisavós que devem ser levados em consideração e requerem maiores investigações.

Este artigo de revisão apresenta limitações devido à falta de literatura e de dados sociodemográficos sobre idosos no Brasil. No entanto, acreditamos que o atual contexto intergeracional motiva o desenvolvimento de novas pesquisas sobre o papel dos bisavós e suas nuances na família e além dela, principalmente devido à escassez de literatura atual. Além disso, ressalta-se a necessidade de um olhar mais atento à sociedade dado que a população idosa requer a criação e implementação de novas políticas públicas, bem como apoio psicológico para eles e suas famílias.

Referências

- Alves, J. E. D. (2019). *Envelhecimento populacional no Brasil e no mundo*. <https://www.portaldoevelhecimento.com.br>
- Arantagy, L. R., & Posternack, L. (2012). *Livro dos avós: na casa dos avós é sempre domingo*. Prima-vera Edu.
- Ayalon L. (2020). There is nothing new under the sun: ageism and intergenerational tension in the age of the COVID-19 outbreak. *Int Psychogeriatr*, 1(1), 1-4. <https://doi.org/10.1017%2FS1041610220000575>
- Barer, B. M. (2001). The “grands and greats” of very old black grandmothers. *Journal of Aging Studies*, 15(1), 1-11.
- Brasil (1999). Ordinance 1395 of December 10, 1999, approved the *National Policy of the Health of older adults*. <https://www.planalto.com.br>
- Brito da Motta, A. (2010). A família multigeracional e seus personagens. *Revista Educação Social*, 31(111), 435-458. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302010000200008>
- Brito da Motta, A. (2019). Envelhecimento e Família: aportes sociológicos. In E.P. Rabinovich., L.V.C. Moreira., E.S. Brito., & M.M. Ferreira. *Envelhecimento e Intergeneracionalidade: olhares interdisciplinares*. (pp. 359-376). Editora CRV.
- Camarano, A.A., & Pasinato, M.T. (2004). O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. In A. A. Camarano. *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* (pp. 253-292). IPEA.

- Camarano, A. A. (2004). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60*. Rio de Janeiro: IPEA.
- Camarano, A. A., & Kanso, S. (2009). *Perspectivas de crescimento para a população brasileira: velhos e novos resultados*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).
- Camarano, A. A. (2010). *Cuidados de Longa Duração para a pessoa idosa: um novo risco social a ser assumido?* Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).
- Camarano, A. A. (2020). Os dependentes da renda dos idosos e o coronavírus: órfãos ou novos pobres? *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(2), 4169-4176. https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.2.30042_020
- Castañeda-García, P.V., Cruz-Santana, V., Hernández-Garrido, F., Díaz-Rodríguez, P., & Romero-González, S. (2021). Which activities do great-grandparents and great-grandchildren share in family contexts? An analysis of a new intergenerational relationship. *Annals of Psychology*, 37(2), 265-275. <https://doi.org/10.6018/analesps.355631>
- Connor, K. A. (2013). *Continuing to care: older americans and their families in the 21st century*. Palmer Press.
- Debert, G.G. (2019). O corpo e a reinvenção da velhice. In E.P. Rabinovich, L.V.C. Moreira, E.S. Brito, & M.M. Ferreira. *Envelhecimento e Intergeracionalidade: olhares interdisciplinares* (pp. 21-40). Editora CRV.
- Dias, C.M. S. B. (2015). As relações intergeracionais na família: desafios e possibilidades. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Família e casal, parentalidade e filiação em diferentes contextos* (pp. 93-102). Editora Prospectiva
- Dias, C. M. S. B., & Pinto, V. C. (2007). A percepção dos bisavôs sobre seu papel. *Revista De Enfermagem UFPE onLine*, 1(2), 198-203.
- Dias, C. M. S. B., Azambuja, R.; Rabinovich, E., & Bastos, C. B. (2018). Grandparents in Brazil: The contexts of care and economic support for grandchildren. In D.W. Schwalb & Z. Hossain. *Grandparents in cultural context*. Routledge, 60-80. https://doi.org/10.4324/9781315642_284-4.
- Doll, J., & Cavallazzi, R. L. (2017). Crédito consignado e o superendividamento dos idosos. *Revista de Direito do Consumidor*, 107(1), 309–341.
- Doka, K. J., & Mertz, M. E. (1988). The meaning and significance of greatgrandparenthood. *The Gerontologist*, 28(2), 192-197.
- Drew, L. M., & Silverstein, M. (2004). Intergenerational role investments of great-grandparents: Consequences of psychological well-being. *Ageing and Society*, 24(1), 95-111. <https://doi.org/10.1017/S0144686X03001533>

- Even-Zohar, A., & Garby, A. (2016). Great-grandparents' role perception and its contribution to their quality of life. *Journal of Intergenerational Relationships*, 14(3), 197-219. <https://doi.org/10.1080/15350770.2016.1195246>
- Falcão, D.V.S. (2012). A pessoa idosa no contexto da família. In M.N. Baptista & M.L.M. Teodoro (Orgs). *Psicologia da Família: teoria, avaliação e intervenção* (pp. 100-111). Artmed.
- Falcão, D. V. S., Nunes E. C. R. C., & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2020). COVID-19: Repercussões nas relações conjugais, familiares e sociais de casais idosos em distanciamento social. *Revista Kairós-Gerontologia*, 23(8), 531-556.
- Faleiros, V. P. (2014). Envelhecimento no Brasil do século XXI: transições e desafios. *Revista Argumentum*, 6(1), 6-21.
- Ferreira, D.S. (2019). Dilemas entre teoria e prática no processo de envelhecimento no Brasil. In *Abstract book of the 16th Brazilian Conference of Social Workers*, pp. 1-10.
- Fundação Oswaldo Cruz (2021). *O que é pandemia?* <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>
- Grünheid, E., & Scharein, M.G. (2011). On developments in the mean joint lifetime of three- and four-generation families in Western and Eastern Germany: A model Calculation. *Comparative Population Studies*, 3(1), 41-76. <https://doi.org/10.4232/10.CpoS-2011-01en>
- Groisman, D. (2014). Saúde mental e envelhecimento: um passo necessário para as políticas públicas. In Jorge, M. A. S., Carvalho, M. C. A., & Silva, P. R. F. *Políticas e cuidado em saúde mental: contribuições para a prática profissional*. (pp. 255-277). Editora Fiocruz.
- Gomes, I. C., & Zanetti, S. A. S. (2009). Transmissão psíquica transgeracional e construção da subjetividade: relato de uma psicoterapia psicanalítica vincular. *Revista de Psicologia USP*, 20(1), 93-108.
- Harari, Y. N. (2021). *Admirável Futuro Novo*. (Palestra on-line) Pós Puc Digital: Saúde mental e desenvolvimento humano.
- Harper, S. (2006) Papéis dos avós nas famílias multigeracionais dos nossos dias. *Revista Povos e Culturas*, 10(1), 25-38.
- Harper, S. (2021). The Impact of the Covid-19 Pandemic on Global Population Ageing. *Journal of Population Ageing*, 14(1), 137-142. <https://doi.org/10.1007/s12062-021-09330-w>
- Holmes, E. A., O'Connor, R. C., Perry, V. H., Tracey, I., Wessely, S., Arseneault, L., Ballard, C., Christensen, H., Cohen Silver, R., Everall, I., Ford, T., John, A., Kabir, T., King, K., Madan, I., Michie, S., Przybylski, A. K., Shafran, R., Sweeney, A., Worthman, C. M., ... Bullmore, E. (2020). Multidisciplinary research priorities for the COVID-19

pandemic: a call for action for mental health science. *The Lancet: Psychiatry*, 7(6), 547-560. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30168-1](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30168-1)

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2000). *Censo demográfico 2000*. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/administracao-publica-e-participacao-politica/9663-censo-demografico-2000.html?=&t=destaques>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Censo demográfico*. <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2015). *Censo demográfico*. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao.html>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2017). *Censo demográfico*. www.Ibge.gov.br
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020). *Censo demográfico*. <https://www.ibge.gov.br>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (n.d.). *Censo demográfico*. <https://www.ibge.gov.br>
- Linhares, M. B. M., & Enumo, S. R. F. (2020). Contribuições da Psicologia no contexto da Pandemia da COVID-19: seção temática. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 37. e200110. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037200110e>
- Mahne, K., Klaus, D., & Engstler, H. (2018). Grandparenthood in Germany: Intimacy at a Distance or Emeritus Parents? In D.W. Schwalb & Z. Hossain. *Grandparents in cultural context* (p. 83-110). Routledge.
- Meneses, A. F. (2012). Os avós na sociedade contemporânea. In Ramos, M., Marujo, M. & Baptista, A. *A voz dos avós: migração, memória e patrimônio cultural*. Coimbra. (pp. 23-32) Gráfica de Coimbra 2.
- Mietkiewicz, M. C., & Venditti, L. (2004). Great-grandfathers from their great-grandchildren's point of view. *Psychology Neuropsychiatry Viellissement*, 2(4), 275-283.
- Miranda, L. (2014). *Envelhecimento e Dependência*. www.portaldoenvelhecimento.com.br
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento humano*. Artmed.
- Patarra, N. L. (2003). Movimentos migratórios no Brasil: tempos e espaços. *Textos Para Discussão Ence, Rio de Janeiro*, 7(1), 1-55.
- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. (2018). <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=o-que-e>

- Puur, A., Sakkeus, L., Poldma, A., & Herm, A. (2011). Intergenerational family constellations in contemporary Europe: evidence from the generations and gender survey. *Demographic Research*, 25(4), 135-172.
- Rabelo, D. F., & Neri, A. L. (2014). A complexidade emocional dos relacionamentos intergeracionais e a saúde mental dos idosos. *Pensando em Famílias*, 18(1), 138-153.
- Rabinovich, E. P., Azambuja, R. M. M., & Moreira, L. V. C. (2014). O significado de bisavós para crianças baianas. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 17(1), 179-199. <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2014v17i1p179-199>
- Rabinovich, E. P., Moreira, L. V. C., & Fornasier, R. C. (2019). Envelhecimento e velhice: pessoa e família. In E. P. Rabinovich, L. V. C. Moreira, E. S. Brito & M. M. Ferreira (Eds.), *Envelhecimento e Intergeracionalidade: olhares interdisciplinares* (pp. 41-58). Editora CRV.
- Ramos, N. (2012). Avós e netos através das imagens e das culturas. In N. Ramos., M. Marujo, & A. Baptista. *A voz dos avós: migração, memória e patrimônio cultural* (pp. 33-56). Gráfica de Coimbra.
- Ramos, N. (2017). Comunicação em saúde, interculturalidade e competências: desafios para melhor comunicar e intervir na diversidade cultural em saúde. In M. L. Rangel., & N. Ramos (Org.). *Comunicação e saúde: perspectivas contemporâneas* (pp. 149-172). EDUFBA.
- Reese, C. G., & Murray, R. B. (1996). Transcendence: The meaning of great-grandmotherhood. *Archives of Psychiatric Nursing*, 10(4), 245-251. [https://doi.org/10.1016/s0883-9417\(96\)80030-6](https://doi.org/10.1016/s0883-9417(96)80030-6)
- Ribeiro, A. M., Garcia, R. A., & Faria, T. C. A. B. (2019). Baixa fecundidade e adiamento do primeiro filho no Brasil. *Revista brasileira de Estudos Populacionais*, 36(1), 1-18. <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0080>
- Roberto, K. A., & Skoglund, R. R. (1996). Interactions with grandparents and great-grandparents: a comparison of activities, influences, and relationships. *International Journal of Aging and Human Development*, 43(1), 107-117.
- Rocha, F. A. (2020). *COVID-19 e Vida Conjugal: O Distanciamento Social Produz Problemas Conjugais ou Revela Problemas Preexistentes?* <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br>
- Rodrigues, J. P. V. (2013). *Os avós na família e sociedades contemporâneas: uma abordagem intergeracional e intercultural* [Tese de Doutorado em Psicologia Intercultural]. Universidade Aberta de Portugal.
- Schuler, E., & Dias, C. M. S. B. (2019). Entre ficção e realidade: A relação intergeracional entre bisavós e bisnetos. *Atas Do VII Congresso Ibero-americano de Investigação Qualitativa: Investigação em Saúde*, 1(2), 499-508.

- Schuler, E., & Dias, C. M. S. B. (2018). “Geração Sobremesa”: estudo de casos múltiplos acerca do papel dos bisavós na família multigeracional. *Atas Do VI Congresso Ibero-americano de Investigação Qualitativa: Investigação em Saúde, 1(2)*, 1507-1518.
- Sousa, L. (2006). Avós e Netos: uma relação afetiva, uma relação de afetos. In J. M. Oliveira. *Povos e Culturas: os avós como educadores*. Gráfica Universidade Católica Portuguesa.
- Souza, M. S. (2015). Desafios do envelhecimento populacional: como as legislações destinadas aos idosos têm lidado com essa nova demanda? *Estudos Interdisciplinares Do Envelhecimento, 20(1)*, 159-175.
- Teixeira, S. M. (2008). *Envelhecimento e trabalho no tempo de capital: implicações para a proteção social no Brasil*. Cortez.
- United Nations (2019). *World Population prospects*. <https://population.un.org/wpp/>
- Veras, R. (2009). Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. *Revista de Saúde Pública, 43(3)*, 548-554.
- Vicente, H. M. T. (2010). *Família multigeracional e relações intergeracionais: perspectiva sistêmica* [Tese de Doutorado em Ciências da Saúde]. Universidade de Aveiro.
- Vicente, H. M. T., & Sousa, L. (2010). Funções na família multigeracional: contributo para a caracterização funcional do sistema familiar multigeracional. *Psychologica, 53(1)*, 157-181.
- Ward, M., & Belanger, M. (2010). *The Family Dynamic: a canadian perspective*. Nelson Education.
- Wentowsky, G. (1985). Older women’s perceptions of great-grandparenthood: A research note. *The Gerontologist, 25(6)*, 593-596.
- Wozniak, D., & Falcão, D. V. S. (2016). Idosos Centenários: a importância de recursos individuais psicológicos e familiares para o bem-estar. In D. V. S. S. Falcão., L. F. Araújo, & J. da S. Pedroso, *Velhices: temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar* (pp. 49-70). Editora Alínea.

ARTIGO II

O QUE SABEMOS SOBRE BISAVÓS? UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Emily Schuler, Cristina Maria de Souza Brito Dias, Marisa Sampaio Cunha

**Este artigo foi “aceito com revisões” e se encontra nesse processo na Revista Kairós*

Resumo: O objetivo deste estudo foi pesquisar sobre ser bisavós nas relações intergeracionais, por meio de uma revisão sistemática. A busca foi realizada nas seguintes bases de dados: Periódicos Capes, Pepsic, Scielo, Latindex, DOAJ, Pubmed, PsycNET, Redalyc e o banco de dados de teses e dissertações. Doze artigos foram selecionados para análise. Os resultados apontam que o papel de bisavós estaria relacionado à velhice avançada, entrelaçado na Intergeracionalidade, com objetivo principal de transmitir legados às próximas gerações.

Palavras-chave: Bisavós. Família. Relações intergeracionais. Revisão sistemática.

1 Introdução

Mediante a tendência mundial de envelhecimento acelerado, observa-se que o Brasil segue a mesma de forma bastante acelerada (Organização das Nações Unidas [ONU], 2019). A confluência da queda da taxa de mortalidade e consequente aumento na expectativa de vida, aliados aos avanços nos serviços de saúde e políticas públicas, inauguram a possibilidade de envelhecer cada vez mais no país, abrindo-se também a possibilidade de se tornarem bisavós (Schuler, 2021). Minayo e Firmo (2019) pontuaram que o país já ultrapassou o marco de 30 milhões de idosos, sendo que o segmento que mais cresce é o de 80 anos ou mais (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2017). Ocorre, portanto, uma emergência dos idosos mais idosos, denominados de “quarta idade” por Minayo e Firmo (2019), ou ainda da geração dos bisavós (Otero, 1999). Valhondo *et al.* (2006) apontam que o se tornar bisavós está cada vez mais possível devido aos novos padrões de longevidade. Os autores ressaltam que os bisavós de hoje são semelhantes aos avós do passado, assim como os avós de hoje se assemelham aos pais do passado. Todavia, ainda ficam questionamentos acerca dos bisavós na família (Papalia *et al.*, 2017) e possivelmente além dela, o que justifica o presente estudo.

Ser bisavós aparece entrelaçado às relações intergeracionais, uma vez que apresenta, no mínimo, três ligações verticais na família, isto é, a ligação de pais, avós e bisavós. De modo poético popular fala-se que ser bisavós se compararia a ser mãe três vezes ou ainda a ser “avós com açúcar”. Ressalta-se que os bisavós viveram quatro gerações e demarcam o

início de uma árvore genealógica, podendo ser assemelhados às raízes de uma família ou, ainda, à memória viva, tanto da família em questão, como também de acontecimentos sócio-históricos. A simples presença dos bisavós na família e na sociedade traz uma noção de circularidade, dado que há sempre um olhar para o passado e também para o futuro (Cervený & Berthoud, 2010), conectando-se em um tempo histórico contínuo. Trata-se de um entrecruzar de tempos, tanto no sentido subjetivo dos bisavós, que precisam assemelhar tantas tendências e concepções passadas e futuras, como também em nível intersubjetivo, uma vez que seu contato envolverá inúmeras relações com diferentes gerações.

Schuler e Dias (2018), Dias e Pinto (2007) e Rabinovich *et al.* (2014) apontam que as atividades desempenhadas pelos bisavós envolvem conversas, orações e conselhos para com filhos, netos e bisnetos, constituindo uma forma de apoio emocional. Dias e Pinto (2007) explicam que esse apoio também, às vezes, se dá de forma financeira. Reese e Murray (1996), bem como Doka e Mertz (1988) argumentaram que o apoio emocional e financeiro faz com que os bisavós possam ir além de sua própria geração e, assim, transmitam valores familiares que permanecem. De acordo com Valhondo *et al.* (2006), os bisavós podem contribuir de forma econômica, afetiva e social para o equilíbrio da família e da sociedade.

Todavia, acreditamos que diversas variáveis, tais como idade, estado de saúde, gênero ou distância geográfica irão influenciar em como as relações com os bisavós se constroem. Neste intercâmbio entre gerações podem ocorrer choques geracionais, por diferentes concepções acerca de assuntos contemporâneos e passados. O convívio dos bisavós com as demais gerações em sua família e além dela certamente abre múltiplas possibilidades tanto para diálogo, como para possíveis ressignificações (Ramos, 2012). Neste sentido, o objetivo deste estudo foi pesquisar sobre ser bisavós nas relações intergeracionais que ocorrem na família, por meio de uma revisão sistemática.

2.2 Método

2.2.1 Delineamento e procedimentos de pesquisa

Este artigo apresenta uma revisão sistemática de literatura, que busca contribuir para a extração dos principais aportes e limitações dos estudos para o campo do conhecimento, essencial para a pesquisa e a prática profissional (Ossó, 2014). Esta pesquisa teve como pergunta norteadora: “O que sabemos sobre o papel de bisavós?”.

Esta pesquisa foi realizada mediante uma busca eletrônica realizada entre agosto e dezembro de 2019. Os estudos foram buscados nas seguintes bases de dados nacionais e internacionais: Periódicos Capes, Pepsic, Scielo, Latindex, Directory of Open Access Journals (DOAJ), Pubmed, PsycNET, Redalyc e o banco de teses e dissertações da CAPES.

Para a busca dos estudos nas bases de dados foi utilizado o termo livre “bisavós” combinado através do operador booleano “AND” com os seguintes descritores: idoso, relação entre gerações e família – sendo que estes termos são Descritores da Ciência da Saúde na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). As combinações foram feitas com os termos equivalentes em inglês (*greatgrand-parent/mother/father; aged; “intergenerational relations”; family*) e espanhol (*bisabuela/o; anciano; “relaciones intergeneracionales”; familia*), além de sinônimos dos termos. A equação de busca (Figura 1) foi realizada a cada dois termos, dado que apenas assim foram obtidos resultados nas bases de dados.

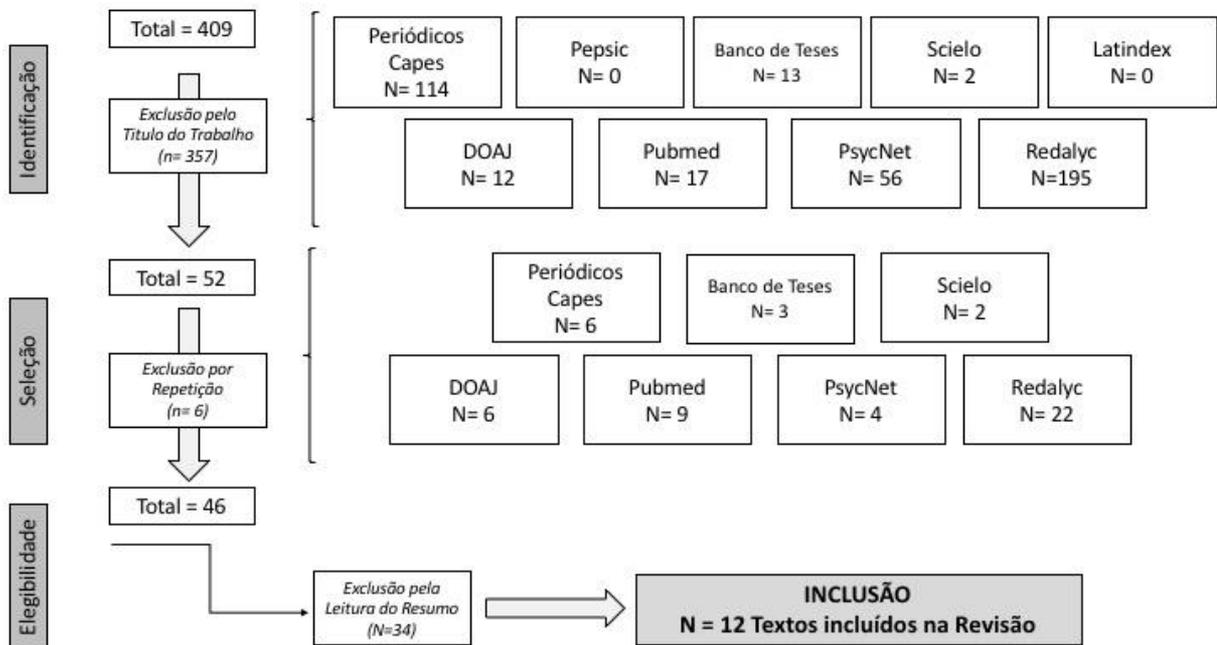
2.2.2 Critérios de inclusão e procedimentos de coleta dos dados

Para a seleção dos estudos a serem incluídos na revisão sistemática optamos pelos seguintes critérios de inclusão: deveriam tratar-se de artigos, teses ou dissertações desenvolvidos a partir de estudo empírico; nas línguas inglês, espanhol ou português; pesquisas quantitativas, qualitativas ou mistas; sem limite de tempo; estudos com acesso livre; além disso, estes deveriam conter o termo “bisavó/ô/ós” no título e/ou no resumo; e constar a participação dos bisavós ou a relação com estes em vida. Este último critério de inclusão se justifica devido a um número de pesquisas encontradas que versam sobre ancestrais, incluindo bisavós que já faleceram.

Foram excluídos artigos incompletos, *abstracts* e trabalhos de conclusão de curso (TCC), por se tratarem de estudos teóricos. Por motivos de dificuldade de acesso também foram excluídos livros e capítulos de livros. Além disso, excluíram-se artigos que não apresentassem no resumo ou em seu desenvolvimento uma relação com a temática.

A estratégia de busca dos artigos está descrita no Fluxograma (Figura 1), sendo realizada por dois juízes independentes. Na comparação dos resultados, em caso de divergência, buscou-se o consenso.

Figura 1
Fluxograma



Nota: Elaborado pela autora.

2.2.3 Procedimento de Análise dos dados

A análise dos artigos seguiu três etapas: 1) Leitura do título; 2) Leitura do resumo (quando o resumo não era claro para decidir a inclusão do estudo, o documento era lido parcialmente ou na íntegra); 3) Realização da seleção dos artigos, segundo os critérios de inclusão/exclusão, sendo todos lidos na íntegra. Como se observa no Fluxograma foram encontrados 409 itens (artigos ou dissertações) nas bases de dados selecionadas. A partir da exclusão pelo título e posterior leitura do resumo, em consonância com os critérios de inclusão e exclusão, chegou-se a 12 textos a serem analisados.

2.3 Resultados

Ao todo foram selecionadas e revisadas 12 publicações considerando: país onde os estudos foram desenvolvidos, objetivos, autoria, ano de publicação, participantes, instrumentos/procedimentos, principais resultados e discussão. Observa-se que o ano de publicação dos estudos variou entre 1996 e 2019. Sobre o país de realização do estudo foram quatro dos EUA, três do Brasil, dois do México, e respectivamente um da França, um da

Holanda e um da China. É interessante destacar que o Brasil está apenas atrás dos EUA com relação à publicação de estudos sobre os bisavós, demonstrando uma preocupação do nosso país com o envelhecimento e com o papel dos bisavós. Interessantemente os estudos do Brasil se concentram na região Nordeste do país, apesar de os maiores níveis de envelhecimento estarem no Sul do Brasil. Além disso, nota-se que os estudos dos EUA são mais antigos que os publicados no Brasil, possivelmente por motivos de desenvolvimento sociodemográfico e confluência de fatores que levam à possibilidade de serem bisavós (Schuler, 2021), dado que nosso país está vivenciando o aumento de taxas de envelhecimento há pouco tempo e inaugurou a geração dos bisavós de acordo com Otero (1999).

Todavia, foram escassos os resultados obtidos nas bases de dados sobre bisavós. Houve duas bases de dados que não apresentaram nem sequer resultados para a equação de busca utilizada, o que chama a atenção para a necessidade de publicações acerca do tema. É evidente a carência de publicações sobre o papel dos bisavós, bem como de idosos mais idosos, apesar de se observar números crescentes dessa população (Camarano, 2004). Além disso, esta carência não se dá apenas no campo da Psicologia, mas de modo generalizado nas áreas de estudo sobre o envelhecimento.

Cabe ressaltar que não são todos os estudos que tiveram como público-alvo os bisavós, todavia incluímos tanto aqueles que abordaram a participação dos bisavós, bem como os que versavam sobre a relação com os bisavós ainda em vida. Foram encontrados alguns artigos que tratavam dos bisavós mais em uma perspectiva de busca pela história familiar ou por ancestrais, após o seu falecimento, para compreensão de aspectos subjetivos. Como o foco do presente estudo são os bisavós nas relações intergeracionais, foram incluídos apenas os estudos com os bisavós em vida. Quanto ao número dos estudos que tinham os bisavós como foco principal, foram localizados cinco; dois exploraram a relação de bisnetos com bisavós, mediante o ponto de vista dos bisnetos, e três tiveram como público-alvo e participantes os bisavós. Dos outros sete estudos revisados consta a participação de bisavós, ou mesmo que eles não tenham sido o foco principal do estudo, contribuem para a compreensão de ser bisavós.

Quanto ao método utilizado nos doze estudos revisados: nove foram qualitativos e três quantitativos. Os estudos quantitativos foram realizados nos EUA, na Holanda e na China. Quanto aos instrumentos utilizados nesses estudos observa-se o uso de escalas, analisadas estatisticamente. No que se refere aos estudos qualitativos, nota-se que, em sua maioria, foram realizados na América Latina, representada pelo Brasil e pelo México, seguidos dos EUA e França. Os instrumentos utilizados foram, em sua maioria, entrevistas, podendo ser

semiestruturadas, biográficas ou história de vida. Além disso, houve dois estudos que utilizaram técnicas de desenho e um que recorreu à observação participante.

Quanto aos participantes, os estudos analisados trazem três opções, sendo os bisavós na faixa etária a partir de 74 anos; bisnetos com até 16 anos; ou ainda famílias em que há quatro gerações. Abaixo são apresentados os estudos revisados em forma de quadro, detalhando autores, ano de publicação, local da pesquisa, objetivos, participantes e principais resultados.

Quadro 1

Detalhamento dos estudos revisados

Autores e data	Título	Objetivo	Amostra	Instrumentos	Resultados
C.G. Reese & R.B. Murray, 1996, EUA	Transcendence: The meaning of great-grand mothering	Perceber o significado de ser bisavó para as participantes.	Oito bisavós afro-americanas e oito caucasianas. Idades entre 75 e 89 anos.	Duas entrevistas abertas com cada participante	A família foi fator que influenciou a transcendência das bisavós.
M.L. Burton, 1996, EUA.	Age norms, the timing of family, role transitions, and intergeracional caregiving among aging African American Women	Explorar a relação entre normas de idade, transições de papéis familiares e responsabilidade cuidadoras de mães, avós e bisavós.	61 famílias com quatro, cinco ou seis gerações afro-americanas e agentes sociais. Ex. pastores, líderes comunitários e sociais.	Entrevista em profundidade/ História de vida, observação participante e entrevista.	Avós e bisavós viram como bem-vinda a transição para uma família com quatro gerações
L. L. Otero, 1999, México.	Implicaciones intra familiares de poblacion em la terceira edad	Analisar as condições econômicas em que vivem as pessoas de idade avançada comparadas desvantajosamente com a dos seus filhos e netos casados.	Três investigações empíricas realizadas pelo Instituto Mexicano de Estudos Sociais	Análise de dados secundários de três investigações empíricas realizadas pelo Instituto Mexicano de Estudos Sociais, com a Teoria da Hermenêutica.	A vida das pessoas da 3º e 4º idades irá depender grandemente do sistema instituído para a sobrevivência
M.C. Mietkiewics & C. Jolliot, 2004, Nancy França	Grandparents, great-grandparents and step-grandparents: The young children's representation	Explorar as representações que as crianças constroem com seus avós	90 crianças de oito a 11 anos.	Desenho da família: "Por favor desenhe seus avós".	A maioria desenhou estritamente os avós, outras desenharam ainda bisavós, e avós por adoção.
R. C. R. Loureiro, 2009, S. Paulo	A função parental masculina na perspectiva de	Discutir como um homem idoso que atravessou o século XX pode	Bisavô de 80 anos	Relato de história de vida, estudo de caso.	Transição da função parental masculina. Devido às

Brasil	um bisavô	vivenciar todas as etapas do ciclo vital, e como foi significando a função parental			diferenças na forma de pensar bisavó decidiu se afastar da educação dos netos.
M. Higgins & B. Murray, 2010, EUA	M. J. Nutrition-Related Practices and Attitudes of Skipped - Generation(s) Caregivers and Grandchildren.	Discutir o que os participantes consideravam questões relacionadas à alimentação das crianças.	Participaram deste estudo 23 idosos que criam seus netos, sendo três bisavós.	Entrevista semiestruturada.	Os bisavós aprenderam novos hábitos alimentares devido ao desejo dos bisnetos e gastam mais.
U. Orth, R. W. Robins & K. F. Widman, 2012, EUA	R. Life-Span Development of self-esteem on important life Outcomes	Compreender se indivíduos com alta autoestima têm melhores perspectivas de vida do que indivíduos com baixa autoestima.	1.824 participantes com idade entre 16 a 97 anos. Ou seja, quatro gerações estudadas durante 12 anos.	Estudo longitudinal de gerações com cinco intervenções. Escala Rosenberg de autoestima; Escala de relacionamento satisfatório; e um questionário.	Trajetória da autoestima da adolescência à velhice. A autoestima tende a aumentar na adolescência, atinge seu pico aos 51 anos em média, e passa a cair durante a velhice.
E. P. Rabinovich; R. M. Azambuja & L. V. C. Moreira 2014 Bahia – Brasil	P. Significado de ser bisavó para as crianças baianas	Identificar o significado que os bisnetos atribuem às bisavós e aos bisavós.	120 crianças brasileiras, recorte de 50 baianas sobre bisavós (6–12 anos).	Entrevista semiestruturada e questionário sociodemográfico.	30% das crianças declaram ter bisavós. Os bisavós são vistos numa perspectiva de geratividade e longevidade.
A. Kniegge, 2016 Utrecht – Holanda	Beyond the parental generation: The influence of grandfathers and great-grandfathers on Status Attainment	Descrever a influência de avós e bisavós no <i>status</i> ocupacional de homens holandeses	Dados de 119.662 homens holandeses com dados de seus 9.116 bisavós	Análise Estatística de base de dados através de Modelos de regressão em multinível.	A influência ocorre com ou sem contato das gerações. Avós e bisavós têm influência substancial no <i>status</i> de netos e bisnetos.
I. O. Rodriguez, 2017, México	O. Nuevos escenarios, nuevas propuestas, otras actrices Licenciadas indígenas, y la Universidad Veracruzana Intercultural	Identificar os caminhos pelos quais o UVI contribui para a constituição de novos papéis femininos.	Oito participantes, sendo uma bisavó	Entrevista bibliográfica para “comparação geracional”.	A escola profissional na Universidade Veracruzana Intercultural trouxe novos horizontes e quebrou ciclos de violência que persistiam na família por mais de cinco anos.
E. Schuler, 2018,	Bisavós na perspectiva das	Compreender o papel dos bisavós e	Quatro famílias de quatro	Entrevista semiestruturada	Os bisavós demonstram

Recife Brasil	- diferentes gerações	as repercussões das relações estabelecidas com as diferentes gerações da família em sua vida, bem como na de seus familiares.	gerações e uma de cinco gerações, totalizando 22 participantes. Cinco bisavós Uma tataravó (74–97 anos)	com um roteiro específico para cada geração.	alegria, satisfação e gratidão por serem bisavós. Fornecem apoio emocional.
H. Xu, 2019, China	Physical and mental health of chinese grandparents caring for grandchildren and great-grand parents	Examinar consequências de saúde quando avós chineses providenciam cuidado aos netos e aos pais idosos (bisavós)	4.645 avós com pais vivos e cuidando de pelo menos um neto e com idade inferior a 16 anos.	Life Satisfaction survey – escala likert. Escala de depressão	Cuidar de netos e pais (bisavós) não impõe uma carga dupla aos avós participantes.

Nota: Elaborado pela autora.

2.4 Discussão

A análise e a discussão dos resultados foram construídas a partir dos dados oriundos dos estudos selecionados para a revisão. Foi possível identificar três categorias, que serão discutidas a seguir: 1) Questões ligadas ao envelhecimento; 2) Intergeracionalidade: contato e cuidado; 3) Legados dos bisavós.

2.4.1 Questões ligadas ao envelhecimento

Nesta categoria são abordadas as questões ligadas ao envelhecimento que permearam os textos, trazendo apenas o recorte de bisavós na velhice avançada, ainda não explorando bisavós que ainda não chegaram à velhice também presentes em nossa sociedade.

Questões ligadas ao envelhecimento estiveram presentes em todos os estudos, chamando a atenção para a realidade de um mundo que envelhece. Com o aumento da longevidade, combinado a outros fatores sociais, observa-se que famílias com quatro ou até mais gerações convivendo não é mais algo raro (Xu, 2018). Otero (1999) destacou o surgimento da “geração dos bisavós” ou ainda da “quarta idade”, devido aos novos parâmetros de expectativa de vida.

Outro aspecto representado nos textos foi a feminização da velhice, uma vez que alguns estudos destacam o maior percentual de mulheres idosas, além de sua maior participação nas pesquisas. A pesquisa de Reese e Murray (1996) exemplificaram que as mulheres idosas estão em uma proporção de três para dois justificando sua amostra de participantes composta apenas com bisavós mulheres. Xu (2018) também destaca que na

maioria das vezes são as mulheres que ficam com as tarefas de cuidado para com a família, mesmo se já são avós ou até bisavós. O autor aponta que esta tendência feminina de cuidado está se transformando, todavia ainda são as mulheres que possuem mais aptidão para as tarefas, visto que foram provavelmente educadas para tal.

Ao tomar o ponto de vista dos bisnetos, como nos artigos em que estes desenharam seus bisavós (Mietkiewicz & Jolliot, 2004; Rabinovich *et al.*, 2014), observa-se como estes diferenciam a idade dos bisavós e dos avós, demonstrando a compreensão da idade mais avançada dos primeiros. A figura mais idosa foi percebida como tendo maior responsabilidade de cuidado tanto para com a família, como da família para com esta pessoa.

Outro dado interessante quanto ao envelhecimento é que este ainda parece ser visto sob uma perspectiva de perdas e limitações. Orth e Widaman (2012) discutiram em sua pesquisa o achado de um declínio de autoestima em pessoas de idade avançada, mesmo que outros estudos, como os próprios autores destacam, coloquem tal achado em questionamento. Rabinovich *et al.* (2014) também verificaram que a imagem da velhice está, ainda, associada a seus aspectos negativos, tais como a dependência, doença, debilidade física e à incapacidade produtiva. Higgins e Murray (2010) observaram que os idosos podem se apresentar como pessoas ligadas à tradição e com dificuldades de abraçar novas ideias. Todavia, Burton (1996) apontou que as normas de idade são socialmente construídas, havendo, assim, a possibilidade de serem reconstruídas e ressignificadas. Além do social, cada ser humano possui variáveis pessoais que irão influir em como este vivencia seu envelhecimento.

Mediante as dificuldades que surgem ao envelhecer, tornar-se bisavós aparece como um marco positivo na idade avançada (Schuler & Dias, 2018). Os sentimentos de gratidão e alegria em poder ver mais uma geração nascer e quem sabe ser útil aparecem como algo positivo em relação à idade e papel dos bisavós. Reese e Murray (1996) apresentaram a ideia que os bisavós, ao verem parte de si nos seus bisnetos, isso transmite-lhes a sensação de terem cumprido seus propósitos de vida.

2.4.2 Intergeracionalidade: contato e cuidado

Nesta categoria é abordada a questão de como é vivenciada a intergeracionalidade e qual papel é assumido pelos bisavós nesse contexto. Todos os textos revisados tratam de intergeracionalidade, uma vez que o papel dos bisavós sempre está em relação com pessoas de outras gerações, principalmente na família. Observa-se, portanto, que a família representa o cenário onde as relações intergeracionais são atuadas e se tornou o fundo de todas as

pesquisas em questão.

O nível de interação entre a geração dos bisavós e as demais de sua família, sejam filhos, netos ou bisnetos, irá depender da frequência do contato entre eles. Devido a grandes diferenças etárias com as gerações mais novas, pode ocorrer tanto um afastamento, como também uma aproximação entre as gerações. No caso do estudo de Loureiro (2009), houve afastamento do bisavô das gerações de netos e bisnetos devido a diferentes formas de pensar com relação à educação destes como uma forma de evitar conflitos. No entanto, o papel de bisavós, mesmo com a falta de contato frequente, aparece como algo de orgulho e privilégio, por garantir a continuidade da família. Loureiro (2009) explicou que se trata da derradeira função gerativa que é transcender a mortalidade ao investir nas vidas das gerações futuras, apesar da baixa frequência de contato. A autora ressaltou que, todavia, preocupam-se em ajudar suas famílias.

Mietkiewicz e Jolliot (2004) referiram que para a ocorrência de uma relação seria necessário o contato com os bisavós. Já Kniegge (2016) argumentou que a influência dos bisavós pode ocorrer com ou sem o contato direto com os mesmos, estabelecendo dois tipos de mecanismos de influência multigeracional. A influência por meio do contato envolveria uma convivência com a figura dos bisavós, e a sem contato seria mais por recursos ou ainda instituições duradouras. No estudo do referido autor ambos os mecanismos foram confirmados. O autor destacou que enquanto se pensou que a modernização faria o contato entre os mais velhos e mais novos perder importância afetando o mecanismo de influência multigeracional, ocorreu o contrário, visto que se estendeu o período de possibilidade de contato entre as gerações.

Schuler (2018) acrescentou que o contato com os bisavós necessita ser mediado por outra geração, ou até duas gerações: filhos e netos. Esse contato acaba sendo a forma de manter o relacionamento intergeracional na família. Reese e Murray (1996) ainda relataram que bisavós se veem no papel de manter as comunicações na família e promover contato. As referidas autoras também verificaram que a existência dos bisavós é motivo para a ocorrência de reuniões familiares em torno deles, muitas vezes por conta das limitações físicas provenientes da idade avançada.

No convívio intergeracional surgem conflitos devido a choques geracionais, como mencionados anteriormente no estudo de Loureiro (2009). Na pesquisa de Schuler (2018) os conflitos também surgiram pelos mesmos motivos, todavia pareceram ser contornados com sabedoria e respeito por parte dos bisavós.

Apesar dos conflitos, as relações intergeracionais com os bisavós aparecem estar

envoltas de cuidado. Relacionamento e cuidado estão intimamente ligados, solidificando-se mutuamente entre um ser cuidado e cuidar dos demais (Rabinovich *et al.*, 2014). Os bisavós aparecem no horizonte das crianças como pessoas a serem cuidadas. A relação com os bisavós irá possibilitar para as crianças noções de temporalidade, dado que estas passam daquelas que são cuidadas para cuidadoras. Já o contrário pode ocorrer com os bisavós que passam de cuidadores para aqueles que são cuidados.

O cuidado para com os bisavós, de acordo com Motta (2010) e Xu (2018), geralmente fica sob a responsabilidade dos seus filhos, que, por sua vez, já são avós. Esta última geração de avós é denominada “geração sanduíche” pela sua dupla responsabilidade de cuidado, tanto com os seus pais como com seus netos. A pesquisa de Xu (2018), realizada na China, demonstrou um novo olhar para esses avós e, por consequência, para os bisavós. Na China, cuidar de netos e dos próprios pais (bisavós) não impôs uma carga dupla aos avós participantes. A geração sanduíche reportou maior satisfação com a vida, menos sintomas depressivos e risco diminuído de hipertensão. Possivelmente isso se justifica porque cuidar dos bisavós é visto como uma honra.

Por sua vez, Otero (1999) destacou uma questão fundamental que trata como os bisavós recebem essa ajuda de seus filhos, que pode ser vista como um ato de comiseração, da parte destes, ou como uma correspondência justa à sua própria contribuição. Isso dependerá do significado dessa interação na dinâmica e organização familiar do idoso. No entanto, não se pode negar que os bisavós também irão auxiliar no cuidado dos bisnetos, no entanto, em uma posição diferente da dos avós, caracterizando-se mais como um apoio emocional (Burton, 1996; Reese & Murray, 1996; Schuler & Dias, 2018).

Não obstante, nos trabalhos de Burton (1996), Higgins e Murray (2010) e um caso em Schuler (2018) foi destacado que há bisavós que cuidam integralmente dos seus bisnetos. Nesses casos não houve a inversão de cuidado, citada anteriormente. Pelo contrário, os bisavós assumiram o lugar de cuidadores. Na pesquisa de Burton (1996) ficou evidente que muitas vezes quando a ascensão à posição de bisavós é anterior ao tempo previsto, a responsabilidade dos bisnetos acaba sendo passada para os mais velhos, que no caso são os bisavós. Tal fenômeno ocorreu com 57% dos participantes de um total de 61 famílias participantes da referida pesquisa.

No estudo de Higgins e Murray (2010) também houve três participantes que são bisavós e assumiram o cuidado dos bisnetos de uma forma integral. As autoras analisaram como se dá a educação nutricional nesses casos, chegando à conclusão que há desafios para os bisavós em busca de uma alimentação saudável para seus bisnetos. Schuler (2018) também

apresentou um caso de uma bisavó que criou seu bisneto e por ocasião da pesquisa também criava seu tataraneto. Acredita-se que se faz necessária a realização de pesquisas acerca dos bisavós que assumem a responsabilidade do cuidado integral para com seus bisnetos, para se compreender melhor as repercussões dessa criação tanto para os bisavós, como para os bisnetos.

Nesse sentido, Valhondo *et al.* (2006) levantaram a hipótese que o papel dos bisavós tem se modificado se assemelhando aos avós do passado. Rabinovich *et al.* (2014) propuseram duas tipologias de bisavós. Há aqueles que estão “*no lugar de avós*”, pois assumem o lugar da avó tradicional, exercendo uma função do tipo parental. Essa tipologia de “no lugar de avós” foi percebida também nos estudos de Burton (1996) e Higgins e Murray (2010). A segunda tipologia de bisavós seria os “*mais que avós*”, descritos como mais velhos, necessitados de auxílio e como aqueles que contam mais histórias, como os apontados nos estudos de Reese e Murray (1996) e Schuler (2018). Estes seriam os bisavós que contam suas histórias de vida e experiências, dão conselhos e fazem orações por seus bisnetos. O apoio fornecido por eles seria mais do tipo emocional. Observa-se que nos estudos revisados podem ser encontradas essas duas tipologias de bisavós, demonstrando que seu papel envolve várias nuances.

Cabe ressaltar que, independente da tipologia, o papel de bisavós aparece como ativo, embora algumas atividades não possam mais ser desempenhadas devido às limitações físicas por conta da idade. Há outras tarefas que são particulares ao seu papel, pois sempre há algo a ser dado por parte dos bisavós. Todavia, como se dará sua configuração depende das relações intergeracionais estabelecidas, a partir de diversas variáveis como idade, gênero, distância geográfica, tipo de organização familiar em que estão inseridos, entre outras. Otero (1999) apontou que a organização familiar pode ser a chave do sentido ou do sem sentido da vida do idoso.

2.4.3 Tipos de Legado dos bisavós

Nesta terceira categoria foram abordados os tipos de legados que os bisavós transmitem, uma vez que a transmissão transgeracional parece ser algo essencial ao papel dos bisavós. O legado é algo que permeia todos os textos revisados e se refere ao fato que os bisavós sempre transmitem algo mediante suas relações intergeracionais, seja de forma explícita ou implícita. Na pesquisa de Reese e Murray (1996) a transmissão do legado apareceu praticamente como tarefa principal para alcançar o que os autores denominaram de

“transcendência”, que seria a capacidade de o indivíduo se projetar através de legados que sobreviveram à sua extinção. Os bisavós procurariam meios pelos quais parte deles possa continuar nos seus bisnetos. Observar seus legados vivos no cotidiano dos seus bisnetos forneceu para os bisavós da pesquisa o senso de ter atingido seu propósito de vida, isto é, a transcendência.

De acordo com Reese e Murray (1996), os legados possuem cinco aspectos: 1. *Aspecto de ligação*: envolve ligação com os membros da família e com as gerações. Esse aspecto se mostra através de presentear com objetos da família, mas também compartilhar afeição e ideias de como viver, atender às reuniões de família e estar em contato com os bisnetos. Em retribuição, os bisavós esperam amor e respeito dos seus familiares. 2. *Aspecto da religião*: a transcendência possui um aspecto religioso, uma vez que a crença das participantes apareceu como algo que elas gostariam que fosse passado adiante. 3. *Aspecto da sabedoria*: a transcendência também é atravessada por uma sabedoria que engloba saberes sobre o mundo, mas também saberes do cotidiano, que não são achados em livros, tais como ser um bom vizinho ou ser gentil. Essa sabedoria é passada adiante quando se compartilha valores e histórias. 4. *Aspecto dos valores*: envolve a importância da disciplina, persistência e consciência. Os bisavós desejam que os bisnetos façam o certo, ajudem as pessoas, sejam educados, sem esquecer de se divertir, curtir a vida e amar a família. 5. *Aspecto das histórias*: trata-se do aspecto final da transcendência, uma vez que é através das histórias que os bisavós podem transmitir de geração em geração. As histórias são contadas para passarem mensagens ou comunicar valores morais, como, por exemplo, a independência. As histórias podem ser sobre elas mesmas, ou sobre diferenças entre o começo do século XX e a atualidade. O objetivo da contação dessas histórias é manter temas familiares vivos.

No estudo de Rodriguez (2017), observa-se com clareza a importância das histórias, tanto as contadas como as vividas. A autora destacou que as histórias de família podem ser repetidas, no entanto, também acontecem ressignificações. Trata-se neste estudo de um legado psíquico, que também deve ser levado em consideração. Muitas vezes a influência de uma geração pode ser transmitida mesmo sem o contato direto, como observou nos estudos de Kniegge (2016) acerca da influência dos bisavós no *status* das próximas gerações. Burton (1996) referiu que através das gerações também é passado adiante algo como um cronograma familiar que pode formular normas etárias para a ascensão ao papel de avós e de bisavós.

Outros legados que são transmitidos estão relacionados à fé, solidariedade, educação e ordem (Schuler, 2018). O significado de ser bisavó parece estar intimamente ligado ao sentimento de passar adiante um legado e assim transcender. Higgins e Murray (2010)

relataram que tradições nutricionais também são passadas adiante, tanto na forma de receitas de família, como também em hábitos na cozinha da família. Essas tradições nem sempre são consideradas saudáveis no sentido nutricional, no entanto, possuem um grande valor simbólico. Cabe ressaltar que essas tradições também vão se modificando devido aos desejos dos bisnetos, entrelaçando a tradição com o novo.

Nos desenhos dos bisnetos, presentes no estudo de Mietkiewicz e Jolliot (2004), também apareceram legados dos bisavós, seja através das histórias que contaram acerca do desenho, ou ainda mediante anedotas, álbum de fotografias ou *souvenirs* familiares, o que corrobora com o aspecto de ligação visto em Reese e Murray (1996). Observa-se, portanto, que pode ser de um legado material, como um objeto familiar (Mietkiewicz & Jolliot, 2004) ou ainda como Kniegge (2016) sugere que podem ser recursos duradouros. Esses legados por mais que sejam materiais parecem ultrapassar este estado e se tornam algo de grande valor simbólico.

2.5 Considerações finais

Este estudo teve como objetivo pesquisar sobre os bisavós nas relações intergeracionais por meio de uma revisão sistemática. A busca pelos estudos foi realizada em nove bases de dados por meio de descritores que auxiliaram a localizar estudos de importância para o assunto. Na busca pelos artigos foi possível observar a escassez de publicações sobre o tema dos bisavós. Obedecendo aos critérios de inclusão e exclusão foram encontradas apenas doze publicações, sendo em sua maioria de origem estrangeira, com um total de três publicações nacionais. Tal dado chama atenção para a necessidade de pesquisas e publicações acerca do tema que aqui estudamos.

Foi possível perceber nos textos revisados três categorias que os perpassaram. Primeiramente, as questões ligadas ao envelhecimento foram destacadas, uma vez que o assunto aparece como uma espécie de pré-requisito para se tornarem bisavós. Não necessariamente a idade avançada é vista positivamente, todavia o papel de bisavós apareceu como um marco positivo diante do envelhecimento.

Os bisavós apareceram entrelaçados com outras gerações, denotando de forma clara que a intergeracionalidade possui papel fundamental. Como essas relações intergeracionais serão vivenciadas, irá depender da frequência do contato que os bisavós possuem com as demais gerações, bem como de outras variáveis tais como: distância geográfica, proximidade com familiares, estado de saúde, entre outros. As relações intergeracionais dos bisavós são

perpassadas pelo cuidado, seja este para com os bisavós ou deles para com seus bisnetos. Observou-se nos textos revisados que tanto os bisavós podem estar no lugar de serem cuidados ou no lugar de cuidadores, o que remete a duas tipologias de bisavós: os mais que avós e os no lugar de avós.

Outro aspecto importante que se destacou nos textos apresentados foi o legado que os bisavós passam adiante, podendo este ser apresentado em vários formatos. Os textos remetem a legados materiais, psíquicos, afetivos, religiosos ou nutricionais. Através da transmissão dos legados ou bisavós podem ultrapassar sua própria geração e se fazer presentes na memória familiar. Argumentou-se que através dessa transmissão os bisavós alcançam a transcendência e experimentam sentimentos de cumprimento de propósito.

Foi interessante notar que a família possui um lugar predominante nos textos sobre bisavós, uma vez que as relações intergeracionais serão atuadas principalmente neste sistema. No entanto, legados transmitidos, as relações intergeracionais experimentadas, e como o envelhecimento é vivenciado, terão consequências que irão além da família. O papel dos bisavós traz consigo não apenas uma memória familiar, mas também sócio-histórica, sendo, portanto, um papel significativo para a família e para a sociedade.

O presente estudo tem suas limitações, dentre elas, a possibilidade de localizar outras publicações em diferentes bases de dados que não foram consultadas, como também livros e capítulos de livros. Sugere-se, portanto, que futuras pesquisas possam ser feitas no intuito de aprofundar as nuances do papel de bisavós, além de seus relacionamentos intergeracionais dentro e fora da família. Todavia, espera-se que esta pesquisa tenha contribuído para uma compreensão inicial do papel dos bisavós na intergeracionalidade para instigar a realização de novas investigações sobre a temática.

Referências

- Burton, L. M. (1996). Age norms, the timing of family role transitions, and intergenerational caregiving among aging African American women. *The Gerontologist*, 36(2), 199-208. <https://doi.org/10.1093/geront/36.2.199>
- Camarano, A. A. (2004). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60*. IPEA.
- Cervený, C.M.O., & Berthoud, C.M.E. (2010). *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa*. Casa do Psicólogo.
- Dias, C. M. S. B., & Pinto, V. C. (2007). A percepção dos bisavós sobre seu papel. *Revista de Enfermagem UFPE on Line*, 1(2), 198-203. <https://doi.org/10.5205/0102200717>

- Doka, K. J., & Mertz, M. E. (1988). The meaning and significance of greatgrandparenthood. *The Gerontologist*, 28(2), 192-197.
- Harper, S. (2006). Papéis dos avós nas famílias multigeracionais dos nossos dias. *Revista Povos e Culturas*, 10(1), 25-38.
- Higgins, M.M., & Murray, B. J. (2010). Nutrition-related practices and attitudes of Kansas skipped-generation(s) caregivers and their grandchildren. *Nutrients*, 2, 1188-1211. <https://doi.org/10.3390/nu2121188>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2017). *Censo demográfico*. www.Ibge.gov.br.
- Kniegge, A. (2016). Beyond the parental generation: The influence of grandfathers and great-grandfathers in status attainment. *Demography*. <https://doi.org/10.1007/s13524-016-0486-6>
- Loureiro, R. C.R. (2009). *A função parental masculina na perspectiva do bisavô*. [Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Mietkiewicz, M. C., & Jolliot, C. (2004). Grandparents, great-grandparents and step grand parents: The young children's representations. *Neuropsychiatrie de L'enfance et de L'adolescence*. 52, 330-336. <https://doi.org/10.1016/j.neurenf.2004.04.003>
- Minayo, M. C., & Firmo, J. O. A. (2019). *Longevidade: bônus ou ônus?* <https://doi.org/10.1590/1413-81232018241.31212018>
- Motta, A. B. (2010). A família multigeracional e seus personagens. *Revista Educação Social*, 31(111), 435-458. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302010000200008>
- Organização das Nações Unidas (2019). *World Population Aging Report*. <https://www.un.org/en/development/desa/population/publications/pdf/ageing/WorldPopulationAgeing2019-Highlights.pdf>
- Orth, U., Robins, W. R., & Widaman, K. F. (2012). Life-span development of self-esteem and its effects on important life outcomes. *Journal of Personality and Social Psychology*. 102(6), 1271-1288. <https://doi.org/10.1037/a0025558>
- Ossó, A.B. (2014). *Escuchar, observar y comprender: recuperando la narrativa en las ciencias de la salud*. Taller Gráfico.
- Otero, L. L. (1999). Implicaciones intrafamiliares de la población en la tercera edad. *Papeles de Población*. 5(19), 199-215.
- Papalia, D. E., Olds S. W., & Feldman, R. D. (2017). *Desenvolvimento humano*. Artmed.
- Peacock, E. W., & Talley, W. M. (2006). Intergenerational contact: a way to counteract ageism. *Educational Gerontology*, 10(1). <https://doi.org/10.1080/0380127850110408>
- Rabinovich, E. P., Azambuja, R. M. M., & Moreira, L.V. (2014). Significado dos bisavós

- para as crianças baianas. *Revista Kairós Gerontologia*, 17(1), 179-199.
- Ramos, N. (2012). Avós e netos através das imagens e das culturas. In M. Ramos, M., Marujo, M., & Baptista, A. (Orgs.). *A voz dos avós migração, memória e patrimônio cultural* (pp. 33-56). Gráfica de Coimbra 2.
- Reese, C., & Murray, R. C. (1996). Transcendence: The meaning of great-grandmothering. *Archives of Psychiatric Nursing*, 10(4), 245-251. [https://doi.org/10.1016/S0883-9417\(96\)80030-6](https://doi.org/10.1016/S0883-9417(96)80030-6)
- Rodríguez, I. O. (2017). Nuevos escenarios, nuevas propuestas, otras actoras: licenciadas indígenas Y la universidad Veracruzana Intercultural. *Anthropologica*, 39, 75-98. <https://doi.org/10.18800/anthropologica.201702.004>
- Schuler, E. (2018). *Mais que avós: o papel dos bisavós na perspectiva das diferentes gerações*. [Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica]. Universidade Católica de Pernambuco.
- Schuler, E., & Dias, C.M.S.B. (2018). “Geração sobremesa”: estudo de casos múltiplos acerca do papel de bisavós na família multigeracional. *Atas CIAIQ2018: investigação qualitativa em saúde*, 2(1), 1507-1518.
- Schuler, E. (2021). Great-grandparents in Brazil? A Sociodemographic Contextualization. *Journal of Population Ageing*. <https://doi.org/10.1007/s12062-021-09335-5>
- Valhondo, A. M., Rubio C.F., & Castro, P.G. (2006). Familia y envejecimiento: disfunciones y programas psicoterapêuticos. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 2(1), 275-288.
- Xu, H. (2018). Physical and mental health of chinese grandparents caring for grandchildren and great grandparents. *Journal of Social Science & Medicine*, 22, 106-116. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2018.05.047>

ARTIGO III

O PAPEL DE BISAVÓS NOS ENTRELACES INTERGERACIONAIS

Resumo: O papel de bisavós surgiu na família do século XXI com diversas nuances, todavia ainda com vários questionamentos acerca de suas funções, posicionamento e papel em si no sistema familiar multigeracional. Levando em conta que o papel se entrelaça com as outras gerações do sistema, buscou-se compreendê-lo sob uma perspectiva sistêmica. Portanto, o objetivo geral deste artigo foi compreender o papel dos bisavós na família multigeracional. E, mais especificamente, caracterizar necessidades e sentimentos experimentados pelos bisavós e seus filhos, netos e bisnetos no tocante às relações intergeracionais; bem como analisar as relações intergeracionais perpassadas pela presença dos bisavós nos membros das outras gerações. Por meio da metodologia qualitativa de estudo de casos múltiplos, foram entrevistadas quatro famílias com quatro gerações, totalizando 16 participantes: quatro bisavós (64-100 anos), quatro filhos (46-66 anos), quatro netos (26-40 anos) e quatro bisnetos (7-12 anos). Como instrumento foi utilizado um roteiro de entrevista semidirigida específico para cada geração a ser entrevistada e um genograma simplificado. Os resultados apontam que o papel de bisavós se desenvolve a partir do funcionamento familiar e das relações intergeracionais, o que mostra suas especificidades em cada família. Os bisavós detêm autoridade dentro do sistema, que é respeitada por todos; também foram percebidos como detentores de sabedoria, além de influenciarem a família de forma direta. Foi possível observar que os bisavós vivenciam o papel com leveza, buscando aproveitar o tempo que lhes resta e conviver com os bisnetos.

Palavras-chave: Bisavós. Sistema familiar. Família multigeracional. Relações intergeracionais.

3.1 Introdução

Mediante diversas mudanças sociais e econômicas, aliadas ainda ao envelhecimento rápido do país, inauguram-se novos papéis, funções e relações nas famílias do século XXI. Ao considerar os bisavós, tema do presente artigo, há em seu contexto a família multigeracional, uma vez que estes parecem estar rodeados por diversas relações intergeracionais que se entrelaçam formando algo como um bordado. Essa família multigeracional é definida, na presente pesquisa, como aquela em que convivem três, quatro ou até cinco gerações (Vicente & Sousa, 2012). De acordo com Alves (2013), é nesse entrelace intergeracional que os membros da família se estabelecem como sujeitos.

Na família se pode também compreender alguns comportamentos de seus membros, à luz da organização e funcionamento de um sistema de relações, cuja conjuntura demarca e atribui sentido a tudo o que acontece no seu interior. Brito-da-Motta (2010) caracteriza os personagens dessa família a partir dos segmentos geracionais: os muito idosos que podem atingir a condição de centenários, ou seja, os bisavós, seguida pela geração de seus filhos,

também idosos, denominados como geração sanduíche, que provavelmente são cuidadores dos mais idosos e, ao mesmo tempo, apoiam seus filhos e netos. A terceira geração são os netos, que vivenciam a missão parental, e a quarta geração são os bisnetos. Como consequência, há vários níveis de relações e inter-relações entre estes vários papéis familiares que caracterizam este sistema multigeracional.

Apesar da caracterização dos personagens de Brito-da-Motta (2010) ser interessante e auxiliar na compreensão dos níveis geracionais, deve-se tomar cuidado para não estereotipar a família multigeracional em segmentos de idade, uma vez que estes podem variar de acordo com contextos diferentes mediante as experiências familiares vivenciadas. Portanto, os bisavós, por exemplo, podem não ser centenários, ou até mesmo idosos, segundo o Estatuto do Idoso, que considera a velhice a partir da idade cronológica de 60 anos.

Papalia *et al.* (2006) apontaram para os questionamentos implícitos ao papel de bisavós considerando quais seriam suas atribuições, tarefas e funções no sistema familiar. Neste sentido, observa-se que não há como compreender o papel dos bisavós sem levar em conta todo o sistema de entrelaces entre gerações que os compõe e é também composto por eles. Portanto, o objetivo geral deste artigo é compreender o papel dos bisavós na família multigeracional. E, mais especificamente, caracterizar: as necessidades e os sentimentos experimentados pelos bisavós e seus filhos, netos e bisnetos no tocante às relações intergeracionais; bem como analisar as relações intergeracionais perpassadas pela presença dos bisavós nos membros das outras gerações. Para tanto, acredita-se que a teoria sistêmica, em consonância com conceitos da terapia familiar, serão um aporte fundamental para a compreensão do papel de bisavós e sua inserção no sistema familiar. Destaca-se, ainda, que no presente trabalho a compreensão de papel envolve seu conceito amplo, incluindo emoções, experiências e funções que compõem um modo de ser bisavós na família.

3.2 Sistema, subsistema e papéis

O olhar sistêmico busca a integridade e a interdependência, além de um enfoque contextual em sua perspectiva. Como discorre Vasconcellos (2012, p. 117), “não se pode conhecer o todo sem se conhecer também as partes, mas também não se compreendem as partes sem conhecer bem o todo”.

Tomamos como ponto de partida a família multigeracional como sistema aberto e dinâmico. O sistema é definido neste artigo como “um conjunto constituído por elementos que possuem características próprias e estão em interação, assim como as próprias interações”

(Valença & Silva, 2011, p. 42). No caso da família multigeracional as partes do sistema são os membros da família que interagem e se influenciam mutuamente. Compreender a família multigeracional como um sistema significa vê-la como um todo, compreendendo os indivíduos dentro dos contextos interacionais nos quais funcionam, inseridos em um contexto comunitário que é um supra sistema, ou seja, a sociedade. De maneira especial, Valença e Silva (2011) expressam essa noção de forma poética: quando se segura uma flor na mão se descobre que ela está conectada ao universo.

O sistema familiar opera de acordo com algumas propriedades, como a *globalidade*, denotando a inter-relação das partes. Outra propriedade é a *interdependência* que aponta para a complementaridade das partes do sistema. Seu funcionamento se dá de forma hierárquica, isto é, uma organização que visa o *equilíbrio ou homeostase*. Tal estabilidade é alcançada através da *autorregulação* do sistema, sujeito também à influência pelo intercâmbio com o meio ambiente e conseqüente adaptabilidade. Outra característica dos sistemas abertos é a *equifinalidade*, que diz que se pode alcançar um resultado final, independente do estado inicial ou da maneira utilizada para alcançá-lo. Tal propriedade destaca a interação dinâmica entre múltiplos fatores para o alcance de determinada finalidade. Wagner *et al.* (2011, p. 23) dizem que “a família pode ser considerada como um sistema dinâmico, submetido a um processo de estabelecimento de regras, e marcada pela busca de um acordo entre seus membros”. De acordo com Andolfi (2017), pode-se pensar cada sistema familiar multigeracional de forma particular com uma complexa arquitetura temporal, que se caracteriza por entrelaces de histórias, com experiências em comum e relações intergeracionais. O sistema multigeracional opera, portanto, com linhas do passado como os mitos e tradições dos mais idosos, que se mesclam com a vida presente e são ainda modeladas pelos projetos de futuro das gerações mais novas.

A organização do sistema familiar se estrutura a partir de subsistemas, que são reagrupamentos de membros do sistema geral segundo distintas variáveis, tais como: geração, sexo, papel ou interesses comuns (Wagner *et al.*, 2011). Cada subsistema possui funções específicas, buscando manter a continuidade e a adaptabilidade do sistema geral frente às mudanças contextuais e evolutivas da família ao longo de sua trajetória. Alguns exemplos de subsistemas são o subsistema conjugal, o parental e o fraterno-filial. Considerando a família multigeracional, não se pode deixar de destacar que os subsistemas muitas vezes são intergeracionais. Vicente e Sousa (2010) explicam que o número de relações possíveis de subsistemas e de ligações entre subsistemas é bastante superior ao de um sistema familiar nuclear, embora ainda variável de acordo com o número de membros do sistema.

Considerando a estrutura do sistema multigeracional, Vicente e Sousa (2010) identificaram cinco subsistemas. Primeiramente, o do indivíduo (1), como unidade básica de todos os sistemas sociais; seguido pelo núcleo familiar em coabitação (2), independente destes partilharem ou não laços familiares consanguíneos. O terceiro subsistema seria a composição familiar (3), que engloba diversos núcleos familiares que se aliam ou se associam. Os autores ainda apontam para o subsistema da geração (4), no sentido intrageracional, isto é, associação horizontal de indivíduos que partilham a mesma posição geracional. E, por fim, a linhagem (5) que caracteriza o subsistema de associação vertical, intergeracional, seja por ascendência ou descendência.

Vicente e Sousa (2010) ressaltaram a importância de estudar a organização funcional do sistema multigeracional que se observa na vivência familiar, desvelando-se no exercício de papéis familiares. No sistema, cada membro assume papéis, ou seja, uma função que lhe compete naquele momento. Aqui se pode pegar emprestado o mesmo conceito utilizado no Psicodrama apenas para exemplificar que o papel é uma ação ativa que é atuada no aqui e agora e que pressupõe inter-relação e ação (Rubini, 2015). O papel é, portanto, dinâmico, ativo e flexível.

No contexto familiar, Wagner (2011) explica que a origem dos papéis se dá em suas funções combinadas com as relações familiares. Sendo assim, o próprio sistema dá certas atribuições a cada membro, que se desenvolvem mediante suas adaptações e flexibilidade. Trata-se, portanto, da construção de um papel que se dá em um processo mediante diversas funções que o membro assume para o funcionamento do sistema. A autora ainda destaca que os papéis podem ser desempenhados por pessoas que convencionalmente não o assumiriam, como, por exemplo, uma avó que assume o papel materno, o que a leva a exercer diferentes papéis no sistema.

Os papéis familiares se desenvolvem mediante atribuições, atividades e tarefas que são demandadas pelo sistema. Vicente e Sousa (2010) denotaram a temporalidade das funções de cada papel, que se expandem entre passado, presente e futuro mediante questões desenvolvimentais da jornada da vida. Portanto, os papéis se transformam ao longo do tempo mediante as necessidades do sistema. O papel assumido irá envolver, também, emoções, experiências e modos de ser na família, trazendo uma concepção ampla da vivência do mesmo dentro sistema multigeracional.

Nota-se que o sistema familiar multigeracional traz em si diversos entrelaces em seu funcionamento, papéis a serem desempenhados em uma rede de relações intergeracionais. Mais do que apenas focar em uma díade de relações, tal como bisavós-bisnetos, considera-se

importante observar o sistema multigeracional como um todo para uma melhor compreensão de como emerge o papel de bisavós nesse entrelace geracional. Mediante isto, as autoras do presente artigo questionaram: “Como se dá o papel de bisavós no sistema multigeracional?”.

3.3 Método

3.3.1 Natureza da Pesquisa

Em função dos objetivos propostos, optou-se por uma pesquisa de natureza qualitativa por nos possibilitar uma maior compreensão dos fenômenos e das relações, priorizando o objeto de investigação a partir do que é colocado pelos participantes e do significado que possui para os mesmos.

Como estratégia de pesquisa foi utilizado o estudo de casos múltiplos, tendo como propósito, segundo Patton (2002), reunir informações detalhadas e sistemáticas sobre um determinado fenômeno. Freitas e Jabbour (2011) enfatizaram que se trata de um procedimento metodológico com foco no entendimento contextual, centrando-se na compreensão da dinâmica do contexto real e se envolvendo em um estudo profundo de poucos objetos para seu amplo e detalhado conhecimento. Acrescentam, ainda, que os casos múltiplos permitem mais consistência e possibilidade de generalizações. Estudando amostras pequenas, a pesquisa qualitativa privilegia as regularidades, mas se preocupa com as singularidades nas análises de cada caso em especial (Wendt & Crepaldi, 2008).

3.3.2 Participantes

Trata-se de uma amostragem proposital que compreendeu quatro famílias com quatro gerações, totalizando 16 participantes. Os bisavós são de ambos os sexos, com idade entre 64 e 100 anos. De acordo com a Lei Brasileira 10.741, seguindo o referencial da Organização das Nações Unidas (ONU), para que uma pessoa seja considerada idosa, nos países em desenvolvimento, foi estabelecida a idade de 60 anos. Acredita-se que delimitar a idade dos bisavós a partir de 60 anos foi vantajoso para compreender melhor questões ligadas ao envelhecimento que estão relacionadas ao seu papel na família. Não foram levados em consideração o estado civil, a escolaridade, nem o nível socioeconômico para a seleção dos participantes. No entanto, os bisavós deveriam gozar de um estado de saúde que lhes permitisse participar da pesquisa, o que foi verificado na entrevista com a pesquisadora.

Quanto às demais gerações, participou da pesquisa um membro de cada, tendo como critério de inclusão sua disponibilidade, sendo: um(a) filho(a), um(a) neto(a) e um(a) bisneto(a). Optou-se por delimitar, também, a idade mínima de sete anos para a participação da geração mais nova, ou seja, dos bisnetos, para garantir a compreensão do instrumento a ser utilizado. No caso desta pesquisa, as idades dos filhos variaram entre 46 e 66 anos, a geração dos netos de 26 a 40 anos, e os bisnetos entre sete e 12 anos.

Seguem brevemente alguns dados sociodemográficos dos participantes:

A família A é composta pela bisavó A (64), agente de saúde; sua filha (46), pedagoga; sua neta (26), autônoma; e a bisneta (10).

Da família B constam a bisavó B (78), manicure aposentada; sua filha (55), trabalha com serviços gerais; seu neto (35), funcionário em um supermercado, e seu bisneto (9).

O bisavô C (88), agricultor aposentado; sua filha (51), cabeleira; sua neta (31) autônoma e seu bisneto (10), compõem a Família C.

E, por fim, a família D com a bisavó D (100) aposentada; sua filha (66), do lar; sua neta (36), pedagoga; e seu bisneto (7).

É importante destacar ainda que apesar de não delimitar critérios de inclusão de estado civil, escolaridade e nível socioeconômico, a amostra se tornou homogênea em alguns quesitos, tais como: o pertencimento à camada socioeconômica média-baixa e a religião cristã – evangélica ou católica. Portanto, o contexto das famílias é específico, levando em conta tanto valores cristãos, bem como a situação socioeconômica, que permeiam as estruturas familiares.

3.3.3 Instrumentos

O instrumento escolhido foi a entrevista individual, conduzida de forma semidirigida, com roteiro específico para cada geração. A entrevista foi composta de questões que atendem aos objetivos propostos, sendo elaboradas pela própria pesquisadora, contemplando também os dados sociodemográficos dos participantes.

Outro instrumento que foi utilizado foi o Genograma, todavia de forma simplificada devido aos impedimentos impostos pela Pandemia da Covid-19 no país e no mundo. O Genograma, em geral, é construído com alguns membros da família, em formato de entrevista semiestruturada, entendido como processo de interação social, recuperação de memórias e desenvolvimento próprio (Wendt & Crepaldi, 2008). A partir das verbalizações representadas pelas famílias, adotam-se símbolos e siglas, conforme propostos por McGoldrick e Gerson

(1995), bem como Minuchin (1982). A instrução inicial é: *Nós gostaríamos de desenhar um mapa familiar com todas as pessoas que fazem parte da família, as relações entre elas e acontecimentos importantes...* Os Genogramas são baseados na premissa de que o funcionamento dos membros de uma família, seja físico, social ou emocional, é interdependente. Nos anexos encontra-se uma breve legenda para facilitar a leitura dos Genogramas (Anexo 4).

3.3.4 Procedimento de Coleta de Dados

Inicialmente, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), após aprovação (CAEE n. 28178619.2.0000.5206), foi dado início à coleta dos dados. Os participantes foram indicados por pessoas de conhecimento da pesquisadora, sendo todos residentes na área metropolitana de Recife.

A primeira família contatada já era de conhecimento da pesquisadora por ocasião de outra coleta de dados. A família havia sido indicada por uma conhecida, que fazia parte da mesma comunidade religiosa e vizinhança. A partir de então esta família indicou outra e assim sucessivamente, apontando para a técnica de bola de neve. Assim, foram coletados os dados de três famílias, que coincidentemente moravam em bairros vizinhos da região metropolitana de Recife. A quarta família foi indicada por outra conhecida da pesquisadora em outra ocasião. Todas as famílias foram contactadas primeiramente por telefone para combinação de um primeiro encontro. O contato foi feito com a geração dos filhos ou dos próprios bisavós, que autorizaram a ida a suas casas. Nesse primeiro encontro, os bisavós e outros familiares foram informados dos objetivos da pesquisa, e da gravação das entrevistas, garantindo-se o anonimato e o sigilo das informações. Uma vez obtida a aprovação dos participantes para realização das entrevistas em seus domicílios, eles assinaram o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”. Para os participantes menores de idade foi utilizado o TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido) e os responsáveis também assinaram o TCLE consentindo a participação deles.

Após esse primeiro contato, foi estabelecido novo encontro para a coleta dos dados do Genograma. Devido aos percalços da pandemia não foi possível juntar todos os participantes da família para a confecção do referido instrumento, sendo este apenas construído de forma simplificada para uma melhor visualização das gerações familiares. Sendo assim, após a primeira entrevista, foi possível juntar a geração dos bisavós e de seus filhos para o

compartilhamento dos dados para o genograma, que foi construído junto com eles de forma simplificada.

Para garantir a preservação de suas identidades, todos os participantes receberam nomes fictícios. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas de forma literal, tentando-se manter o máximo de fidelidade sobre o que foi dito. Além disso, a pesquisadora obedeceu a todos os protocolos de segurança da Covid-19, fazendo uso de máscara e viseira protetora para entrevistar todos os participantes.

3.3.5 Procedimento de Análise de Dados

Os dados coletados através da entrevista semidirigida foram analisados de acordo com a Técnica de Análise Temática de Conteúdo. Segundo Minayo (2019), ela consiste “em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado” (p. 209). A análise temática se desenvolve segundo as fases da pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação. Explicando melhor cada etapa percorrida, a pré-análise se concentra “na escolha dos documentos a serem analisados; na retomada dos objetivos iniciais da pesquisa, reformulando-as frente ao material coletado e na elaboração de indicadores que orientem a interpretação final” (Minayo, 2004, p. 209). A segunda etapa é a exploração do material, que “consiste essencialmente na operação de codificação, através da transformação dos dados brutos, visando alcançar o núcleo de compreensão do texto” (Minayo, 2004, p. 210). “A partir daí o pesquisador realiza as interpretações previstas no seu quadro teórico” (Minayo, 2004, p. 210). Dessa forma, serão abordados os temas predominantes na fala dos participantes e analisados com base na literatura consultada.

O genograma simplificado foi analisado de forma gráfica e qualitativa sobre a disposição das gerações, bem como uma análise clínica baseada nas interpretações da pesquisadora.

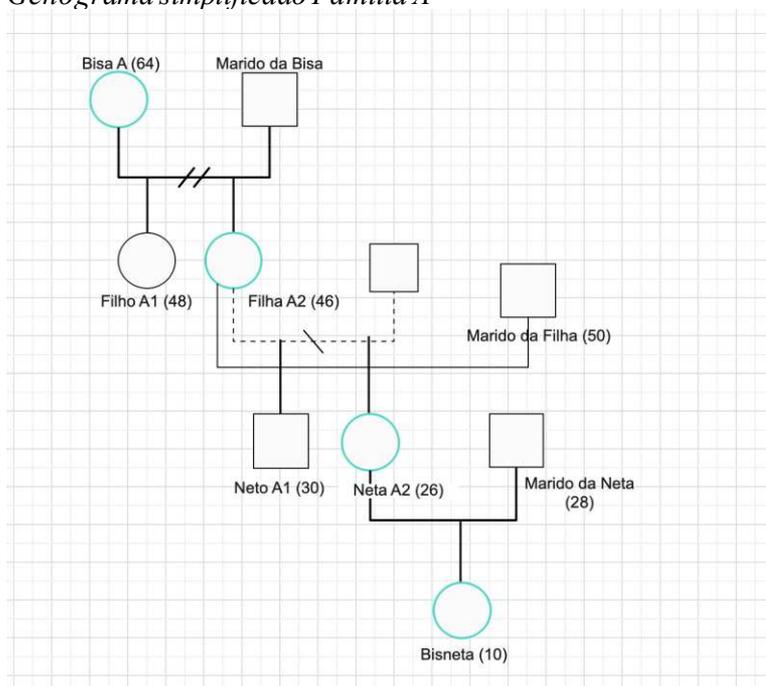
3.4 Resultados e discussão

Os resultados serão apresentados primeiramente por cada família, aqui compreendida como estudo de casos. De início, será apresentada uma breve contextualização da família com o Genograma simplificado para melhor visualização do sistema multigeracional. Em cada família analisaremos três categorias, visando à compreensão da construção do papel de

bisavós. Para tanto, a primeira categoria de análise engloba o funcionamento do sistema familiar e suas propriedades. Segundo, será analisado o relacionamento intergeracional que opera no sistema como sua engrenagem. E, por fim, como terceira categoria de análise será abordada a construção do papel de bisavós. Para facilitar a compreensão dos símbolos utilizados nos genogramas, encontra-se em anexo uma legenda (ANEXO 4).

Família A

Figura 1
Genograma simplificado Família A



Nota: Elaborado pela autora.

No caso da família A, observa-se na figura 1, um Genograma simplificado da estrutura familiar, que compreende os seus membros. O símbolo formado por um círculo são pessoas do sexo feminino e o quadrado pessoas do sexo masculino. Os números entre parênteses são as idades dos participantes por ocasião da entrevista. As linhas denotam a descendência das gerações desde a bisavó até a bisneta. Em azul estão os membros do sistema que foram entrevistados. A família pertence à classe média baixa, devido à baixa escolaridade e profissão de seus membros, bem como à localização e estrutura da sua residência. A bisavó é proprietária da casa e cedeu espaço para sua filha A2, seu genro (marido de A2) e seus filhos; até que estes se organizem para ter sua própria casa. Seu neto A1 também mora com ela desde que nasceu.

A bisavó A tem 64 anos, casou-se aos 16, devido à gravidez de seu primeiro filho, seguido logo de outra gravidez (Filha A2). Todavia, o casamento não deu certo e, quando tinha 18 anos, divorciou-se, por isso, observa-se a linha de ligação com seu marido cortada. Um fato interessante é que as duas próximas gerações (filha e neta) também engravidaram aos 16 anos. Sua filha A2 morou com o namorado, com quem teve um filho e uma filha, mas depois eles se separaram, por isso estão desenhados com a linha pontilhada no Genograma. A bisavó A, portanto, tornou-se mãe aos 16 anos de idade, avó aos 34 anos e bisavó aos 54 anos de idade.

3.4.1 Funcionamento do sistema familiar A

Nesta categoria abordaremos algumas das propriedades do sistema da família A com o intuito de compreender o seu funcionamento. A globalidade do sistema, isto é, a propriedade de que uma mudança de uma das partes do sistema altera as outras partes é clara, uma vez que se baseia na inter-relação mútua, que é observada na fala de todos os participantes. A interdependência também é visível, uma vez que é impossível descrever o sistema familiar, considerando apenas suas partes e deixar de lado as relações. Tais propriedades ficam evidentes quando a neta A2 narrou a história do nascimento da bisneta:

A gente, eu e meu namorado, tínhamos acertado que não íamos nos casar, íamos viver juntos. Mas quando minha vó soube, não permitiu, providenciou tudo para o casamento no cartório e na igreja, a festa, tudo até o meu vestido de noiva, foi ela quem escolheu. Foi complicado.

Nota-se a globalidade e a interdependência na narrativa da Neta A2, uma vez que, ao saber que estava grávida, ela mobilizou todo o sistema que, por sua vez, procurou se adaptar ao acontecimento e aos seus valores. Pode-se supor que a bisavó parece querer solucionar “erros” que aconteceram em duas gerações, ao lançar mão da tradição e providenciar o casamento da neta, uma vez que as duas gerações anteriores já tinham tido rompimentos nos seus relacionamentos.

A hierarquia do sistema também se destaca, uma vez que a bisavó usa o poder de fazer o casamento acontecer, não sendo impedida por sua filha, nem por sua neta. Nesse sentido, o sistema parece se organizar em volta da hierarquia detida pela bisavó, sendo seguida pelas outras gerações, que inclusive moram com ela. Sua filha A2 aponta para a influência da bisavó:

Minha mãe sempre foi uma pessoa que impactou a família, com suas atitudes de coragem e determinação, que começou quando se divorciou do meu pai, com pouco tempo de casada, ainda muito jovem (...) então na minha família essa influência continua até hoje. Como bisavó, ela continua ligada em tudo que acontece na família, quer saber e ajudar aos familiares.

Neste caso também se observa a autorregulação, cujo objetivo é a manutenção do sistema mediante a gravidez da neta que acarretou mudanças na família. Com o tempo, as mudanças foram se acomodando e inclusive aproveitadas, como diz a neta A2: “Mas já se passou dez anos, a preocupação da minha vó diminuiu, hoje ela e eu podemos aproveitar esse tempo”. A bisavó A concorda, pois quando foi questionada sobre ser bisavó disse: “A pergunta é boa, porque comigo tem o antes e o depois. Então, significou muita preocupação, muita apreensão, (...) hoje significa alívio”.

É interessante notar que, apesar de ter havido todo um movimento para acomodar uma nova geração na família, a filha e a neta relatam não ter havido mudanças significativas: “Não, não teve uma mudança significativa na minha família” (Neta A2). A filha A2 reforça ao dizer:

Acho que não houve nenhuma mudança. Somos uma família pequena, tenho um irmão mais velho do que eu e duas sobrinhas, mas não moram em Recife, moram em outro estado há muito tempo, vêm aqui em tempo de férias. Eu e meus filhos sempre moramos com minha mãe, minha filha só saiu para casar... eu e meu filho continuamos a morar com ela.

Parece que essa situação de coresidência é parte do funcionamento do sistema e assim se mantém nesta homeostase, uma vez que a bisavó ao mesmo tempo que quer que a filha tenha sua própria casa também não aprova totalmente a compra do apartamento desta: “Minha filha sempre quis ter a casa dela, mesmo morando comigo todo esse tempo (...) Mesmo eu não aprovando onde, nem por quanto ela comprou um apartamento, eles efetuaram a compra”. Nesta fala nota-se que há uma relação conflitiva entre estas duas gerações. Outras propriedades, tais como o intercâmbio com o meio, adaptabilidade e equifinalidade ficam bastante visíveis no sistema familiar A.

3.4.2 Relações intergeracionais na Família A

As relações intergeracionais parecem ser a engrenagem do sistema multigeracional, que o compõem e o tornam dinâmico. Formam-se diversos subsistemas relacionais, tal como a bisavó e sua neta ou ainda a bisavó e sua bisneta. Além de trocas intergeracionais que são feitas entre as gerações tanto entre descendentes, como entre ascendentes, tornando-se uma via de influência de mão dupla, o que corrobora com os estudos de Ferrigno (2010).

O subsistema bisavó-neta, que aqui compreende a relação avó e neta, parece ser especial e próximo, pelo relato da neta A2 que diz: “Eu sempre me relacionei muito bem com minha vó, sempre conversamos, na realidade conto meus problemas primeiro para ela, depois para minha mãe, isso gera um certo ciúme por parte da minha mãe”. O relato da neta revela bastante da dinâmica intergeracional, uma vez que há uma aproximação e lealdade entre bisavó-neta, que gera ciúme na geração entre elas. A neta parece seguir a hierarquia do sistema, liderado pela bisavó, ao mesmo tempo em que se sente acolhida pela mesma para ser sua confidente.

Interessante é que o ciúme não aparece no discurso da filha, todavia, seu afeto pela bisneta denota muito carinho, possivelmente havendo uma repetição da formação de vínculo entre avó e neta: “é muito amor, e ainda mais poder ver que minha neta pode contar com o amor da bisavó, ouvir seus conselhos...” (Filha A2). Nessa relação a filha ainda destaca a necessidade de prudência para saber os limites que a relação impõe devido ao exercício de diferentes papéis no sistema: “sempre precisei de prudência para saber até onde eu como mãe podia deixar a avó interferir na educação dos meus filhos”. O nível de interferência na educação das gerações subsequentes é um fator que se mostra como pivô de conflito entre as gerações devido a concepções diferentes de como educar.

O subsistema bisavó-bisneta apresenta uma peculiaridade, uma vez que a bisneta chama sua bisavó de “mainha”: “Mainha quer estar tomando conta de mim em tudo que eu faço. Ela quer que faça tudo do jeito que ela diz, se eu não fizer ela acha ruim e fica reclamando... talvez a gente seja meio parecida” (Bisneta A). Esta fala aponta para conflitos entre as gerações. A bisavó A concorda que elas se parecem ao dizer: “Nos damos bem... ela é muito parecida comigo. Fala o que pensa, acho que fala até demais. Ela gosta de estar comigo, da minha companhia e de aprender comigo”.

O aprendizado mútuo parece permear a relação intergeracional de forma significativa na família A. A bisavó é reconhecida por transmitir seus conhecimentos, tal como “fazer bolo”, como vemos no relato da bisneta: “Estou aprendendo a cozinhar com ela! Como todas as mulheres da família. Já sei fazer bolos e ela faz o melhor bolo”. Ela se referiu a uma tradição familiar quando disse que está aprendendo como todas as mulheres da família. O

processo de aprendizado não se dá apenas de forma descendente, isto é, de bisavó para bisneta, como também vice-versa, como a bisneta continua: “Ela não entendia nada de tecnologia, eu ensinei tudo ela! WhatsApp, Instagram, tudo, até hoje ensino. Quando ela tem qualquer problema ela me pergunta”. O relato também denota um aprendizado contínuo entre as gerações, uma vez que “até hoje” ela ensina. A bisavó confirma isto ao dizer: “Minha bisneta está bem ligada ao tempo dela e quer me ligar também, me ensina a estar por dentro da tecnologia”. O aprendizado, porém, vai além de tecnologia:

Eu aprendi e aprendo com meus filhos, netos e bisneta. Aprendo porque aprender é contínuo, é constante. Tem gente que acha que só a idade traz amadurecimento, mas tem pessoas com pouca idade, mas com muito amadurecimento, eu acho assim. Meus filhos, netos e bisneta, me ensinam a ter mais calma, dar tempo para as coisas acontecerem sem tanta apreensão, que eles cresceram e que podem ter ideias diferentes de mim, que eu posso levar a vida mais leve (Bisavó A).

A filha A2 também relata o que vê a bisneta aprendendo com ela: “No dia a dia vejo minha neta dizendo ou fazendo coisas que já aprendeu com a bisavó. Por exemplo, não desistir fácil, persistir e quando fizer alguma coisa faça o melhor que puder”.

Observa-se, portanto, que a bisavó também passa adianta suas experiências na relação com as outras gerações: “Passo as lições que a vida me deu para meus filhos, netos e bisneta. Não fantasio nada, conto como eu vivi. Às vezes, algum diz que já sabe, tudo bem, eu repito”. Essa repetição é bastante importante, todavia pode ser gatilho para tensões uma vez que pode parecer algo como “receita de bolo” de como algo deve ser feito. Obviamente se mostra em forma de cuidado, todavia pode se tornar talvez excessivo, como a bisneta A relata: “Minha vó diz que isso é cuidado, ela quer me proteger, eu tenho uma bisavó cuidadosa que quer o meu bem... Eu entendo, mas é chato. Quando estou com ela não posso fazer nada sozinha, tudo ela quer saber, tudo ela quer fazer comigo”.

A relação intergeracional mostra-se conflitiva, uma vez que a bisavó parece gostar das coisas feitas a seus termos, como ela diz: “Não perco a oportunidade de ensinar aquilo que julgo correto”, o que possivelmente pode gerar diferentes pontos de vista ou como diz a bisneta “reclamações por bobagens”. Todavia a neta A2 parece conseguir explicar ao dizer:

Elas passam muito tempo juntas... tanto que ela (a bisneta) chama a bisavó de ‘mainha’. O relacionamento delas é bom, elas fazem muitas coisas juntas, viajam, fazem compras, cozinham. Minha filha gosta de estar na casa da minha vó: mesmo minha vó querendo parecer durona ela tem uma participação enorme na vida da minha filha.

Observa-se que o conflito intergeracional aparece nas falas das entrevistadas da família A, o que irá se diferenciar será a forma como estas lidam com o conflito. A bisavó A diz: “A gente resolve na conversa... mas a conversa dependendo da questão vai ser pacífica ou não... Independente de quem estiver envolvido no conflito”. Já sua filha A2 diz que depende sim de quem está envolvido:

Dependendo das pessoas que estão envolvidas no conflito, a atitude muda, se for os netos com bisnetos, é uma conversa, a gente chama numa dura mesmo! Tenta resolver na conversa, se não resolver a gente parte uma atitude mais severa. Se tiver avós ou bisavós envolvidos é preciso mais um pouco de paciência e tempo para resolver o conflito.

Nota-se que há um respeito para com os mais idosos, certamente devido à posição hierárquica de matriarca de bisavó na família, o que é reforçado no discurso da neta A2:

A princípio chamamos para uma conversa os que estão envolvidos no conflito, isto independente, de ser filho, mãe, neto, conversarmos, considerando o lado da minha vó com mais respeito, caso ela esteja envolvida no conflito, mas isso não quer dizer que ela está sempre certa...

Outro fator importante de se destacar é que o conflito e o suporte são inerentes à dinâmica familiar, como destacam Girardin *et al.* (2018). Os autores apontam que os laços intergeracionais geram tensões, uma vez que estão embutidos num conjunto de apoio familiar mais extenso com obrigações, deveres de cuidado e expectativas familiares. Outro ponto que estes destacam é a falta de recursos que pode levar a maiores níveis de conflito (Girardin *et al.*, 2018), apesar dessa falta não ser mencionada no discurso dos participantes.

3.4.3 O papel de bisavó na família A

O papel de bisavó surge mediante os entrelaces das relações que se formam no sistema multigeracional e das necessidades que estes demandam. No caso da família A, o papel da bisavó parece ser central, constituindo um pilar dentro dela. Sua mera presença com seu cabedal de experiência a coloca em uma posição de destaque, em que é respeitada por toda a família, nesse sentido corroborando com Dias e Pinto (2007) que ressaltaram o *status* especial dos bisavós. O *status*, porém, nesse caso é dinâmico, uma vez que a bisavó tem papel ativo na vida de todas as gerações. Observa-se sua função de educadora e transmissora de conhecimentos por meio de suas experiências, seja de cunho prático, como fazer bolo, ou de

valores, como persistência, coragem e determinação. Como diz a neta A2: “Ela tem autoridade de quem já viveu aquilo. Então é uma opinião que pesa... não sei nas outras famílias, mas na minha a gente tem uma bisavó com opinião própria e que opina sem papa na língua”. Como a família asseverou, a bisavó tem a função de “influenciadora”.

Dentre as atividades que exerce como bisavó, a bisneta A relata que elas fazem bastante coisas juntas: “Viajamos juntas, gostamos de fazer compras e de cozinhar”, o que é confirmado pelas demais gerações. Parece que além destas atividades, está implícita a função de manter a família unida. Parece até um cuidar intergeracional que se inicia na bisavó e flui para seus descendentes, que nesse caso é tanto emocional, como instrumental, como é o caso dos recursos financeiros.

A filha A2 também aponta para a leveza do papel, ao assinalar que a bisavó finalmente “desacelerou”: “Ela é menos apressada, menos apreensiva... acho que é consequência de agora ser bisavó. Ela agora aproveita a vida. Assiste filmes, tem grupos nas redes sociais, gosta de ver notícias na internet”. A neta reforça: “Ela agora aproveita os bons momentos”.

É interessante que o papel surge em seus discursos de forma paradoxal, ao justificar que ser bisavó não necessariamente quer dizer que a pessoa é muito idosa. Já que o imaginário social traz a noção de um papel estereotipado ligado à velhice avançada, então a bisavó e a neta dizem:

Eu sou bisavó, mas não me considero idosa, faço minhas próprias coisas, trabalho, sou agente de saúde, não pretendo me aposentar nem tão cedo, pago minhas contas, tenho cartão de crédito e não dou a senha a ninguém, moro na minha casa, estou longe de ser uma pessoa inativa, tenho 64 anos, me sinto como se tivesse dezessete anos (Bisavó A).

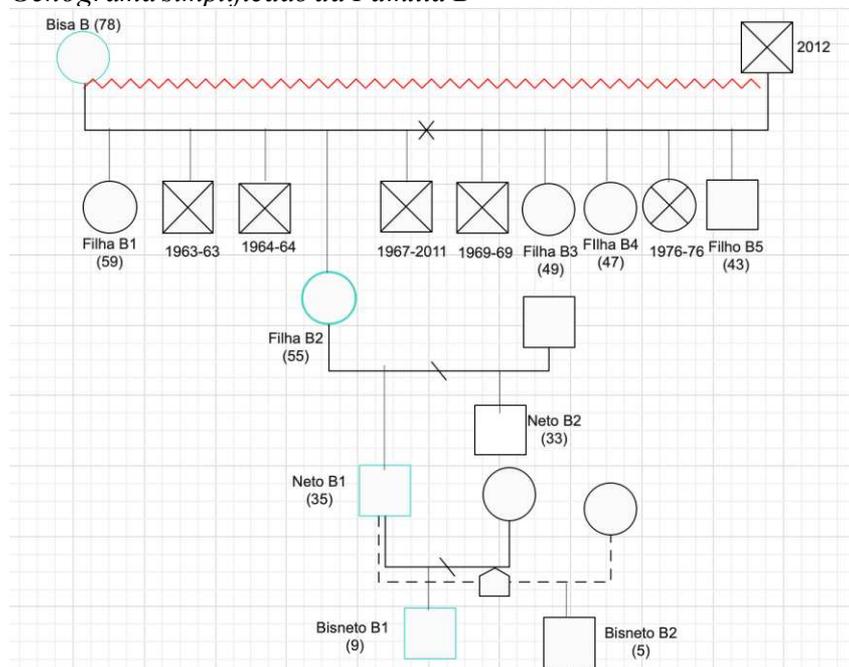
Hoje temos muitos bisavós, que participam da vida familiar, não são apenas idosos, mas pessoas experientes, inteligentes que têm muito a acrescentar nas famílias, estão longe de serem apenas pessoas que fisicamente precisam de cuidados, mas são pessoas que contribuem com a experiência e apoio financeiro na família. E isso deve ser levado em conta (Neta A2).

Aqui se observa que o papel de bisavó não está ligado à idade cronológica muito avançada, como aponta Schuler (2021). Pode-se, então, resumir que a bisavó tem um papel central, hierarquicamente de destaque, como influência ativa na família, às vezes conflitiva por ser “mandona”, além de provedora e pilar de valores na família. Apesar de ser chamada de “Mainha”, o papel não parece se confundir com o de avó, havendo sim características relacionadas à educação, todavia, de uma forma mais leve e baseada na experiência.

Família B

Como se observa no Genograma a seguir (Figura 2), o caso da família B traz mais uma complexidade de relações multigeracionais e um histórico de três gerações com relações que acabaram em separação, sem falar nos pais da bisavó que também se separaram. Apesar de a bisavó não ter se separado de seu marido, viveu com ele um relacionamento conflituoso (linha em ziguezague vermelha). Além disso, pode-se constatar diversos casos de mortes (símbolos cortados com um X): quatro de seus filhos ainda com meses de idades e um caso de um falecimento repentino por ataque cardíaco. A bisavó mora com sua filha B2, em sua modesta casa própria da qual tem muito orgulho. O restante da família mora geograficamente perto. A bisavó B se tornou mãe aos 16, avó aos 42 e bisavó aos 69 anos.

Figura 2
Genograma simplificado da Família B



Nota: Elaborado pela autora.

3.4.4 Funcionamento do sistema familiar B

O sistema da família B inicia com o casamento da bisavó, aos 14 anos de idade, e nascimento do primeiro filho aos 16, como ela relata:

Aos 14 anos me casei, ainda era uma menina, meu marido tinha 27 anos. Nem sequer imaginava as dificuldades que ia passar. Aos 16 anos tive meu primeiro filho e depois vieram mais 11 filhos, eu pensei que ia morrer antes de ver tantos filhos crescerem, pensei que não ia resistir (Bisavó B).

O relacionamento com seu marido também foi conturbado:

Meu marido era uma pessoa autoritária, a vontade dele não podia ser contrariada, eu não podia sair para lugar nenhum sem ele, ciumento... posso dizer que não tive um casamento feliz. A cada desentendimento, meu marido me botava de casa pra fora. Mas eu não saía, não tinha pra onde ir, voltar para casa de minha mãe pra mim não era solução, então, resisti (Bisavó B).

Parece que, após ver a separação de seus pais, a bisavó B lutou para manter seu casamento, apesar da dificuldade no relacionamento. Seu marido, autoritário, assumiu o topo da hierarquia do sistema por muito tempo. Soma-se à dinâmica do sistema familiar a volta da filha B2 à casa dos pais, após sua separação, com seus dois filhos, que na época tinham cinco e três anos de idade. A bisavó relata:

Uma das minhas filhas se divorciou e veio morar com a gente, com dois filhos dela ainda criança (...) Nesta época eu ainda tinha alguns dos meus filhos solteiros em casa, que situação difícil, foi preciso ter paciência e coragem! Alguns filhos solteiros se achavam no direito de repreender e bater nos meus netos, nunca gostei de brigas, nem desentendimentos na minha família, mas essa época foi um desafio, sofri muito, na verdade todos sofreram. Meu marido queria que essa minha filha fosse embora, saísse de nossa casa e deixasse os filhos conosco, mas ela não foi... ainda bem.

Nesta fala da bisavó B se pode ver a dinâmica do funcionamento do sistema, que parece operar de forma complexa. A globalidade e a interdependência entre os membros ficam evidentes quando ela disse que “todos sofreram”, uma vez que todos, de alguma forma, estavam envolvidos na trama do conflito. A hierarquia, encabeçada pelo marido da bisavó, mostra-se de forma insistente, apesar de a filha ter permanecido na casa dos pais. Acabou ocorrendo a homeostase do sistema que se manteve assim há 30 anos. Ao mesmo tempo, nota-se a sua adaptabilidade diante do retorno dessa filha, que apesar de bastante difícil, com o tempo foi se acomodando por meio da propriedade da autorregulação.

Outra mudança a ser mencionada foi o falecimento do marido da bisavó, em 2012, que, apesar de ser uma perda, parece ter se caracterizado também como um alívio para a família. Isso pode ser constatado na seguinte fala: “Sou viúva, há nove anos. Essa minha filha mora comigo, não se casou novamente, os filhos dela, meus netos, hoje são casados. Um deles me deu meu primeiro bisneto; hoje estamos em paz!” (Bisavó B). A partir de então, a hierarquia passou a ser exercida pela bisavó, tornando-se, aparentemente, mais democrática ou mais leve.

Desde então, avó e bisavó dividem a casa, enquanto todos os outros filhos e netos já têm suas próprias residências em bairros próximos. A bisavó B acrescenta: “Hoje estou vivendo tempos de calma!”. O nascimento do primeiro bisneto parece ter contribuído para esse novo tempo no sistema familiar, trazendo muita alegria: “Fiquei tomada de alegria e emoção quando me tornei bisavó! Significava que eu fui presenteada com tempo... um novo tempo, vida, alegria. É maravilhoso!” (Bisavó B). Apesar de que o posicionamento especial da bisavó parece não ter mudado, na opinião do neto B1, denotando ser ela um pilar da família: “Acho que quando ela se tornou bisavó eu parei pra pensar quanto tempo ela está ali na mesma casa, ela não mudou nada, sempre nos ensinando, sempre nos ajudando”.

3.4.5 Relações intergeracionais na família B

As relações intergeracionais parecem ser caracterizadas de acordo com o subsistema envolvido. A relação bisavó-filha é atualmente de um cuidado mútuo, possivelmente também devido aos acontecimentos em coresidência, como diz a filha B2: “Minha mãe foi o meu apoio, minha ajudadora, ia de encontro ao meu pai, me defendia... Minha mãe é minha melhor amiga, minha confidente, me entende em tudo”.

No caso do subsistema bisavó-netos a relação parece ser permeada de responsabilidade, uma vez que envolveu a coresidência e, conseqüentemente, vieram mais atribuições, mesmo que de forma mais leve do que se fossem filhos:

Mas depois vieram os netos aqui pra casa, a responsabilidade de criar, educar, trabalhar, disciplinar não era exclusivamente minha, mas eu ajudava, eles tinham pais, né... Então eu já podia ficar mais leve, aproveitar mais a infância deles, coisa que não fiz com meus filhos... com os bisnetos, essa sensação é maior ainda, é tempo de colher, é tempo de aproveitar (Bisavó B).

O neto B1 referiu também sobre a segurança que sentia nessa relação, uma vez que a bisavó nunca usou violência: “minha avó (Bisavó B) nunca me bateu e não concordava com a atitude dos meus tios... Minha avó nunca gostou de violência, de briga, nossa relação sempre foi de amizade e amor... me sinto muito tranquilo... seguro na companhia e na casa dela”. Nota-se que houve diversos conflitos envolvendo violência na casa da bisavó B, apesar de esta não estar diretamente envolvida, buscando a paz entre os envolvidos.

Essa relação de segurança igualmente está presente no discurso do bisneto B1, que diz querer morar com sua bisavó: “Quando minha vó vem me buscar para passar o dia lá na casa da bisavó, eu gosto demais, mas quando chega a hora de vir pra casa aí eu não gosto, eu queria morar com minha bisavó”.

Como se lê no último relato da bisavó B (acima), com os bisnetos a relação intergeracional é permeada por alegria e satisfação, pois, como ela mesma disse, é tempo de colher e de aproveitar: “Com os bisnetos é só alegria e satisfação”. Não obstante, a bisavó B sente que ainda tem uma missão nessa relação que é a de transmitir suas experiências de vida: “Ser bisavó também significa que tenho o que ensinar ainda... mostrar a eles tudo que aprendi e ajudá-los a não cometerem os mesmos erros que eu”. Tal missão é confirmada pela sua filha B2, que diz: “Com os bisnetos, eu mesmo acho que minha mãe não esperava ser bisavó. Então, ela quer ensinar aos bisnetos, não apenas brincar ou mimar, mas passar o que aprendeu. Acho que isso impacta a vida deles”.

Esses subsistemas geracionais se entrelaçam, e, como ocorre na maioria das relações, pode haver ocasiões marcadas por tensões e conflitos, como já se viu no histórico familiar que inclusive contém relatos de violência física. A partir da saída de todos os outros filhos da bisavó de casa e do falecimento do seu marido, parece que ela pode lidar com os conflitos da forma que acha correta, que é à base do diálogo.

Os outros membros da família que foram entrevistados compartilham de sua visão e dizem inclusive que este é seu ensinamento mais valioso, que já alcançou seu bisneto. Ele diz: “Minha bisavó não gosta de briga, discussão, a pessoa tá falando alto, algum problema... Quando, às vezes, estou brincando com meu irmão, meus primos, e eu vejo que pode começar uma briga por causa de brincado, eu vou lá e digo como a bisavó: ‘nada de briga!’”. O neto B1 também proferiu como a bisavó se esforça para lidar de forma pacífica com possíveis conflitos: “Vejo que ela não apenas ensina, ela age como ensina, ela dá o exemplo. Até hoje, quando começa uma discussão na frente dela, a gente já sabe que ela vai pedir pra parar e perguntar se a gente ainda não aprendeu. É admirável a busca de vovó pela paz na família”. O Neto B1 acrescentou que na relação intergeracional não apenas a bisavó influencia as demais

gerações, como também é influenciada por elas: “Eu vejo também que ela aceita novas ideias, ela também se deixa influenciar pelos filhos, netos e bisnetos. Ela se mostra favorável a ser influenciada, a aceitar conselhos dos outros”.

3.4.6 O papel de bisavó na Família B

O neto B1 define o papel de bisavós como “as raízes da família preservadas”, e nesse sentido metafórico se pode inferir que seu papel nutre a família como um todo, assim como as raízes nutrem a árvore. Ele acrescenta: “Ser bisavó acho que representa vida! E experiência de vida... é uma fonte de conhecimento bem pertinho de nós, basta aproveitar”. Seus ensinamentos seriam, portanto, o que nutre a família, caracterizando seu papel de bisavó a partir da transmissão de um legado geracional, que corrobora com os achados de Reese e Murray (1996). Os autores destacaram a conectividade, sabedoria e histórias como fatores que contribuem para com o papel desenvolvido, como é possível observar no relato do bisneto B1: “A gente conversa muito, eu gosto muito quando ela conta história da vida dela, coisa que passou, quando era criança, depois quando ela cresceu, essas coisas... é a história da vida dela e não aquelas que se lê nos livros”. Trata-se de uma sabedoria adquirida por experiência e não por livros, que a bisavó consegue passar adiante, sendo seu papel caracterizado pela transmissão. Ela confirma isto ao dizer: “Contando aos meus filhos, netos e bisnetos o que aconteceu comigo, transmito os meus valores e o que acredito ser certo... A maior recompensa para mim como bisavó é ver que a minha descendência tem procurado seguir o caminho certo” (Bisavó B1).

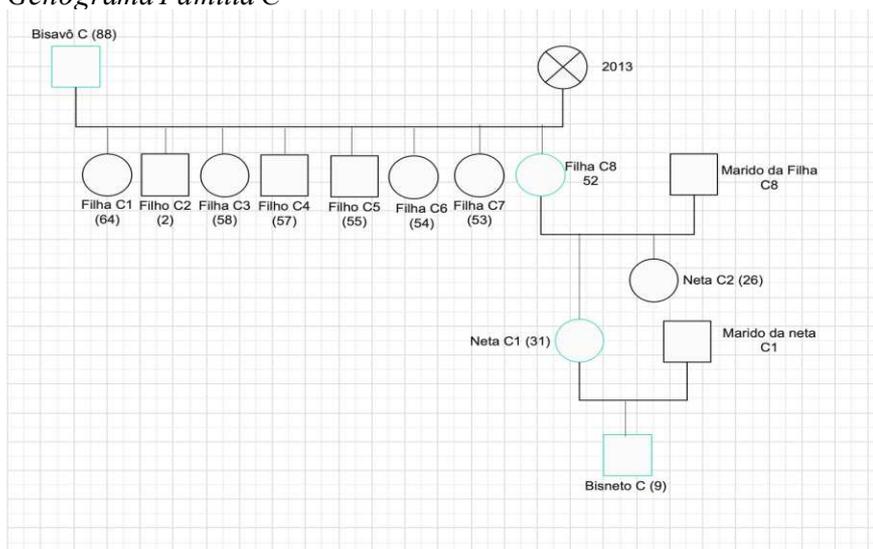
Pode-se questionar se o seu papel poderia ser confundido com o de avó, que poderia também querer transmitir valores e histórias. Todavia, no discurso da sua filha B2, a avó da família, nota-se que ela deixa esse lugar de transmissão para a bisavó ao dizer: “Ver meus netos serem ensinados por ela, é uma alegria que não consigo descrever”. Portanto, não parece haver uma confusão de papéis entre avó e bisavó.

Seu papel também transmite uma segurança à família, que vai no mesmo sentido de ser as raízes da família, parecendo ser um pilar de segurança e calma, principalmente se considerarmos as dificuldades que a família passou, graças à sua personalidade calma. Além disso, ela é a conselheira dos demais devido à sua experiência: “Quando alguém está passando por algum problema, a gente vai logo conversar com ela... aí ela conversa, nos ajuda no que pode, sempre nos aconselha com calma, paciência... nada de agonia. É simples, mas sempre nos leva a pensar mais” (Neto B1).

Considerando os dois tipos de bisavós expostos por Rabinovich *et al.* (2014): os “mais que avós” e os “no lugar de avós”, sendo os primeiros mais idosos, necessitados de mais ajuda e contam mais histórias, enquanto os segundos seriam mais jovens e ainda proveem cuidado aos bisnetos – o papel de bisavó na família B parece se locomover entre ambos os tipos. Apesar de se caracterizar pelas histórias contadas, sua condição física e idade de 78 anos não a fazem necessitar de ajuda. Ao mesmo tempo, ela não parece também estar no lugar de avó, uma vez que seu papel se distingue do da avó da família. A bisavó B tem um papel mais flexível talvez, ao reconhecer as fronteiras deste, mas não se prendendo a estereótipos de idade. Nesse sentido, os entrelaces intergeracionais fazem da vivência do seu papel uma experiência única.

Família C

Figura 3
Genograma Família C



Nota: Elaborado pela autora.

A família C é encabeçada pelo bisavô de 88 anos, agricultor, natural do interior do estado de Pernambuco. Assim como nas outras famílias que aqui apresentamos, o Genograma (Figura 3 acima) não está completo, contendo apenas os subsistemas que foram entrevistados, portanto o bisavô C tem mais netos, 12 ao todo, e nove bisnetos. Após o falecimento de sua esposa, em 2013, na residência do bisavô moram apenas ele e sua filha C7. A casa é própria e está situada em um bairro de classe média baixa da área metropolitana de Recife. Vinda do interior do estado, a família foi aos poucos se estruturando na capital, onde acabou permanecendo com mais duas gerações: as dos netos e bisnetos. Sua filha C8 mora perto de

sua casa, assim como sua neta C1 e o bisneto C. O bisavô C se tornou pai aos 26, avô aos 50 e bisavô aos 72 anos de idade. Nota-se, ainda, que as relações de casamento permanecem estáveis na geração da filha, assim como da neta, repetindo o “padrão” vivido pelo bisavô.

3.4.7 Funcionamento do sistema familiar C

O funcionamento do sistema familiar C denota logo a interdependência entre os seus membros, que motivou a migração do interior para a capital, como narra o bisavô C:

Minha filha mais velha se casou e veio morar aqui em Recife. Nas famílias do interior é sempre assim, quando um filho vem para capital, os outros querem vir, então entendemos que Poção já era pequena para nossos filhos, vendemos o sítio em Poço das Águas, a casa em Poção, e compramos uma casa em Recife: só assim a gente estaria perto de todos.

A mudança da filha acabou fazendo com que todo o sistema se adaptasse ao se mudar também para a capital, mesmo que este movimento não tenha sido fácil como o bisavô C continua a relatar:

Quando minha esposa chegou à capital, que viu toda aquela gente, falou para mim: ‘Eu não vou me adaptar aqui’. Mas ficamos assim mesmo porque era preciso, era uma nova fase de nossas vidas que estávamos iniciando. Se a gente ficasse no interior onde estávamos acostumados como iríamos ajudar nossos filhos? Fizemos o que foi preciso.

Apesar da difícil adaptação, o sistema foi se autorregulando à nova realidade na capital, através do intercâmbio com o meio ambiente, ou seja, as melhores oportunidades de educação e trabalho, além da equifinalidade que no caso é manter a família unida e harmoniosa. Essa adaptabilidade é reforçada no discurso do bisavô quando este diz: “Temos que mudar quando é preciso. Nesse caso, tivemos que mudar de cidade, de casa, de vizinhos, mas as mudanças podem ser outras, pode ser até mudança de pensamento, se for preciso”. Não obstante, este também parece avesso a algumas mudanças que vieram com a modernidade, como ele diz: “Meus filhos, netos e bisnetos tentam me convencer que o celular, o computador, internet, são importantes... mas eu não sei não... até agora não tenho disposição pra isso...”.

Outro fator interessante no sistema da família C é um funcionamento pautado na não violência, que é confirmado em todas as gerações entrevistadas, como se lê no trecho abaixo da filha C8: “Somos uma família grande, mas ele nunca bateu em filho algum, e geralmente

os pais do interior do Nordeste, são muito severos com os filhos, é a educação rígida, mas meus pais não. Tenho o privilégio de ter um pai que soube se fazer respeitar sem o uso da violência”. A neta C1 confirma ao dizer: “A família toda sabe o valor que ele dá à harmonia familiar, e ele não apenas fala, ele vive e tem atitudes apaziguadoras”.

A propriedade da hierarquia também fica evidente no discurso da família, como o próprio bisavô coloca:

Pra mim existe uma escala de autoridade, quem tem responsabilidade com os filhos são os pais. Quando meus filhos erravam, queria que os prejudicados ou ofendidos viessem a mim e a minha esposa, então a gente resolvia, não passava essa responsabilidade pra ninguém. E graças a Deus, meus netos e bisnetos têm os seus pais para fazerem isso.

Assim, nota-se que o bisavô entende a hierarquia exercida nos subsistemas pais e filhos, onde os pais devem exercer autoridade e responsabilidade sobre seus filhos. Nesse sentido, ele delimitou as fronteiras que busca não ultrapassar também no seu papel como avô e bisavô.

3.4.8 Relações intergeracionais na família C

As relações intergeracionais na família C também parecem operar de acordo com os subsistemas, sendo diferenciadas entre as gerações. Enquanto a relação bisavô-filhos é de autoridade e de responsabilidade, a relação bisavô-netos e bisavô-bisnetos vai ficando mais leve, significando alegria. O seguinte relato do bisavô separa bem os subsistemas geracionais e suas relações com eles:

Eu resolvo tudo com meus filhos, se tiver algo que não estou gostando com netos ou bisnetos falo com meus filhos, você entende? Eu não falo nada com meus netos ou bisnetos, falo com meus filhos, porque eu criei, eu sei o que ensinei, sei como falar. A criação dos netos e bisnetos não é minha, então resolvo assim.

Seu relato também denota como ele lida com possíveis conflitos intergeracionais, ao chamar a atenção dos seus filhos:

Então quando há algum problema entre os familiares, se eu souber, eu chamo meu filho ou minha filha, não chamo netos nem bisneto, mesmo que o conflito seja com um deles, porque com meus filhos, eu sei lidar. Não repreendo neto, nem bisneto, não educo neto, não educo bisneto, isso não é minha responsabilidade. Às vezes o

problema está aí, não sabemos estabelecer um limite, não para os netos e bisnetos, mas para nós mesmos.

Os demais familiares também parecem tentar resolver o conflito de forma rápida, com vistas a não causar tristeza ao bisavô: “Na verdade a gente pensa no nosso pai e de quanto ele fica triste se esses conflitos durarem, ou causarem mal-estar na família” (Filha C8).

Outro fator interessante no caso da família C é a mediação do contato intergeracional, seja pela geração dos filhos para os netos; ou dos netos para que haja contato bisavô-bisnetos. Parece haver um cuidado para que a relação intergeracional se fortaleça, até que não seja mais necessária uma mediação. O relato da neta C1 traz bem essa dimensão: “Meus pais sempre lembravam para gente ligar para eles (os bisavós), visitá-los, às vezes a gente esquecia, até que a gente não esquecia mais, sabe? E hoje em dia faço isso com meu filho, e ele é louco pelo bisavô”. A relação bisavô-bisneto parece já não precisar tanto de mediação:

Eu gosto muito de estar na casa do meu bisavô, às vezes, eu exagero nisso, então minha mãe às vezes não me deixa ir na casa dele. Acho que é pra não aperrear ele... Mas, às vezes, mesmo sem ela deixar eu vou. Quando meu bisavô me vê chegar, ele me olha de um jeito que eu sei que ele sabe que estou ali sem minha mãe saber, mas ele não diz nada. Passa algum tempo ele diz que está na hora de ir para casa, senão meus pais vão ficar preocupados. E me leva até o portão de casa! (Bisneto C).

A relação intergeracional do bisavô para com as outras gerações é de passar adiante conselhos e legados, como foi possível observar nas famílias A e B também. Como a neta C 1 diz: “observo assim a família e vejo como ele influencia no comportamento da família toda! (...) tem muitos ensinamentos que meu avô considera importante que ele transmitiu e continua transmitindo. Ele acredita que seguindo esses conselhos a vida da gente vai ser melhor”.

Trata-se, portanto, de uma influência contínua do bisavô para com as outras gerações; todavia a neta acredita que: “Ele mais influencia do que é influenciado”. No quesito das novas tecnologias o bisavô fala que não é influenciado, apesar das tentativas de convencê-lo por parte de toda a família: “Tudo mudou de repente, é tudo rápido, eu mesmo detesto celular, acho que é a pior coisa que já foi inventada para prejudicar a família. Essas modernidades me deixam nervoso, não consigo ver o lado bom disso, embora até meus filhos tentem me convencer do contrário”. Seu bisneto C, porém, parece continuar tentando ao ser questionado se havia ensinado algo ao seu bisavô: “Ainda não, mas acho que está perdendo um pouco do abuso de internet por causa de mim. Eu mostrei a ele um vídeo engraçado no YouTube e ele

gostou, vez por outra, me pede para ver de novo o vídeo... meu bisavô sorriu um pouquinho, mas ele gostou, eu sei”.

3.4.9 O papel de bisavô na família C

O papel de bisavô na família C parece ser de um “bisavô próximo”, como descrito por Doka e Mertz (1988), que apresentam duas tipologias de bisavós: a primeira tipologia seria constituída pelos “bisavós remotos”, que só veem seus bisnetos em ocasiões especiais e durante as férias; a segunda descreve “bisavós próximos” que veem seus bisnetos com bastante frequência, ligam para eles, fazem compras com eles e compartilham atividades de lazer. Na família C a proximidade do bisavô com seus bisnetos, em particular do bisneto C que mora geograficamente perto dele, é evidente. As atividades que eles compartilham são explicadas pelo bisneto C:

A gente faz muitas coisas juntos, vamos à igreja, rezamos o terço, assistimos partidas de futebol na televisão, consertamos coisas, porque ele sempre tem uma coisa para fazer, mas o que gosto mesmo de fazer com ele é conversar, ouvir ele contar das histórias da vida dele e da minha bisavó, quando eles moravam no interior.

Novamente, observa-se no discurso do bisneto que o papel de bisavô é perpassado pela importância das histórias vividas pelos bisavós que estes passam adiante para as próximas gerações, o que corrobora com Rabinovich *et al.* (2014), ao se referirem aos “mais que avós”. Todavia, no caso do bisavô C, este não parece precisar de cuidados e ainda se mantém ativo, como se pode ver no relato da filha C8: “Acho também que ter bisavós na família faz os netos e bisnetos verem que uma pessoa com mais idade na família, no meu caso meu pai tem 88 anos, é uma pessoa ativa e participativa, preparada para ensinar, a idade não tira essas qualidades dela”. Neste caso, observa-se novamente o paradoxo da idade, presente também na família A, uma vez que a filha sente necessidade de explicitar a atividade do seu pai como uma forma de justificar que a idade não determina falta de capacidade de trabalho. Como diz a neta C1: “Quem pensa que bisavô só dá trabalho está fora da realidade!”. Outro fator interessante é como o papel de bisavós contribui para a noção de temporalidade dos netos e bisnetos, como é possível observar no relato da filha, corroborando novamente com os achados de Rabinovich *et al.* (2014). De acordo com Mietkiewicz e Venditti (2004), os bisavós têm um papel fundamental na forma como os bisnetos aprendem sobre o envelhecimento.

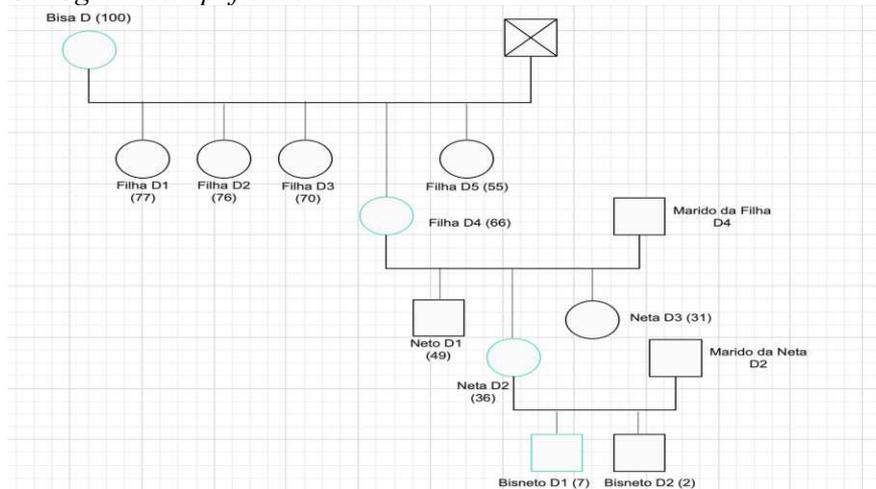
O bisavô C descreve seu papel da seguinte forma: “Acho que é você se ver no futuro estando presente”. Nesse sentido vê-se também a temporalidade no papel de bisavós para eles mesmos, uma vez que eles se veem no futuro da família, trazendo a noção de transcendência que Reese e Murray (1996) referiram. O bisavô C continua: “Quando olho para meus bisnetos, tenho nove bisnetos, eu viajo no tempo sentado mesmo onde estou. Vejo eu e minha esposa no começo de tudo isso, me dá uma tranquilidade, eu penso que a gente acertou na vida”.

Além disso, o bisneto ainda aponta que seu bisavô é seu amigo: “Meu bisavô é um dos meus melhores amigos, na realidade, eu tenho poucos amigos, porque como meu bisavô me ensinou, amigos são pessoas em que a gente pode confiar e eu confio nele plenamente”. Tal achado se relaciona com os resultados de Drew e Silverstein (2004), que se referem aos bisavós como figuras de apoio para avós e pais, todavia podemos acrescentar que estas são figuras de apoio para todas as gerações.

Novamente se destaca, como na família A, a questão da nomenclatura dada aos bisavós: “Na realidade, eu chamo, meu bisavô de avô, minha avó de mainha, meu pai de pai e minha mãe de mãe e os meus tios chamo pelos nomes” (Bisneto C). Apesar de na dinâmica familiar os papéis de bisavós e avós parecerem não se confundir, a nomenclatura traz esse viés que se pode questionar, levando à reflexão que os bisavós são uma extensão do papel de avós (Roberto & Skoglund, 1996).

Família D

Figura 4
Genograma simplificado Família D



Nota: Elaborado pela autora.

A família D é de classe média baixa, assim como as famílias A, B e C já analisadas; e nota-se que as relações de casamento parecem ser estáveis nesse sistema familiar já por três gerações, como é possível ver na figura 4 (acima). Pode-se ainda acrescentar que o casamento dos pais da bisavó também foi bem-sucedido de acordo com seus relatos, inclusive sendo motivo de orgulho para a mesma. A bisavó D, centenária, mora com sua filha D4 (66 anos) desde que sua saúde começou a declinar há cerca de 8 anos. Moram, portanto, na mesma residência: a bisavó D, sua filha D4, o marido da filha D4, a neta D2, o marido da neta D2, e os bisnetos D1 e D2. Apesar de a família se assumir de classe média baixa, nota-se pela localização do imóvel que se trata de uma região um pouco mais favorecida que os outros casos analisados. Cabe ainda ressaltar que a filha D4 também é a cuidadora da bisavó. A bisavó D se tornou mãe aos 23 anos, avó aos 51 e bisavó aos 93.

3.4.10 Funcionamento do Sistema Familiar D

O funcionamento do sistema familiar D parece seguir à risca o delineamento dos personagens proposto por Brito da Motta (2010), possivelmente sendo uma família bastante tradicional, com a bisavó centenária, uma filha cuidadora que caracteriza a geração sanduíche ao “dar conta” de sua mãe e seus bisnetos, seguido por netos e bisnetos. Nota-se que a bisavó possui um *status* de poder no sistema, como ela mesma relata sobre o que é ser bisavó: “É poder, depois de uma certa idade, ter o prazer de carregar no colo os netos da sua filha”. Sua filha confirma a hierarquia do sistema ao dizer do orgulho que a posição traz: “Se tornar uma bisavó não é para todo mundo... isso é motivo de muito orgulho para todos nós”.

O sistema familiar D ainda traz para o seu funcionamento o fator da coresidência de quatro gerações, o que ocorreu devido ao declínio gradativo da saúde da bisavó D, que está perdendo a visão aos poucos. Observa-se, portanto, a interdependência do sistema, uma vez que todos os membros se mobilizaram em prol de ajudar a bisavó. Não obstante, é necessária a propriedade de adaptabilidade como relata a neta D2:

Como a saúde da minha vó foi piorando, e também por razões de logística, sem falar em questões financeiras, a gente acabou morando todos juntos. Minha avó está perdendo a visão, mas é 100% lúcida... a idade não permite que ela tenha boa mobilidade, ela precisa sempre da ajuda de alguém para fazer coisas simples. Isso é algo que impacta bastante, pois ela necessita de cuidados especiais e temos que dividir as atenções entre ela e as crianças.

Observa-se neste caso que a geração sanduíche não é apenas a dos avós, mas a dos netos também, que se colocam no lugar de cuidar de seus avós e de seus próprios filhos. A equifinalidade do sistema parece ser o cuidado e harmonia familiar, apesar da necessidade de autorregulações ao longo do caminho. Enquanto algumas famílias analisadas relataram não perceber mudanças no sistema familiar desde que se tornaram quatro gerações, a filha D4 observa várias mudanças: “Tudo mudou! A gente passa a entender porque os avós são menos exigentes com os netos do que com os filhos... A gente começa a perceber que os netos são a oportunidade de corrigir os erros cometidos com os filhos... nossa cabeça muda”. A filha D4 fala exatamente como agregar novos papéis familiares ao sistema que pode transformar as visões da funcionalidade do papel, como também de possibilidades que surgem para corrigir erros cometidos, o que denota novamente a autorregulação do sistema. Já a neta D2 pensa diferente ao dizer: “Nossa família não mudou, apenas agregamos mais amor”. Nesse sentido, ela observa as mudanças sistêmicas como “agregar amor”, uma vez que há um maior acúmulo de gerações e também de relações afetivas intergeracionais.

3.4.11 As relações intergeracionais na Família D

Pode-se pensar que devido à situação de coresidência, as relações intergeracionais configurem possíveis tensões no sistema, todavia a bisavó D expressa que gostaria de ainda ter mais tempo com as diferentes gerações. Quando questionada sobre as gerações, ela expressou: “Eles são muito importantes para mim... me dão vida! Gostaria de tê-los mais tempo perto de mim, mas sei das dificuldades de cada um... então tem uns que vejo mais e outros menos... queria ver todos sempre!” Conclui-se de seu depoimento que devido à

corresidência, há um contato maior com certos membros da família do que com outros, que ela apenas vê em ocasiões especiais e encontros de família. Os achados de Castañeda-García *et al.* (2021) apontam que os bisavós encontram as demais gerações da família em ocasiões especiais, tanto públicas como privadas, seguidas, em ordem decrescente, pelos eventos na casa dos bisavós, filhos e netos. O caso da coresidência, no entanto, oportuniza uma maior intensidade à convivência intergeracional.

A maior convivência pode, por consequência, também ocasionar tensões e conflitos, que demandam mais paciência. De acordo com a Bisavó D: “Hoje em dia os tempos estão mudados, algumas coisas para melhor, outras para pior, mas eu tenho certeza de que a minha época foi muito melhor e mais fácil de se resolver os conflitos. Hoje temos que ter mais paciência”. A Filha D4 vê essas mudanças como algo mais positivo e uma oportunidade de reavaliar hábitos e costumes enrijecidos com o passar do tempo: “Acredito que a geração da minha mãe era mais rígida e isso influenciou bastante na educação com as filhas dela. E acabamos herdando alguns hábitos e costumes que passamos para a educação dos nossos filhos e estão sendo reavaliados nessa nova geração”. No entanto, ela explica que enquanto a bisavó é mais acolhedora nos conflitos e reavaliações, é a sua geração que tem dificuldade:

Não existe bem um conflito por aqui, minha mãe (bisavó) costuma ser muito acolhedora... às vezes bem mais que eu. A minha geração é mais complicada... parece que para mim é mais difícil abraçar algo novo, a gente se acostuma de como as coisas funcionam. A palavra-chave é bom senso (Filha D4).

A filha D4 traz essa dificuldade na reavaliação de hábitos na interação intergeracional, indicando uma possível lealdade implícita aos ensinamentos e tradições da bisavó que são também confirmados pela neta D2: “Os costumes vividos pela minha avó são levados em consideração em qualquer situação. O respeito por ela sempre prevalecerá”. Destaca-se inclusive o uso do verbo no tempo futuro: “prevalecerá”, o que dá ênfase à continuidade da lealdade. Esse respeito em relação à hierarquia da bisavó influencia toda interação intergeracional.

A influência intergeracional também aparece apenas na direção descendente, isto é, de bisavós para seus filhos, netos e bisnetos. O bisneto D1 inclusive relata não lembrar ter ensinado algo para sua bisa: “Eu não lembro... acho que minha bisa é quem sabe das coisas”. O discurso da filha e neta sempre ressalta a necessidade de aprender com a bisavó e “herdar” seus valores de solidariedade, honestidade e amor pela família. Sua filha D4 diz: “Tudo o que somos é fruto da dedicação e exemplo dela. Nossa família não é perfeita, mas temos muita

dignidade e aprendemos a ser solidários uns com os outros através do exemplo dela”, ressaltando o exemplo da bisavó. A relação intergeracional também irá se definir por subsistema, como explica a bisavó D:

Eu agora não tenho tanta obrigação na educação dos meus netos e bisnetos e agora minha obrigação mesmo é mimar com presentes. Minhas relações com as minhas filhas são as mesmas de sempre, filhos são filhos não importa a idade que tenham sempre nos preocupamos e queremos o melhor. O amor por eles é tão grande que se prolonga para os netos e bisnetos.

Nota-se que ela vê netos e bisnetos sem obrigação de educação, apesar de estar transmitindo heranças de tradições substanciais no discurso das outras gerações. Já a relação com seus filhos envolve mais preocupação, uma vez que é uma relação educativa, pois o papel que exerce com eles é diferente.

3.4.12 O papel de bisavó na família D

Como ficou evidente no último relato da bisavó acima, ela percebe seu papel de bisavó pela funcionalidade de mimar e dar presentes aos seus bisnetos. Sua neta D2 confirma essa atividade ao dizer: “Ela gosta de agradar os bisnetos com mimos... ela conta história e dá presentes também... Percebo que ela tem orgulho de todos os bisnetos e a presença deles a deixa animada”. Ela continua: “Meus filhos adoram a bisa, pois ela é muito amorosa e carinhosa com eles. Ela diz que gosta de dar presentes como lembrança para quando ela se for eles lembrarem dela”. Nota-se que é uma relação envolta por muito carinho (Dias & Pinto, 2007) e também o fator de deixar algo para ser lembrada, que denota novamente a transcendência (Reese & Murray, 1996). O bisneto afirma que os presentes são algo especial: “Eu gosto que ela me dá presentes... sempre guardo eles assim com carinho, porque ela é especial”.

Além de “mimar” seus bisnetos, a bisavó parece também ter a função de aconselhar, conversar e contar histórias, como relata o bisneto D1: “É assim... minha bisa gosta de Finni. Ela chama de ‘pimba roxa’. Aí sempre que minha mãe compra eu vou lá e levo pra ela, aí a gente sente e conversa comendo Finni... eu gosto de estar junto com ela. Acho que ela é igual a mim... gosta de Finni e de conversar”. As conversas são “ensinamentos orais” segundo a filha D4 que explica que as histórias vividas pela bisavó impactam toda a família.

Ao considerar a tipologia de bisavós de Rabinovich *et al.* (2014), observa-se que a bisavó D parece se enquadrar no tipo “mais que avós”, que contam mais histórias e já necessitam de mais ajuda. Seu papel, portanto, desenvolve-se mediante certas limitações de sua saúde, mas também de acordo com as fronteiras que a bisavó parece delinear ao seu papel se isentando de um papel educacional explicitamente, embora implicitamente ela transmita um legado e “educa” todas as gerações nas tradições familiares. Seu papel parece ser mais de ordem emocional, do que instrumental devido às limitações físicas, corroborando com Dias e Pinto (2007). Interessantemente na família D não há confusão com relação à nomenclatura da bisavó, sendo esta denominada de “bisa” por seu bisneto.

3.5 Conclusões: entrelaçando os achados

O presente artigo buscou analisar famílias com quatro gerações e suas relações intergeracionais, visando compreender como surge e se desenvolve o papel de bisavós sob uma perspectiva sistêmica. A análise qualitativa não permite generalizações, todavia pode viabilizar uma compreensão do papel de bisavós mediante o estudo de casos múltiplos.

Cada caso (famílias A, B, C e D) possui suas especificidades que ficam evidentes no funcionamento do sistema, uma vez que cada família passa por sua cronologia histórica que vai moldando sua forma de funcionar. As propriedades da interdependência dos membros do sistema multigeracional, da hierarquia que se forma no sistema, bem como a necessidade de autorregulação e adaptabilidade foram evidentes em todas as famílias. A partir de como a família se estrutura em seu funcionamento, observa-se como se dão as relações intergeracionais, que bem parecem a engrenagem do sistema.

Notou-se que as relações se organizam por subsistemas intergeracionais: bisavós-filhos, bisavós-netos e bisavós-bisnetos. O nível de responsabilidade educacional parece ir diminuindo a cada nova geração agregada, sendo a relação bisavós-bisnetos marcada mais por satisfação, alegria e diversão. Não obstante, fica claro em todas as famílias que os bisavós acabam, implícita ou explicitamente, exercendo uma função educacional à medida que se sentem incumbidos da missão de transmissão de histórias, tradições, valores e conselhos.

O papel de bisavós se desenvolve a partir do funcionamento familiar e das relações intergeracionais estabelecidas, o que acarretou suas especificidades em cada família. Nota-se, por exemplo, a diferença dos papéis exercidos pela bisavó A e o bisavô D, denotando a forma única como o papel se desenvolve. Há, porém, características que são semelhantes em todos os quatro casos, tais como: a associação do papel a uma autoridade ou poder dentro da

família, que é respeitado por todos; a posição de detentor de sabedoria na família; além de ser alguém que parece influenciar a família de forma direta.

Foi possível observar que os bisavós percebem o papel com mais leveza, buscando aproveitar o tempo e os bisnetos. O tempo vivido como bisavós é visto como privilégio, e eles são considerados as “raízes da família”. É interessante notar que algumas famílias fizeram questão de destacar que os bisavós não são idosos ou que são idosos ativos, que contribuem para com a família. Observa-se inclusive a diferença de idade dos mesmos que variou de 64 a 100 anos, o que certamente influencia a forma como vivenciam seu papel. O fator de maior destaque no referido papel parece ser a função da transmissão intergeracional, que os leva a transcender a própria geração.

Para concluir este artigo sobre esse papel ainda tão pouco explorado, pode-se observar que os bisavós se mostraram ativos, interessados e dinâmicos, caracterizados por um posicionamento especial nos sistemas familiares analisados. Os instrumentos utilizados foram fundamentais para ter uma compreensão mais ampla do papel, a partir de uma perspectiva intergeracional ao entrevistar as quatro gerações. A construção de um genograma, apesar de bastante simplificado, auxiliou na análise da dinâmica do sistema e dos personagens centrais que se entrelaçam.

Acredita-se que para melhor explorar o papel de bisavós em suas diversas nuances familiares, seria interessante estudos com maior número de participantes de diferentes camadas sociais e regiões. Além disso, pode-se focar em especificidades da bisavosidade, tal como a relação bisavós-bisnetos; a mediação desta relação; ou ainda bisavós que criam seus bisnetos. Espera-se que o presente estudo possa motivar outras pesquisas que analisem e investiguem as implicações do papel de bisavós em diferentes famílias, para entender melhor a dinâmica das relações intergeracionais atuais.

Referências

- Alves, S. M. M. (2013). *Cuidar ou ser responsável? Uma análise sobre a intergeracionalidade na relação avós e netos*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Estadual do Ceará.
- Andolfi, M. (2017). *Multi-generational family therapy: tools and resources for the therapist*. Routledge.
- Brito da Motta, A. (2010). A família multigeracional e seus personagens. *Revista Educação Social*, 31(111), 435-458. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302010000200008>

- Castañeda-García, P.V., Cruz-Santana, V., Hernández-Garrido, F., Díaz-Rodríguez, P., & Romero-González, S. (2021). Which activities do great-grandparents and great-grandchildren share in family contexts? An analysis of a new intergenerational relationship. *Annals of Psychology*, 37(2), 265-275. <https://doi.org/10.6018/analesps.355631>
- Dias, C. M. S. B., & Pinto, V. C. (2007). A percepção dos bisavôs sobre seu papel. *Revista De Enfermagem UFPE on Line*, 1(2), 198-203. <https://doi.org/10.5205/0102200717>
- Doka, K. J., & Mertz, M. E. (1988). The meaning and significance of great-grandparenthood. *The Gerontologist*, 28(2), 192-197.
- Drew, L. M., & Silverstein, M. (2004). Intergenerational role investments of great-grandparents: Consequences of psychological well-being. *Aging and Society*, 24(1), 95-111. <https://doi.org/10.1017/S0144686X03001533>
- Even-Zohar, A., & Garby, A. (2016). Great-grandparents' role perception and its contribution to their quality of life. *Journal of Intergenerational Relationships*, 14(3), 197-219.
- Ferrigno, J.C. (2010). *Coeducação entre gerações*. Edições Sesc SP.
- Freitas, W. R. S., & Jabbour, C. J. C. (2011). Utilizando Estudo de Caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. *Estudo & Debate*, 18(2), 07-22.
- Girardin, M., Widmer, E. D., Connidis, I. A., Castrén, A.M., Gouveia, R., & Masotti, B. (2018). Ambivalence in Later-Life Family Networks: Beyond Intergenerational Dyads. *Journal of Marriage and Family*, 80(2018), 768-784.
- McGoldrick, M., & Gerson, R. (1995). Genetograma e o ciclo da vida familiar. In B. Carter & M. McGoldrick. *As mudanças no ciclo de vida familiar* (pp. 144-164). Artes Médicas.
- Mietkiewicz, M.C., & Venditti, L. (2004). Great-grandfathers from their great-grandchildren's point of view. *Psychology Neuropsychiatry Viellissement*, 2(4), 275-283.
- Minayo, M. C. (2004). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Hucitec.
- Minuchin, S. (1982). *Familias: Funcionamento e tratamento*. Artes Médicas.
- Organização das Nações Unidas. (2018). *Desenvolvimento Sustentável*. <https://nacoesunidas.org>.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2006). *Desenvolvimento humano*. Artmed.
- Patton, M. G. (2002). *Qualitative research and evaluation methods*. (3ª ed.). Sage.
- Rabinovich, E. P., Azambuja, R. M. M., & Moreira, L. V. C. (2014). O significado de bisavós para crianças baianas. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 17(1), 179-199. <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2014v17i1p179-199>

- Ramos, N. (2012). Avós e netos através das imagens e das culturas. In M. Ramos, M. Marujo, & A. Baptista (Eds.), *A voz dos avós: migração, memória e patrimônio cultural* (pp. 33-56). Gráfica de Coimbra.
- Reese, C. G., & Murray, R. B. (1996). Transcendence: The meaning of great-grandmotherhood. *Archives of Psychiatric Nursing*, 10(4), 245-251. [https://doi.org/10.1016/s0883-9417\(96\)80030-6](https://doi.org/10.1016/s0883-9417(96)80030-6)
- Roberto, K. A., & Skoglund, R. R. (1996). Interactions with grandparents and great-grandparents: a comparison of activities, influences, and relationships. *International Journal of Aging and Human Development*, 43(1), 107-117.
- Rubini, C. (2015). O conceito de papel no psicodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 3(1), 45-62.
- Schuler, E. (2021). Great-grandparents in Brazil? A Sociodemographic Contextualization. *Population Ageing*, 2021. <https://doi.org/10.1007/s12062-021-09335-5>
- Valença, T.D.C., & Silva, L.W.S. (2011). O olhar sistêmico à família do idoso fragilizado. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 14(2), 31-46.
- Vasconcellos, M.J.E. (2012). *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Papirus.
- Vicente, H. M. T., & Sousa, L. (2010). Funções na família multigeracional: contributo para a caracterização funcional do sistema familiar multigeracional. *Psychologica*, 53(1), 157-181.
- Vicente, H., & Sousa, L. (2012). Relações intergeracionais e intrageracionais: a matriz relacional da família multigeracional. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(1), 99-117. <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2012v15iEspecial11p99-117>
- Wagner, A., Tronco, C., & Armani, A. B. (2011). Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos. In A. Wagner. *Desafios psicossociais da família contemporânea-pesquisas e reflexões* (pp. 19-35). Artmed.
- Wendt, N. C., & Crepaldi, M. A. (2008). A utilização do genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 302-310.

ARTIGO IV:

“DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO”: O QUE CARTAS DE BISAVÓS TRANSMITEM?

Emily Schuler & Cristina Maria de Souza Brito Dias

Resumo: O objetivo deste artigo foi compreender a transmissão transgeracional de bisavós para seus descendentes. Para tanto, foram entrevistadas quatro famílias com quatro gerações, isto é, os bisavós, seus filhos, netos e bisnetos, totalizando 16 participantes. Como instrumentos utilizou-se uma entrevista semiestruturada com roteiro específico para cada geração, bem como a confecção de uma carta dos bisavós para seus bisnetos, como também dos bisnetos para seus bisavós. As entrevistas assim como as cartas foram analisadas de acordo com a Análise de Conteúdo Temática. Os resultados apontam para a transgeracionalidade nas famílias, estudadas aqui como casos, observando-se repetições geracionais padrões, modo de se relacionar, formas de disciplina e educação, e religiosidade. Na transgeracionalidade o papel dos bisavós apareceu como fundamental, uma vez que são eles que prezam pela transmissão e são os guardiões dos valores e tradições familiares. Com relação à forma dessa transmissão é, primordialmente, a transmissão oral, isto é, contação de histórias de vida, conversas, conselhos e legados. A oportunidade em que a transmissão se dá é na convivência do dia a dia entre as gerações.

Palavras-chave: Envelhecimento. Bisavós. Transgeracionalidade. Família.

4.1 Introdução

A disposição sociodemográfica da atualidade abre a possibilidade de relações e convivências entre gerações como nunca visto antes. Observa-se um entrecruzar de tempos que entrelaça a longevidade humana com as gerações mais novas, construindo um lugar de encontro entre gerações. Trata-se de um lugar, que possibilita atividades que se entrecruzam entre diferentes gerações e abrem espaço para troca mútua de saberes e afetos, de solidariedade e de diálogo entre os mais velhos e os mais jovens, a partir dos conhecimentos e experiências de cada um (Ramos, 2012).

Por meio do convívio entre as gerações abre-se a possibilidade de transmissão de saberes entre elas. Falcke e Wagner (2014) apontam para a força da família mediante a transmissão e perpetuação de seus legados de “geração em geração”, fenômeno que constituído por uma perspectiva histórica não apenas dá identidade à família, como também explica significados na dinâmica da mesma. As autoras informam que o termo utilizado para essa transmissão na literatura é a transgeracionalidade, compreendido pelo prefixo *trans*, resgatando a noção de legados que atravessam e perpassam a história familiar e se mantêm presentes ao longo das gerações. Gomes e Zanetti (2009) descrevem essa transmissão como

transgeracionalidade, isto é, um legado que é herdado e constitui uma riqueza de costumes e tradições que são expedidos por meio das relações de afeto. Neste artigo utilizaremos a definição de Falcke e Wagner (2014) de transgeracionalidade como os processos que são transmitidos pela família de geração em geração e se mantêm presentes ao longo da história familiar.

De acordo com Reese e Murray (1996), o papel dos bisavós é caracterizado principalmente pela função de transmitir conteúdos às próximas gerações, especialmente à geração dos bisnetos, com o objetivo de transcender, isto é, ir além da sua própria existência e, assim, deixar parte de si para o futuro da família. Schuler e Dias (2020) perceberam essa mesma tendência, uma vez que, por meio do convívio intergeracional, os bisavós transmitiam valores, crenças e tradições familiares às próximas gerações. Em sua pesquisa, a transmissão aparentou ser passada adiante nos atos e não apenas no discurso dos bisavós. Rabinovich *et al.* (2014) destacaram quanto o ser bisavós está ligado diretamente aos legados que podem ser transmitidos à família, como uma forma de herança e de continuidade de vida, tendo influência no dia a dia da família.

O tema em questão ainda mostra lacunas e aguarda pesquisas sistemáticas segundo vários autores (Brito da Motta, 2010; Dias & Pinto, 2007; Even-Zohar & Garby, 2016). Vicente e Sousa (2012) ressaltaram a necessidade de pesquisas que investiguem a relação intergeracional para além das relações diádicas, possibilitando uma maior compreensão do sistema familiar multigeracional, o que justifica a presente pesquisa. Portanto, o presente artigo teve como objetivo compreender a transmissão transgeracional de bisavós para seus descendentes.

4.2 Transgeracionalidade: “De bisavós para a família”

Ao tomar os bisavós e assim também a família multigeracional em foco, observa-se facilmente esta inter-relação entre os membros, marcada não apenas pelo convívio, mas também por heranças transgeracionais. A perspectiva da Teoria Sistêmica reconheceu que os aspectos históricos e subjetivos da família tinham influências notáveis no funcionamento do sistema e logo se ocupou de estudar questões transgeracionais e aspectos como a memória familiar.

Acerca desse tema, o teórico húngaro, de base sistêmica e terapeuta familiar, Boszormenyi-Nagy (2014), debruçou-se sobre a dimensão transgeracional, isto é, aquilo que passa de geração em geração, como parte da área afetiva do sistema. Boszormenyi-Nagy, que

desenvolveu a Terapia Contextual, destacou que o legado transgeracional é composto tanto por elementos positivos, como negativos, configurando algo como uma economia familiar que sofre desequilíbrios entre o tomar e o dar, entre direitos e deveres. Em seu livro clássico *Lealdades invisíveis* (Boszormenyi-Nagy, 2014), o autor descreveu que o legado ou mandato se move entre as gerações psiquicamente, sendo, na maioria das vezes, inconsciente e invisível. A lealdade pode se dar de forma vertical (entre diferentes gerações), horizontal (membros de uma mesma geração) ou ainda clivada, isto é, quando a lealdade a alguém pode ser rompida por lealdade a uma outra pessoa. A lealdade é originada por sentimentos de culpa, gratidão, valor, pressão, interesse ou consanguinidade. Além disso, a lealdade é demonstrada por meio de confiança, responsabilidade, mérito, reciprocidade, devoção, mitos, regras ou leis. Para melhor compreensão da transgeracionalidade, Boszormenyi-Nagy e Spark (2013) trazem um aprofundamento de conceitos inerentes ao fenômeno:

Conceito de *Lealdade* – os autores explicam que poderão ocorrer sentimentos de solidariedade, compromisso e corresponsabilização entre as gerações. O objetivo desses sentimentos seria a unificação do sistema familiar, além de atender às necessidades singulares dos membros do sistema para a permanência das características familiares emocionais e intelectuais. Caso não ocorra o padrão de lealdade, podem surgir as dívidas simbólicas, muitas vezes inconscientes. Falcke e Wagner (2014) ressaltaram que a lealdade se constitui de uma força, seja esta saudável ou não, que cria laços geracionais dentro da família, podendo ser uma característica grupal ou individual.

Conceito de *Parentificação* – tal conceito traz a noção de papéis, responsabilidades e funções, que podem ser atribuídas de forma equivocada ou prematura. Trata-se de uma atribuição parental a outros membros do sistema sendo, por exemplo, provavelmente invertida aos filhos. As relações verticais acabam perdendo sua estrutura, o que poderá provocar interferência nas relações intergeracionais.

Conceito de *Justiça Familiar* – a essência deste conceito é o desafio de manter o equilíbrio entre os seus membros com a manutenção do mandato transgeracional. Em outras palavras, trata-se de fazer jus ao que foi herdado.

Falcke e Wagner (2014) ainda destacam o conceito de *Valores*. Estes são compreendidos como aspectos da vida transmitidos, de forma implícita ou explícita, entre os componentes do sistema. Trata-se de um conceito amplo que indica os aspectos que o sistema familiar se ocupa em transmitir aos seus descendentes, incluindo segredos, tabus, mitos, rituais e crenças.

Outro conceito importante a ser destacado é o de *mito*, que se refere a algumas atitudes do grupo familiar, que se originam em pensamentos defensivos com o objetivo de manter e garantir a coesão interna, além de proteção do mundo externo. Os mitos geralmente surgem em momentos de grande tensão familiar, exercendo poder sobre seus membros e seus destinos.

Uma família também possui seus *ritos ou rituais* que se constituem por uma série de atos ou comportamentos codificados pela família que sempre se repetem, tal como atos simbólicos que irão proporcionar satisfação e sentido aos participantes. Os ritos acabam muitas vezes perpetuando e explicitando os mitos construídos. Os ritos favorecem o encontro entre os familiares por meio de celebrações, tradições e rotinas.

Por vezes, o mito se origina a partir de um *segredo* familiar. O segredo visa esconder determinados fatos que não correspondem aos padrões familiares devido a uma transgressão a uma regra da família. O segredo irá gerar alianças, triangulações ou coalizões entre seus membros. Cabe ressaltar que há segredos que irão favorecer a individuação ou aqueles que serão associados a injustiças levando a uma maior ligação. O segredo tanto pode ser compartilhado, individual ou ainda interno, isto é, guardado por duas pessoas em relação a uma terceira.

Os mitos, ritos e segredos irão desenvolver as *crenças familiares*, que são interpretações e premissas de cunho emocional com relação àquilo que é visto como certo e favorável pela família. A crença acaba definindo a identidade familiar, uma vez que se espera que a crença seja acolhida por todos os membros da família, gerando reação de defesa em caso de desafio à crença estabelecida (Bucher-Maluscke, 2008; Falcke & Wagner, 2014).

E, por fim, o conceito de *legado*, que é explicado por Falcke e Wagner (2014) como uma espécie de cápsula do tempo na qual a família deposita os elementos, de forma condensada, que devem ser comunicados às gerações futuras; seria algo como a “essência da família” (p. 39). As autoras destacam, ainda, que o legado é constituído num processo de duas etapas. Primeiro, a família identifica o que quer transmitir, enquanto num segundo momento se engaja em formas de fazer a transmissão desse legado, que é constituída por temas, valores, regras e instruções, para as próximas gerações.

O guardião dessa cápsula do tempo, ou seja, do legado, é denominado por Ramos (2012) de “guardião das memórias familiares”, que possivelmente fica por conta dos mais idosos da família, no caso, os bisavós (Ramos, 2012). Em um estudo realizado por Ferrie *et al.* (2016), nos Estados Unidos, foram encontradas evidências das transmissões intergeracionais passadas pelas gerações dos avós e bisavós, inclusive em questões financeiras

da família. Os autores denominaram tal fenômeno de “efeito bisavós” devido à sua importância na linhagem familiar.

No contexto relacional entre essas gerações, valores, crenças e atitudes podem não apenas ser transmitidos, mas também revistos, repensados e ainda ressignificados em várias dimensões. No presente artigo, visou-se compreender a transmissão transgeracional que ocorre dos bisavós para seus descendentes. Mais especificamente, buscou-se compreender as formas de transmissão e analisar legados que são transmitidos a filhos, netos e bisnetos, na perspectiva de cada geração.

4.3 Método

Em função dos objetivos propostos, optou-se por uma pesquisa de natureza qualitativa, por nos possibilitar uma maior compreensão dos fenômenos e das relações, priorizando o objeto de investigação a partir do que é colocado pelos participantes e do significado que possui para os mesmos. As metodologias qualitativas, de modo geral, privilegiam a análise de micro processos sociais, individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados em sua amplitude, profundidade e multiplicidade no momento da análise (Minayo, 2019). Esse tipo de abordagem permite uma interação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, como vínculo indissociável (Silva & Menezes, 2005).

A estratégia de pesquisa utilizada foi o estudo de casos múltiplos, uma vez que se trata de um procedimento metodológico com foco no entendimento contextual, centrando-se na compreensão da dinâmica do contexto real e envolvendo-se em um estudo profundo de poucos objetos para seu amplo e detalhado conhecimento (Freitas & Jabbour, 2011).

4.4 Participantes

Seguindo uma amostragem proposital, participaram desta pesquisa quatro famílias com quatro gerações, totalizando 16 participantes.

De acordo com a Lei nº 10.741, seguindo o referencial da Organização das Nações Unidas (ONU), para que uma pessoa seja considerada idosa, nos países em desenvolvimento, foi estabelecida a idade de 60 anos. Acredita-se que delimitar a idade dos bisavós a partir de 60 anos foi vantajoso para compreender melhor questões ligadas ao envelhecimento que estão relacionadas ao seu papel na família. Não foram levados em consideração o estado civil, a escolaridade, nem o nível socioeconômico para a seleção dos participantes. No entanto, os

participantes deveriam gozar de um estado de saúde que lhes permitisse participar da pesquisa, o que foi verificado na entrevista com a pesquisadora. Os bisavós participantes são de ambos os sexos, na faixa etária entre 64 e 100 anos.

Quanto às demais gerações, participaram da pesquisa um membro de cada, tendo como critério sua disponibilidade para participação na pesquisa, sendo: um(a) filho(a), um(a) neto(a) e um(a) bisneto(a). Optou-se por delimitar também a idade mínima de sete anos para a participação da geração mais nova, ou seja, dos bisnetos, para garantir a compreensão do instrumento a ser utilizado. No caso desta pesquisa as idades dos filhos variavam entre 46 e 66 anos, a geração dos netos de 26 a 40 anos, e os bisnetos entre sete e 12 anos de idade. Os dados sociodemográficos serão discutidos de forma mais abrangente nos resultados.

Destaca-se ainda que o pertencimento ao nível socioeconômico médio-baixo se repete em todas as famílias, apesar de este não ter sido um critério de inclusão. Outro fator que contribui para a compreensão contextual dos participantes é sua religiosidade cristã, católica ou evangélica.

4.5 Instrumentos

Foram utilizados dois instrumentos: uma entrevista semidirigida, com roteiro específico para cada geração, e a construção de cartas dos bisavós para seus bisnetos e vice-versa.

A entrevista individual foi composta de questões que atendiam aos objetivos propostos, elaborada pela própria pesquisadora e contemplou, também, os dados sociodemográficos dos participantes. Minayo (2019, p. 99) esclarece que a entrevista orienta “uma conversa com finalidade, servindo como facilitadora de abertura, ampliação e aprofundamento da comunicação” obtendo-se, assim, informações e opiniões pertinentes ao estudo. O roteiro permite uma conversação informal que possibilita ao participante um relato espontâneo de sua experiência, e orienta os temas a serem abordados, não sendo necessário seguir uma ordem rígida, podendo ser acrescido por conteúdos relevantes na elaboração discursiva dos entrevistados.

Quanto às cartas, primeiro foi elaborada uma carta dos bisavós para seus bisnetos, que foi ditada para a pesquisadora. A instrução para a carta foi a seguinte:

Você já viveu muitas coisas em sua vida, teve experiências e aprendeu lições! Dentro de você encontrará uma variedade de experiências, aventuras, histórias e tópicos de

vida que evocam reflexões, avaliações e valores que formam sua própria sabedoria. Esse tipo individual e pessoal de sabedoria é algo que nenhuma escola, nenhum livro didático pode ensinar. Por favor, anote a sua própria sabedoria de vida e tudo o que você deseja compartilhar com os seus bisnetos em uma carta para eles/elas, para que as gerações mais jovens possam aprender com o seu conhecimento e experiência de vida. Não há especificações para o comprimento da carta.

Outra carta elaborada foi a dos bisnetos para os seus bisavós, com a seguinte instrução: “Desenhe ou escreva algo que você gostaria de dizer ou dar ao sua/seu bisavó/bisavô. Pode ser algo que você lembra quando pensa na bisa ou no biso”. A criança ficou livre para desenhar ou escrever algo que a remetesse aos bisavós. Enquanto o(a) participante desenhava ou escrevia, foi observado discretamente o que riscava, apagava, substituía, a ordem das figuras, hesitações e expressão facial. Após o desenho, a pesquisadora podia pedir para que a criança contasse sobre os detalhes no caso de ser uma “carta-desenho”.

4.6 Procedimentos de coleta e análise dos dados

Inicialmente, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética desta instituição (CAEE n. 28178619.2.0000.5206), e, após aprovação, foi dado início à coleta dos dados. Os participantes foram indicados por pessoas do nosso conhecimento e deveriam residir na Região Metropolitana de Recife. Eles foram contatados via comunicação telefônica para um primeiro encontro, no qual foram informados dos objetivos da pesquisa e da gravação das entrevistas, garantindo-se o anonimato e o sigilo das informações. O procedimento de busca pelos participantes se deu primeiramente pela indicação de uma bisavó, que por sua vez indicou uma amiga sua, assemelhando-se à coleta pela técnica bola de neve. As indicações subsequentes resultaram nas primeiras três famílias entrevistadas, seguidas da quarta família por outra indicação.

Uma vez que o contato foi estabelecido, foi-lhes explicado sobre o objetivo da pesquisa e obtendo seu consentimento para participação, assinaram o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (TCLE, vide anexo). Para os participantes menores de idade foi assinado o TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido) e os responsáveis assinaram o TCLE para os mesmos. Os participantes foram atendidos em locais apropriados como instituições voltadas a pessoas de terceira idade, sua residência ou outro local de sua preferência, sendo primeiramente entrevistados individualmente. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas de forma literal, tentando-se manter o máximo de fidelidade sobre o que foi dito. Ao final da entrevista foi explicada a dinâmica da feitura da

carta com bisavós e depois bisnetos, que a maioria dos participantes ditou para a pesquisadora, com exceção de um bisneto. O texto ditado pelos participantes foi logo transcrito pela pesquisadora que lhes leu a carta para sua aprovação.

Cabe ainda ressaltar que foram respeitados todos os protocolos de segurança da pandemia da Covid-19, com a utilização de máscara e distanciamento social durante a aplicação dos instrumentos.

Quanto à análise dos dados obtidos, tanto das entrevistas quanto das cartas, utilizou-se a Técnica de Análise de Conteúdo Temática. Segundo Minayo (2019), ela consiste “em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado” (p. 209).

4.7 Resultados e discussão

Os resultados serão apresentados e discutidos considerando cada família como um caso, para, posteriormente, entrecruzar os achados. Primeiramente será apresentada uma breve contextualização de cada família, seguida das categorias de análise: 1. A transgeracionalidade na família, 2. As formas de transmissão; 3. Os legados em transmissão.

Família A

Quadro 1

Dados sociodemográficos da família A

Geração	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	Religião
Bisavó A	64	divorciada	Ensino Médio completo	Agente de Saúde	Evangélica
Filha A	46	casada	Ensino superior completo	Pedagoga	Evangélica
Neta A	26	casada	Ensino Médio completo	Autônoma	Evangélica
Bisneta A	10	solteira	6º Ano do Ensino Fundamental	Estudante	Evangélica

Nota: Elaborado pela autora.

A família A pertence à classe média baixa, o que foi observado devido à localização e estrutura de sua residência. A bisavó A é proprietária da casa onde mora com sua filha A, o esposo da filha A e um de seus netos. A bisavó A tem 64 anos, casou-se aos 16 devido à gravidez de seu primeiro filho, seguida logo de outra gravidez. Todavia, o casamento não deu certo e quando tinha 18 anos se divorciou. Vale salientar que as duas próximas gerações (filha e neta) também engravidaram aos 16 anos, o que já denota repetições geracionais. A bisavó

A, portanto, tornou-se mãe aos 16 anos de idade, avó aos 34 anos e bisavó aos 54 anos de idade. Observa-se que a filha e a neta continuam casadas, o que não ocorreu com a bisavó. Outra repetição aparente nos dados sociodemográficos é a religião professada por todas as gerações da família A.

4.7.1 A transgeracionalidade na família A

Considerando a transgeracionalidade, isto é, aquilo que passa de geração em geração, a família A relata uma história de repetições geracionais, como se observa no relato da Bisavó A sobre quando sua neta engravidou:

Minha neta estava grávida, era uma adolescente de 16 anos, estava namorando há pouco tempo, estudava e tinha estágio remunerado que ganhava melhor do que eu. Minha filha também ficou grávida na adolescência, teve dois filhos... Sou de família cristã, e acho que casamento deve ser pra sempre. Quando me separei não me casei novamente, mas isto estava acontecendo na minha família, foi assim com minha filha e agora estava acontecendo com minha neta.

Em seu relato a bisavó continua com sua própria história, que também foi de uma gravidez aos 16 anos e um casamento que se encerrou quando ela tinha 18 anos: “Me casei ainda adolescente, aos 18 anos, já tinha dois filhos, com pouco de casados meu ex-marido já tinha um relacionamento extraconjugal, me separei e voltei pra casa da minha mãe com meus dois filhos ainda crianças, tive que trabalhar, a avó cuidava deles” (Bisavó A). Nota-se que apesar de ter se separado, a bisavó A preza pela instituição do casamento e assim o organizou para sua neta: “A gente, eu e meu namorado, tínhamos acertado que não íamos nos casar, íamos viver juntos. Mas quando minha vó soube, não permitiu, providenciou tudo para o casamento no cartório e na igreja, a festa, tudo até o meu vestido de noiva, foi quem escolheu” (Neta A).

Logo se percebe uma relação marcada pela lealdade entre a neta A e a bisavó A, que se organizou para a realização do casamento, possivelmente visando manter o equilíbrio na família. Outra hipótese seria que a bisavó desejava reparar o fato de ela mesma ter se separado. Mediante a história das três gerações terem filhos muito novas, a avó e a bisavó assumiram papel de cuidado com os respectivos netos e bisneto, sendo assim parentificadas.

Foi possível perceber que a guardiã do legado familiar é a bisavó, que se ocupa de transmitir os valores, tradições e modos de ser da família, como é confirmado por sua filha A: “Ela (a bisavó) é a influência da família! ligada em tudo que acontece na família, quer saber e

ajudar aos familiares. Quero dizer que na minha família, minha mãe sempre influenciou, sempre se fez ouvir...”. A sua neta reafirmou: “Minha avó está transmitindo para nós muitas coisas”; é interessante usar o verbo no gerúndio indicando a continuidade da transmissão.

4.7.2 Formas de transmissão na Família A

Com relação a como essa transmissão é feita, a neta A explicou que esta se dá no dia a dia: “No dia a dia, através das ações, dos conselhos, das conversas e das repreensões”. Destaca-se que a neta também ressaltou as repressões como forma de transmissão. A filha A também apontou as dificuldades do dia a dia, como fonte de sabedoria: “Na vivência do dia a dia, nas dificuldades que viver oferece, às vezes em coisas bem pequenas há um grande aprendizado” (Filha A).

É interessante notar que muitos dos aprendizados acontecem na cozinha, com “a mão na massa”, ou seja, em atos concretos corroborando com os resultados de Schuler e Dias (2021) que as ações dos bisavós têm relevância no legado percebido pelos bisnetos. A bisneta proferiu: “Também cozinhamos juntas, ela cozinha muito bem, mas o melhor que ela faz é bolo, estou aprendendo com ela”. A bisneta continua: “Gosto demais quando ela vai pra cozinha e faz bolo, ela cozinha muito bem. Minha mãe e minha vó aprenderam com ela, eu também estou aprendendo”. Sua filha A também confirmou: “Todas gostamos de cozinhar, mas ainda não cozinhamos bem como minha mãe, mas ela ensina quem quiser aprender... aí a gente vai pra cozinha juntas”.

A bisavó A explicou que sempre há possibilidade de transmitir algo:

Passo as lições que a vida me deu para meus filhos, netos e bisneta, não fantasio nada, conto como eu vivi. Às vezes, algum diz que já sabe, tudo bem, eu repito. Faço isso porque amo a minha família, e não tem remédio melhor do que prevenir, faço no dia a dia, no cotidiano, porque na vida sempre aparece o que aprender. As mulheres da minha família são fortes e excelentes cozinheiras; os homens são mais devagar.

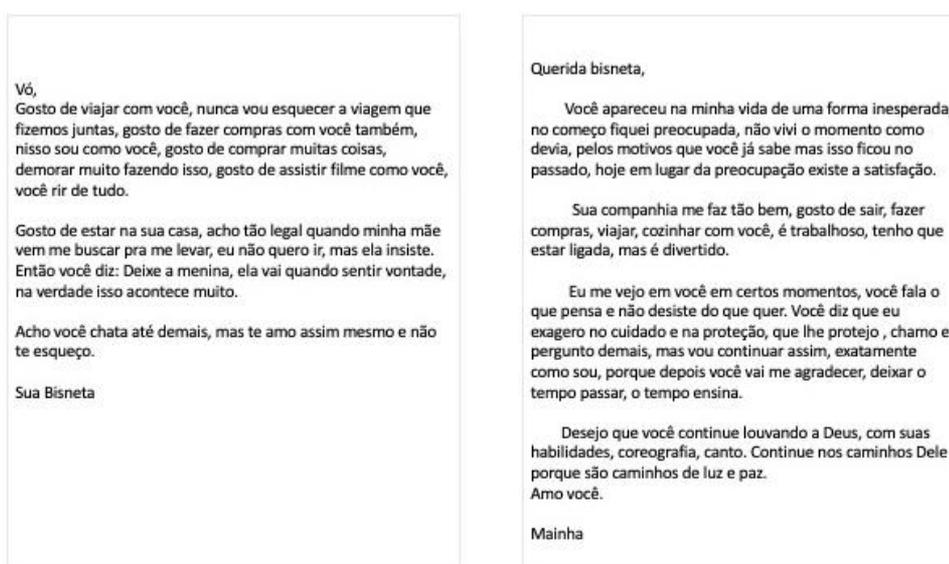
O relato da bisavó ressalta como ela conta suas experiências, às vezes repetitivamente. Ela percebe seu ato como uma prevenção para a família fazer melhores escolhas, além de observar uma desvalorização da figura masculina. Segundo Ferrigno (2010), nesta amplitude de assuntos transmitidos dos mais velhos para os mais novos, estão inclusos ensinamentos morais, sugestões práticas, ou, ainda normas de vida. Neste âmbito, novamente aparece a cozinha como um lugar de transmissão, todavia mais privilegiado para as mulheres, enquanto os homens são tidos como “devagar”. Ela ainda acrescentou: “Eu falo dos meus erros e

acertos, não acho que sei mais, apenas por falar porque sei, mas porque eu já passei por aquele problema ou circunstância, daí a necessidade de dizer. Eu faço isso no dia a dia, não tenho uma maneira especial. A vida oferece muitas oportunidades”.

4.7.3 Legados em transmissão na Família A

Abaixo, na figura 1, é possível ver a carta da bisneta para sua bisavó (esquerda) e da bisavó para bisneta (direita).

Figura 1
Cartas Família A



Nota: Elaborado pela autora.

Alguns detalhes chamam a atenção nas cartas. Primeiramente, a nomenclatura utilizada pela bisneta ao chamar sua bisavó de “vó”; durante a entrevista ela a chamou também várias vezes de “mainha”, que também é como a bisavó assina em sua carta para a bisneta. A forma de chamar a bisavó pode apontar para os papéis que a mesma acaba acumulando na dinâmica familiar: papel de mãe, de avó e de bisavó, o que culmina numa experiência única, corroborando com Even-Zohar e Garby (2016) sobre a percepção do papel de bisavós. Outro componente interessante na carta é a importância dada por ambas às atividades e tempo compartilhados que são exatamente onde é possível ocorrer a transmissão de conteúdos entre gerações. Esta convivência certamente não é apenas harmoniosa, como inclusive foi possível observar na categoria anterior que também nos conflitos acontece a

transmissão de algo. Mas na carta da bisneta A se destaca como ela diz “acho você chata, até demais, mas te amo assim mesmo e não te esqueço”. Apesar de a frase ter sido ditada em tom brincalhão, o conteúdo aponta para possíveis tensões entre bisavó e bisneta que parecem estar ligadas a excesso de cuidados por parte da bisavó.

O desenvolvimento do papel de bisavó também apareceu na carta da bisavó A, quando relata, no início, como a preocupação se tornou satisfação, o que corrobora com os achados de Schuler e Dias (2021).

Outra frase na carta da bisavó A é muito interessante: “Eu me vejo em você em certos momentos, você fala o que pensa e não desiste do que quer”, que fala de uma transmissão mais profunda de personalidade, valores e até um legado de persistência. Este legado é confirmado nas falas da filha A:

A lição dela é clara: devemos ser destemidos, a vida não é fácil, nada vem sem trabalho, sem luta, a não ser que você tenha nascido muito rico, se não tem que lutar! Acho que é uma característica da minha família, ter mulheres fortes, que encaram as dificuldades. Chorando ou sorrindo essas lições de vida ela passa para a família (Filha A).

Corroborando com Ferrigno (2010), na lição dada pela bisavó há um ensinamento de como a vida deve ser vivida, inclusive a filha relatou que já observa algumas atitudes que foram transmitidas à bisneta: “No dia a dia, vejo minha neta (bisneta A) dizendo ou fazendo coisas que já aprendeu com bisavó como, por exemplo: não desistir fácil do que quer, persistir e quando fizer alguma coisa faça o melhor que puder”. A neta A também reafirmou esse legado de persistência na sua fala:

Sim, minha avó está transmitindo para nós muitas coisas, mas principalmente, ter coragem para enfrentar as dificuldades da vida, ser forte! (...) Ela tem uma energia, essa determinação dela que passa para a gente. Quer um exemplo? Ela está insistindo para eu continuar meu curso de técnico em enfermagem, ela insiste, eu sei que ela tem razão... (Neta A).

Esse último relato da filha também denota um legado educacional (Ramos, 2012), pela insistência da bisavó em fazer com que a família a ultrapasse no nível educacional, como se pode observar no quadro 1.

Outro legado que a bisavó deseja passar é o religioso, fato que corrobora com Bengston e Silverstein (2020), quando afirmam que a religião é comunicada e transmitida através das gerações. Isto se observa tanto na sua carta, quanto no seu discurso: “As pessoas

que me conhecem dizem que sou uma pessoa forte, decidida, que sempre lutei pelo que queria, que sou independente. Acho que essas qualidades e a fé em Deus me ajudaram muito”. Na carta ela disse desejar que sua bisneta continue na fé. Apesar de a bisneta não mencionar este legado em sua carta, na entrevista ao ser questionada sobre sua religião ela se disse evangélica, como a bisavó (vide quadro 1).

Família B

Quadro 2

Dados sociodemográficos família B

Geração	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	Religião
Bisavó B	78	Viúva	Ensino Fundamental incompleto	Manicure Aposentada	Católica
Filha B	55	Divorciada	Ensino Médio incompleto	Serviços gerais	Católica
Neto B	35	Separado	Ensino Médio completo	Repositor de Supermercado	Católico
Bisneto B	9	Solteiro	5º Ano do Ensino Fundamental	Estudante	Católico

Nota: Elaborado pela autora.

A família B é composta pela bisavó, cinco filhas, seis filhos, cinco netas, seis netos e cinco bisnetos e uma bisneta, também de classe média baixa. Observa-se novamente a repetição da religião em toda a família, além do alcance de melhor nível de escolaridade em cada geração.

4.7.4 Transgeracionalidade na Família B

A transgeracionalidade aparece na família B em alguns aspectos implícitos. A questão dos relacionamentos se destaca, quando se observam duas gerações seguidas no quadro de dados sociodemográficos (acima) de separação conjugal. Apesar de viúva e ter permanecido casada, a bisavó B também relatou dificuldades conjugais e revelou que seus pais se separaram, totalizando quatro gerações seguidas de tensões conjugais, fato este que corrobora com Penso *et al.* (2008) que afirmam que a repetição de padrões de relacionamentos é comum. Devido à experiência, possivelmente traumática, da separação de seus pais a bisavó B tomou a decisão de se manter no casamento apesar das dificuldades, como ela preferiu:

Eu tive uma vida difícil, quando eu ainda era criança, meus pais se separaram. Na realidade meu pai foi quem se separou... Não tive um casamento feliz, a cada desentendimento, meu marido me botava de casa pra fora. Mas eu não saía, não tinha pra onde ir, voltar para casa de minha mãe pra mim não era solução, então, resisti, as mulheres da minha época eram assim, o casamento era pra vida toda (Bisavó B).

Talvez a bisavó B se sentiu incumbida de se manter no relacionamento matrimonial, para equilibrar a perda da separação de seus pais; então ela “resistiu” possivelmente iniciando um mito de que com sua resistência o casamento iria dar certo, buscando a coesão do sistema. Não obstante, o mito da resistência não foi passado adiante, mas as tensões matrimoniais se repetiram na vida conjugal de sua filha e de seu neto. Nesse sentido, observa-se o que Falcke e Wagner (2014) proferiram no sentido de que o indivíduo se insere numa história pré-existente, da qual é herdeiro e prisioneiro. “Presas” nessa história, a filha B observou que as tensões se escalavam e chegaram à violência física:

Depois de seis anos de casada, me separei do meu marido. Ele passou a beber muito, me tratar com violência e provocar discussões, não tinha como continuar assim. Então voltei pra casa dos meus pais, agora com dois filhos menores, foi sufoco! Que situação difícil!. Eu tinha irmãos solteiros em casa, que começaram a também achar que podia educar meus filhos, batiam neles... (Filha B).

Corroborando com Ribeiro e Bareicha (2008), a violência intrafamiliar tende a se repetir de geração em geração, criando um ciclo interminável. Para os referidos autores, a violência é a expressão de uma disfunção familiar mais profunda, que se traduz em atos violentos. Aqui se observa como os irmãos da Filha B se sentiam autorizados a educar seus filhos e a usarem a violência como forma de educação, possivelmente apontando para uma parentificação que não foi bem-vinda.

A bisavó também sentiu essa parentificação, todavia, não se via sozinha nesse lugar de responsabilidade: “Mas depois vieram os netos, a responsabilidade de criar, educar, trabalhar, disciplinar não era exclusivamente minha, eu ajudava, mas eles tinham pais”. A filha B ainda fala do posicionamento de seu pai e de sua mãe (bisavó B) nessa circunstância:

E ainda tinha a opinião do meu pai que queria que eu fosse morar em outro lugar e deixasse meus filhos com eles. Passei por uma situação que não desejo a ninguém passe... Mas minha mãe foi o meu apoio, minha ajudadora, ia de encontro ao meu pai, me defendia. Hoje meus filhos são pais, eu sou avó, meu pai faleceu e eu continuo morando com minha mãe (Filha B).

No relato da Filha B fica clara a relação dela com a Bisavó B indicando uma lealdade formada que se estende ao seu neto B: “Mas minha avó nunca me bateu e não concordava com a atitude dos meus tios... Minha avó nunca gostou de violência, de briga, nossa relação sempre foi de amizade e amor. E ela continua maravilhosa, me sinto muito tranquilo na companhia e na casa dela”. A lealdade do neto B para com a Bisavó B é mútua, como é possível observar no seu relato:

Nesta época eu ainda tinha alguns dos meus filhos solteiros em casa, que situação difícil, foi preciso ter paciência e coragem! Alguns filhos solteiros se achavam no direito de repreender e bater nos meus netos, nunca gostei de brigas, nem desentendimentos na minha família, mas essa época foi um desafio, sofri muito, na verdade todos sofreram. E eu defendia meus netos... não deixava aquilo acontecer na minha frente.

Aqui se pode ver como a bisavó se coloca contra a violência, tentando encerrar este ciclo em sua família. Inclusive neste relato o neto B explica a segurança que sente na presença da bisavó B. É interessante que essa segurança sentida chega à geração do bisneto que diz querer morar com a bisavó: “Eu amo vim pra casa da bisa, eu gosto demais, mas quando chega a hora de ir pra casa aí eu não gosto. Eu queria morar com minha bisa” (Bisneto B).

Outra temática importante que surge nesses relatos é o uso da violência para disciplinar, que parece se repetir nas gerações apesar de a bisavó B transmitir uma postura diferenciada. Baseadas em Wagner *et al.* (2014), pode-se dizer que existe um desejo expresso da bisavó de liberar os bisnetos desse legado de violência. A violência pode não se configurar totalmente como um segredo familiar, todavia, é sempre evitada e parece ser diminuída em importância durante as entrevistas.

A bisavó B parece se empenhar muito na tentativa de transmissão de resolver conflitos de forma pacífica e buscar a harmonia familiar no dia a dia.

4.7.5 Formas de transmissão na Família B

Falcke e Wagner (2014) explicam que existe algo como um “idioma” dentro de cada grupo familiar, que estabelece a comunicação entre as gerações por meio do qual as transmissões são feitas. Neste sentido se pode ampliar idioma para linguagem, uma vez que não é apenas passado adiante o que é dito, como também o não dito, isto é, fatores conscientes e inconscientes. Possivelmente a repetição de padrões de violência parece ser inconsciente na família B, todavia o desejo de transmitir harmonia familiar parece ser consciente a todos os

envolvidos, como explica a filha B: “Sim, todos na família sabem que minha mãe não gosta de discussão, falar alto, correção em público (...) Isso ela transmite a todos da família”.

Corroborando com Ferrigno (2010), essa transmissão consciente é feita por meio da contação de histórias pessoais da vida da bisavó B, como relata sua filha B: “Minha mãe transmite suas lições de vida, ou seja, ensinamentos, através de histórias da vida própria dela, ela não conta história, ela conta fatos da vida, de toda sua vida, seus erros e acertos, e ela tem uma vida e tanto!”. O neto B acrescenta que a transmissão acontece no dia a dia, na convivência:

Ela faz isso na vida mesmo, no dia a dia, nas crises do dia a dia, usa o que tem para nos ensinar, usa sua própria experiência de vida, sua própria história. Muitas vezes diz: eu já passei por isso. Quando ela percebia que estávamos passando por algum problema, ela liga pra gente e diz que precisa falar com a gente. Então a gente conversa, e ela nos ajuda no que pode, sempre nos aconselhando para ter calma, paciência, nada de precipitação ou agonia. É simples assim sempre nos leva a pensar mais (Neto B).

Seu relato revela como o dia a dia tem seu proveito para compartilhar experiências e conselhos, que acabam sendo a transmissão de valores e legados familiares. O bisneto parece valorizar essas histórias por sua veracidade, enfatizando que pede a ela para repetir essas histórias:

A gente conversa muito, eu gosto muito quando ela conta história da vida dela, coisa que passou, quando era criança, depois quando ela cresceu, essas coisas. Gosto de ouvir ela falar da vida dela, contar a história da vida, ela não lê nos livros, ela sabe de cor, gosto tanto que peço para ela contar essas histórias.

Apoiada por assim dizer numa “tradição oral” a bisavó B conta suas histórias, como ela relata:

Contando aos meus filhos, netos e bisnetos, o que aconteceu comigo transmito os meus valores, o que acredito ser certo, com fatos reais passados na minha vida, não fantasio, falo minha história como se passou. Não imagino histórias, nunca contei histórias infantis de livro, conto a história da minha vida, que eles já fazem dela. A maior recompensa dos avôs e bisavós é ver que sua descendência tem procurado seguir o caminho ensinado.

4.7.6 Legados em transmissão na Família B

Quanto aos legados em transmissão, observa-se que na família B o legado de harmonia familiar e não violência parece ser o mais importante para a bisavó B: “Aprendi também que a violência nunca é um bom caminho, ou uma saída, muito pelo contrário, a paciência, a tolerância, a palavra calma... sempre ajudam nos momentos mais difíceis. Perder a cabeça não resolve... é isso que quero passar para minha família... pra cada geração”.

Na sua carta ela apresentou várias lições que gostaria de passar adiante (Imagem 2). Com temáticas relacionadas desde quando se tornou avó e depois bisavó, passando por acontecimentos importantes de sua vida, ela ainda ressaltou a importância de aproveitar a vida e não brigar, mas também de obedecer e de se empenhar na realização dos seus sonhos. A importância dada aos estudos pode ser notada no quadro sociodemográfico (quadro 2), fato que confirma que a importância dada aos estudos foi crescendo gradualmente, principalmente na sociedade contemporânea (Wagner *et al.*, 2014), uma vez que a cada geração o nível de escolaridade vem aumentando.

Destaca-se como ela assina “vovóbisa ou bisa” para incluir todas as suas nomenclaturas do papel e a importância dada aos seus ensinamentos quando ela disse: “tenho vocês pra ensinar, é muito importante pra mim, ver que vocês seguindo o que ensinei, porque são caminhos do bem”. Foi interessante o processo da bisavó B ditando sua carta e se emocionando com o fato de ser bisavó, demonstrando o marco positivo que o papel trouxe em sua vida, corroborando com Doka e Mertz (1988).

Imagem 2

Carta da Bisavó B aos seus bisnetos

Queridos bisnetos e bisneta

É com muita alegria e amor no coração por vocês que escrevo esta carta, o que vou dizer aqui, já disse muitas vezes nas nossas conversas, mas quero dizer também nesta carta: Eu nunca pensei que ia ver vocês, meus bisnetos, eu pensei que ia morrer antes que meus filhos estivessem criados, então alguns dos meus filhos Deus levou e outros cresceram, casaram e chegaram os netos, que alegria! Eu e seu avô ficamos impressionados, já éramos avós! O tempo passou e a gente nem tinha percebido, um dia desses nossos filhos eram todas crianças. Penso como a maioria dos pais, pra nós, filhos nunca crescessem, embora a gente queira que eles cresçam. Mas não parou por aí, então vieram vocês, meus bisnetos, seu avô, já não estava mais entre nós, ele não chegou a conhecer vocês, mas tenho certeza, ele que amaria vocês como eu amo!

Queridos, o tempo passa rápido, a infância é uma das melhores fases da vida, a gente não pensa em nada, não se preocupa com nada, temos os nossos pais para fazer isso por nós, então aproveitem, brinquem se divirtam muito! Nada de brigas, só alegria! Lembrem que estou falando do que já passei, então é bom considerar. Isso é algo que toda minha família sabe, e vocês também sabem não conto nem leio, histórias infantis de livros, para ensinar alguma lição, eu conto a história da minha vida, os meus erros e acertos, tudo vivido, e aprendido. Em minha opinião é a melhor de maneira de passar a vocês o que quero ensinar, mostrando na vida, na realidade, sem muitas fantasias. Mas isso não quer dizer que é sem paciência, sem amor, na dureza, claro que não! É com amor, com cuidado mostrando tudo com muito carinho, respeitando o tempo de cada um. E vocês gostam de ouvir, às vezes pedem para ouvir as histórias da minha vida, gosto demais disso.

Fico pensando que vocês devem ser muitos sonhos, é bom sonhar e realizar esses sonhos, eu tinha um sonho que realizei já adulta e mãe de muitos filhos, eu queria fazer um curso, estudar alguma coisa, ter um diploma e ainda queria trabalhar ter meu próprio dinheiro. Então fiz a trancos e barrancos, o curso de manicure e pedicure... ganhei um diploma... trabalhei em casa por algum tempo, tinha meu dinheiro, realizei meu sonho! Eu não estudei muito, mas queridos, estudem, sejam bons na naquilo que escolherem fazer, escolham a profissão que gostarem trabalhar no que a gente gosta de fazer, é muito bom, isso torna o trabalho menos cansativo.

A vida é difícil, logo vocês vão ver isso, alguns de vocês já vão escola, outra não tem idade ainda, mas vai chegar. Aproveitem o todo tempo de tiverem com os pais de vocês, ter pai e mãe na vida é tudo de bom, pensem e façam o que eles ensinam, eles só querem o bem de vocês, eu fui uma filha muito obediente aos meus pais, sempre procurei fazer o que me diziam, na ausência do meu pai, ajudei minha mãe no que pude. Sejam amigos dos seus pais, não considerem seus pais pessoas ruins porque eles às vezes, reclamam, repreendem, disciplinam vocês. Logo vocês vão ver que nossos pais são as pessoas com quem podemos contar para tudo e em todo tempo.

Sigam o caminho do bem, cuidado com as amizades, até porque amigos de verdade são muito difíceis de encontrar. Os problemas são chegar também, queriam vocês ou não, mas de nada de pensar, que discussão, brigas, violência resolve alguma coisa, acho que isso vocês já sabem de tanto eu falar: Nada de brigas, fale baixo, falar é alto é feio demais, explique o que está acontecendo com calma, nada de ignorância, não há problema sem solução. Eu amo vocês demais, vocês são alegria da minha vida, cada um é especial pra mim, gosto de todos de igual modo, cada um tem suas qualidades, me fazem lembrar que não vou achar que já fiz tudo que tinha pra fazer nessa vida, tenho vocês pra ensinar, é muito importante pra mim, ver que vocês seguindo o que ensinei, porque são caminhos do bem.

Amo vocês, beijos

Vovóbisá ou bisá

Nota: Elaborado pela autora.

A carta do bisneto B traz um tom muito carinhoso, que denota a relação especial entre bisavó e bisneto. Apesar dos legados que a bisavó está transmitindo não apareceram de forma explícita, o carinho e o amor passado por ela são evidentes (Imagem 3 abaixo).

Imagem 3

Carta bisneto B

De seu bisneto para minha Vovóbisá,

É com a maior alegria que escrevo esta carta. Eu agradeço a Deus pela vida da minha bisá e porque tudo que ela representa em minha vida, por isso venho por essa simples carta, dizer que ela é melhor, mais especial bisá do mundo! Por isso sou criança feliz e amada, eu tenho uma bisá maravilhosa e carinhosa, eu agradeço a Deus por ela existir na minha vida.

Obrigado, minha bisinha querida do meu coração, eu ti amo muito.

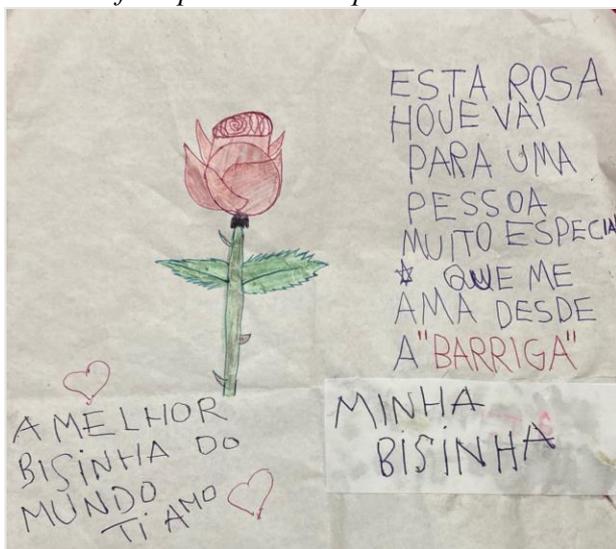
Abraços e beijos pra você

Nota: Elaborado pela autora.

Logo após ditar esta carta para a pesquisadora, o bisneto B disse que também queria desenhar para sua bisavó, interessante que ele logo colocou o nome de sua “bisinha”, mas então colou um papel em cima para corrigir. Ele argumentou que desenhou uma rosa por ser a flor predileta de sua bisavó, além de expressar que ela o ama desde a barriga, o que aponta para uma lealdade desde então. Quando questionado sobre o que o marcou na convivência com sua bisa ele disse: “Ela nunca fica zangada comigo, sempre me trata com carinho, ela é a melhor bisa do mundo”.

Imagem 4

Desenho feito pelo bisneto B para sua Bisavó



Nota: Desenho feito por participante. Foto e elaboração feito pela autora.

Nota-se, ainda, que a rosa tem espinhos, o que talvez pode indicar que os legados têm sua delicadeza da flor, mas também vêm com alguns espinhos, o que aponta para conflitos, tensões e até feridas. A história da rosa também irá aparecer no discurso do neto B, com a conotação de que a bisavó B é muito forte, sendo possivelmente este também um de seus legados:

Como já disse antes, minha avó tem um jardim na casa dela, eu gosto de mexer na terra, cuidar de plantas, então eu cuidava desse jardim, tinha algumas roseiras, rosas vermelhas, as preferidas dela. Mas atualmente ando tão ocupado, que não tenho cuidado do jardim como antes. Um dia cheguei na casa de vó e vi que a única roseira do jardim estava morrendo, então fiz uma muda dela, peguei um galhinho e plantei em um jarro. Minha mãe disse, a roseira vai morrer e essa muda também, porque estão muito fracas. Eu disse: a mudinha vai viver. Passaram alguns dias a roseira morreu e a muda estava murcha, mas quando não se esperava a muda começou a brotar folhas. Estou dizendo isso porque, primeiro vou cuidar melhor do jardim de vovó, e segundo

porque essas roseiras lembram minha vovó, ela parece frágil, como uma rosa, mas só parece, porque ela é forte.

A história de vida da bisavó parece impactar todas as gerações entrevistadas, desde sua filha até seu bisneto que admiram sua força de vontade em manter a paz e harmonia na família, como se observa no discurso do neto B:

Tenho dois filhos que são doidos pela bisavó deles. Quando começa uma briga com outros primos deles ou irmão logo um fala lembra do que a vovóbisa diz, nada de briga! Vejo que ela não apenas ensina, ela age como ensina, ela dá o exemplo. Até hoje, quando começa uma discussão na frente dela a gente já sabe que ela vai pedir pra parar e pergunta se a gente ainda não aprendeu. É admirável a busca dela pela paz na família.

Seu bisneto confirmou ao dizer: “Minha bisa não gosta de briga, discussão, a pessoa tá falando alto algum problema. Quando, às vezes, estou brincando com meu irmão, meus primos, que pode começar uma briga por causa de brinquedo, eu penso e digo como a bisa, nada de briga”.

Família C

Quadro 3

Dados sociodemográficos Família D

Geração	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	Religião
Bisavô C	88	Viúvo	Alfabetização	Agricultor aposentado	Católica
Filha C	51	Casada	Ensino Fundamental completo	Cabelereira	Católica
Neta C	31	Casada	Ensino superior em andamento	Autônoma e Estudante	Católico
Bisneto C	12	Solteiro	7º Ano do Ensino Fundamental	Estudante	Católico

Nota: Elaborado pela autora.

A família C veio do interior para morar na capital. O bisavô, de 88 anos, tem oito filhos, 12 netos e nove bisnetos. Após o falecimento de sua esposa, em 2013, a residência do bisavô conta apenas com ele e com sua filha C. A casa é própria e localizada em um bairro de classe média baixa da zona metropolitana de Recife. Vindos do interior do estado, a família foi, aos poucos, se estruturando na capital, onde acabou permanecendo por mais duas gerações – netos e bisnetos. Nota-se que as relações de casamento permanecem estáveis na geração da filha, assim como da neta, repetindo o “padrão” estabelecido pelo bisavô e corroborando com Penso *et al.* (2008) que afirmam que a transmissão pode levar a repetições

de padrões de relacionamentos. No quadro de dados sociodemográficos ainda é possível observar o aumento no nível de escolaridade a cada geração e a repetição da religião católica.

4.7.7 Transgeracionalidade na família C

O papel do bisavô C é marcado por este ser detentor de sabedoria e valores que parecem guiar toda a família, o que o coloca como patriarca do sistema. É interessante notar que o discurso dos participantes é permeado de falas que se repetem, possivelmente originadas pelo bisavô: conselhos, ditados e formas de pensar que constituem as crenças familiares, como aponta Ferrigno (2010). A neta C falou um pouco dessa linguagem: “O meu bisavô influencia no comportamento da família toda. Por exemplo, todos dizem: ‘seja como seu avô, palavra dada é dívida, não prometa o que não vai fazer, deixem de discussão, vocês sabem que isso não leva a nada, só leva a mais desentendimento, façam como o avô de vocês faz’”. Esses ditos são repetidos por familiares no dia a dia, como ditados ou regras a serem seguidas. Pode-se inferir que é uma linguagem codificada da família, adotada quase como um rito do sistema.

O bisavô C, inclusive, vê essa transmissão como parte fundamental de seu papel, quando disse que ser bisavô significa “se ver no futuro estando no presente!” ou ainda “eu viajo no tempo sentado mesmo onde estou” (Bisavô C), o que desvela sua possível consciência da transmissão que está a fazer. O linguajar da família que sempre remete aos seus conselhos revela uma lealdade para com o seu papel de patriarca da família. A filha C referiu:

Quando vejo meu pai conversando com o bisneto, chego a me emocionar, penso quanto amor e tempo estão envolvidos nisso. Meu pai sempre fala do prazer dele em ser bisavô, isso não é segredo para ninguém. Eu como filha sei o quanto meus pais lutaram por nós, tantos sacrifícios. É uma satisfação o ver com seus bisnetos.

Destaca-se como a filha fala de sacrifícios, o que também explica a construção da lealdade para com a geração mais idosa. O histórico da família de deixar o interior e vir para a capital, para acompanhar os filhos, evidencia o nível de união familiar, tido como valor essencial na família C, como o bisavô relatou: “Sim, acredito que estou. Eu e minha esposa sempre fizemos tudo para que houvesse paz, união, na nossa família. Nunca bati, batemos em nossos filhos, não foi preciso, uma família desunida os pais são fracassados. Essa é a herança que quero deixar para as gerações que eu alcançar”.

No trecho a seguir ele conta sobre a migração do interior para a capital, movida também pelos valores da família: “Eu e minha esposa criamos nossos filhos como nós fomos criados, mas dando a eles melhores condições de vida, para isso saímos do interior, para ajudar quem quisesse estudar, nos mudamos para Recife, fizemos tudo que estava ao nosso alcance”. Seu relato também enfatiza a importância dos estudos, que vem evoluindo a cada geração, como é possível ver no quadro de dados sociodemográficos.

Diferente da família B, no caso C a violência como forma de educar não foi passada adiante, uma vez que o bisavô deu um basta traçando novos rumos para as gerações de sua família, corroborando com Wagner *et al.* (2014). Em outras palavras, o desejo do bisavô de liberar as gerações para uma educação sem violência foi alcançado, como relatou sua filha C:

Ele nunca bateu em filho algum, e geralmente os pais do interior do nordeste são muito severos com os filhos, é a educação rígida, mas meus pais não. Meu pai disse que aqui em casa não seria assim... Tenho o privilégio de ter um pai que soube se fazer respeitar sem o uso da violência. Meu pai quando a gente era criança se a gente fazia alguma coisa errada e ele bastava olhar pra gente, então parávamos tudo que estávamos fazendo, não precisava nada mais do que isso, a gente não reclamava, não questionava, não argumentava, simplesmente parava, não era medo, era respeito.

A lealdade se revela novamente em seu discurso de respeito para com a figura do bisavô, respeito este que se repete nas gerações subsequentes.

4.7.8 Formas de transmissão na Família C

Já foi mencionada na categoria anterior da linguagem em forma de conselhos que se repete nas gerações. O bisneto C apresentou alguns desses conselhos no seu relato:

Aprendi com ele que: Se eu disser que vou fazer algo, eu vou fazer, nada de falar e não fazer. Promessa é dívida. Cuidado com as amizades, quer dizer que uma pessoa é sua amiga, é muito sério, porque amigo é em quem você pode confiar e isso é raro, não se faz um amigo de uma hora pra outra, leva tempo. Não se esquece as coisas que se viveu sejam ruins ou boas, porque de todas elas se tira proveito.

Observa-se, portanto, uma transmissão por meio da narrativa, presente também nas famílias A e B, como explicou a Filha C: “No cotidiano mesmo, nos conselhos, na ideia que ele tem a respeito de alguma coisa. Na conversa com os netos e bisnetos. Tem bisneto que gosta demais de ouvir ele contar as histórias do interior, o que ele e minha mãe viveram juntos”. Além disso, destaca-se que a transmissão acontece no ordinário, ou seja, no dia a dia.

Para tanto a convivência se faz necessária, como a neta C pontuou: “Algumas coisas ele faz no dia a dia, aproveitando uma coisa simples do cotidiano, às vezes, em um problema... nas atitudes ele ensina, pode ser até numa reclamação”. Ela ainda destacou como seus conselhos são tidos em alta estima com o objetivo de uma vida melhor: “ele acredita que seguindo esses conselhos a vida da gente vai ser melhor”.

A geração do bisneto parece apreciar também a transmissão mais prática, ao dizer:

Eu já aprendi muitas coisas, e sei que vou aprender muitas ainda, porque ele sabe muita coisa e gosta de ensinar. Ele sabe consertar quase tudo de casa, fogão, geladeira, porta, sabe construir e tintar parede, sabe subir em árvores, mas, atualmente, os filhos dele não deixam ele fazer isso, mas ele sabe. E de tudo ele me ensina um pouco, porque só tenho doze anos, a gente mora bem pertinho da casa dele, sempre que posso eu vou lá (Bisneto C).

A transmissão também parece se dar na cozinha, como foi visto na família A, ou seja, colocando a mão na massa, corroborando com Schuler e Dias (2021): “Um dia desse ele me chamou para ensinar a fazer o famoso doce de jaca dele que toda família adora. Então peguei uma panela, fui para o fogão e ele me ensinou, foi uma experiência de horas!” (Neta C). É interessante que seu bisneto C anseia por aprender o famoso doce de jaca da família: “Ainda vou aprender fazer o doce de jaca, porque demora horas para fazer... sabe é o segredo da família esse doce... Se meu vô fosse deixar uma herança, eu queria que ele deixasse a receita secreta do doce de jaca para mim!”.

4.7.9 Legados em transmissão na Família C

Os legados em transmissão que se observam na carta confirmam o que foi visto sobre os conselhos dados pelo bisavô C nas categorias anteriores. O conteúdo da carta do bisavô traz os seus conselhos sobre amizades, paz na família e também pede para que os bisnetos lembrem dos seus conselhos. Logo no final ele reforça que gosta de sua companhia, ressaltando a convivência e visitas, além de telefonemas.

Imagem 4

Carta Bisavô C

Queridos bisnetos

Estou escrevendo essa carta para vocês, mas sei que alguns vão achar que eu deveria enviar uma mensagem pelo celular ou pelo computador, seria bem atual e bem moderno, mas não sei usar nenhum dos dois, na verdade, não estou disposto a aprender a usar nenhum dos dois. Eu não me sinto velho, nem ultrapassado, mas prefiro uma carta.

Uma das maiores alegrias da minha vida é ser bisavô, ver vocês nascerem é realmente maravilhoso, um dia era apenas um, hoje já são nove, mas vocês estão crescendo alguns já estão fazendo suas próprias escolhas e já tem seus próprios pensamentos, isso é motivo de orgulho para mim.

Meus queridos, acho uma boa hora para lembrar vocês que na vida os amigos, as amizades vão aparecer, ter amigos é bom, mas tenham cuidado, amigos de verdade são raros, colegas, conhecidos, são muitos. É melhor andar sozinho do que mal acompanhado, já vi pessoas chegarem ao fundo do poço por causa de más companhias.

Por isso sejam cuidadosos na escolha das amizades, evitem aquelas levam para o caminho do mau, que levam a discussão em família. Conversem com os pais de vocês sobre tudo, eles são amigos de verdade, obedecem aos seus pais considerem o que eles ensinam, falam até mesmo quando reclamam, busquem a paz na família, vocês sabem o quanto isso é importante.

Lembrem dos meus conselhos, dos conselhos da sua bisavó também; e sempre que puderem o que moram longe além de falar comigo ao telefone venham me visitar, eu amo a companhia de vocês, amo vocês!

Seu bisavô

Nota: Elaborado pela autora.

Destaca-se, ainda, o conteúdo da amizade presente não apenas na carta do bisavô C, como também em outras que apontam para o valor das amizades e das boas companhias. Seus conselhos são vários e visam o bem-estar de seu bisneto.

Na carta do bisneto ele já traz os conselhos do bisavô que vimos na carta acima (Imagem 4), ao explicar que o bisavô o ensinou o que é amigo de verdade, além de mencionar o famoso doce de jaca (Imagem 5 abaixo). É interessante notar que linguagem se repete, possivelmente como reflexo dessa transmissão oral.

Imagem 5

Carta do bisneto C

Vôzinho querido

Eu acho tão legal ter bisavô, queria ter mais, mas queria que todos fossem iguaizinhos a você!

Você é um dos meus melhores amigos, na realidade eu tenho apenas quatro amigos, como o senhor mesmo me ensinou o que é amigo de verdade e é muito raro de se encontrar, porque em amigo a gente pode confiar!

Eu confio em você e você confia em mim. Gosto de ouvir você contar as histórias de sua vida no interior. Às vezes quando vou a sua casa, lembro da vizinha, dá uma saudade, chega da vontade de chorar, mas não deixo você ver, porque você ia ficar triste também. A vizinha está no meu coração para sempre.

Gosto tanto de você, vô, você nem parece um senhor de idade, é ágil, esperto, sabe consertar tudo, faz todas as coisas na sua casa, não incomoda ninguém, e ainda ajuda nas casas dos filhos, tem sempre uma ideia nova na cabeça.

Tenho orgulho de ser seu bisneto, tenho esperança de um dia aprender fazer um doce de jaca, tão bom quanto o seu.

Ah, vô, gosto de ouvir também as histórias bonitas que você aprende na igreja no terço dos homens, você diz palavras tão bonitas!

Te amo

Seu bisneto

Nota: Elaborado pela autora.

Outro fator interessante, que se apresenta em ambas as cartas é a velhice, e como bisavô e bisneto compreendem essa etapa de vida. Enquanto o bisavô destaca que não se sente velho nem ultrapassado, seu bisneto corrobora ao dizer que ele “nem parece um senhor de idade”, o que estimula reflexões acerca de como a velhice é compreendida e vista na sociedade.

O bisneto também mencionou a religiosidade do bisavô, legado este que parece estar em transmissão em todas as gerações da família, corroborando com Bengston e Silverstein (2020), como é possível notar no quadro sociodemográfico da família C com todas as gerações professando a religião católica.

As lições que o bisavô descreve em sua carta, principalmente sobre a paz na família também estão presentes no discurso da neta C: “Todos da família sabem, é o valor que ele dá à harmonia familiar, ele não apenas fala, vive e tem atitudes apaziguadoras” (Neta C). Sua filha complementou:

Há muitos valores que meu pai passa no dia a dia, nas suas atitudes, nas suas decisões. Não se resolve nada na violência, mas isso não quer dizer, que se seu filho precisar de uma correção, isto não vá acontecer. Os filhos devem respeitar os pais, mas não devem

ter medo dos pais. A palavra dada é mais certa do que documento escrito e assinado, se você disser que vai fazer alguma coisa, faça, cumpra sua palavra....

Mais uma vez observam-se seus conselhos em transmissão e o respeito ao seu papel na família.

Família D

Quadro 4

Dados sociodemográficos da Família D

Geração	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	Religião
Bisavó D	100	Viúva	Não estudou	Aposentada	Católica
Filha D	66	Casada	Ensino médio completo	Do lar	Católica
Neta D	36	Casada	Ensino superior completo	Pedagoga	Católica
Bisneto D	7	Solteiro	2º Ano do Ensino Fundamental	Estudante	Católico

Nota: Elaborado pela autora.

A família D é de classe média baixa, assim como as famílias A, B e C já analisadas. Nota-se que as relações de casamento parecem ser estáveis nesse sistema familiar já por três gerações como pontuam Penso *et al.* (2008). A bisavó D, centenária, tem cinco filhas, sete netos, e cinco bisnetos. Atualmente mora com uma filha e seu marido, sua neta e seu marido e dois bisnetos, configurando um lar multigeracional.

4.7.10 Transgeracionalidade na família D

A família D parece ter uma lealdade visível para com a bisavó, desenvolvida por sentimentos de solidariedade, respeito e corresponsabilização entre as gerações e seu mandato de manter a união familiar. A neta D enfatizou este posicionamento quando disse: “Os costumes vividos pela minha avó são levados em consideração em qualquer situação. O respeito por ela sempre prevalecerá”. Esta lealdade também é vista no discurso da filha D, que preferiu: “Sim! Nossa mãe (bisavó) é o espelho da família. Tudo o que somos é fruto da dedicação e exemplo dela”. A própria bisavó D parece ter consciência da lealdade desenvolvida para com ela, uma vez que definiu seu papel de bisavó como “poder”: “É poder, depois de uma certa idade, ter o prazer de carregar no colo os netos da sua filha. Esse poder é de uma história vivida, com altos e baixos, claro..., é poder”.

Na família D o conceito de justiça familiar também apareceu, uma vez que as gerações subsequentes parecem buscar a manutenção de seu mandato de cuidado, isto é, fazer jus ao cuidado que foi recebido. O discurso da filha D exemplifica isto: “O momento é de agradecer e retribuir todo o cuidado que nos foi dado durante todos esses anos”. Essa retribuição pode ser associada à economia familiar que Boszormenyi-Nagy e Spark (2013) elaboraram e que se dá no sistema entre o dar e tomar, entre direitos e deveres. Nesse sentido, o cuidado para com a bisavó D pode ser uma retribuição pela qual a filha se sente responsável.

A bisavó D continua na dinâmica de dar cuidado, apenas de forma diferente devido à sua condição de saúde, como explica sua neta D: “Ela diz que gosta de dar presentes como lembrança para quando ela se for eles lembrarem dela”. A bisavó confirmou essa atitude em seu discurso, aliado à sua percepção de como vê o seu papel como bisavó: “Eu agora não tenho tanta obrigação na educação dos meus netos e bisnetos e agora minha obrigação mesmo é mimar com presentes”. Desse modo, a bisavó busca se fazer lembrada, seja com os presentes ou por meio de suas histórias, que conta na convivência com as demais gerações, construindo, assim, um legado que se faz presente no dia a dia da família (Ferrigno, 2010; Rabinovich *et al.*, 2014).

4.7.11 Formas de Transmissão na família D

As formas de transmissão na família D se assemelham aos outros casos vistos neste estudo, novamente aparecendo a transmissão oral de histórias e tradições familiares, além da convivência com as diferentes gerações. Sua filha D pontuou: “Ela faz isso diariamente, acho que o tempo todo... nas coisas pequenas, mas também em acontecimentos mais impactantes. Ela vai transmitindo com ensinamentos orais e exemplos de vida no dia a dia mesmo”. Sua neta também ressaltou a convivência: “Através da convivência familiar os ensinamentos são transmitidos... não é nada assim extraordinário, sabe? É ali naquela conversinha tomando café, ou vendo alguma coisa na tv, ou quando ela conta alguma história que ela viveu... e a gente vai aprendendo né”.

No caso da bisavó D, devido à sua idade avançada, a transmissão parece focar na contação de histórias, conselhos e na convivência intergeracional, deixando de lado transmissões mais práticas como foi visto no caso de outras famílias desta pesquisa. Não obstante, na convivência há situações que marcam as gerações, como o bisneto D relatou: “Eu não vou esquecer dos passeios nos Hotéis Fazenda... a gente viu os bichinhos e a bisavó contou muitas histórias de quando ela era criança feito eu. Nunca vou esquecer desses passeios da

gente... agora a gente conversa mais, sabe, eu cuido dela e a gente come doce”. É interessante notar que o bisneto também se vê na posição de cuidado para com sua bisavó, além de demonstrar que há formas de transmissão orais, mas também experiências compartilhadas.

4.7.12 Legados em transmissão na família D

Quanto aos legados em transmissão na família D, seus membros citaram os seguintes:

Aprendemos a ser solidários uns com os outros através do exemplo dela (Filha D).

O espírito de solidariedade, honestidade e amor pela família (Neta D).

A minha bisa é especial, porque ela é sempre legal... ela ajuda as pessoas, me ajuda também quando tô precisando conversar (Bisneto D).

Nota-se de forma evidente o legado de solidariedade em transmissão, que se dá pelo apoio emocional que a bisavó oferece à família, o que corrobora com os achados de Dias e Pinto (2007). A bisavó D, quando indagada sobre quais legados gostaria de transmitir, confirma a solidariedade e ainda acrescentou a importância da educação:

Na vida sempre deixamos heranças para os que convivem com a gente, eu quero deixar para meus filhos, netos e bisnetos uma lembrança boa de mim e o exemplo de ser uma pessoa caridosa, acolhedora e com pouco desapego material. Nessa vida o que importa mesmo é ter saúde e transmito esse pensamento com o exemplo do que fui e sou, e através de conversas. Se eu puder deixar um conselho para eles eu diria que os estudos farão muita diferença na qualidade de vida deles, eu sofri muito por não ter tido a oportunidade de estudar (Bisavó D).

Como já dito anteriormente, nota-se que o legado da educação está sendo transmitido, uma vez que a cada geração observam-se maiores níveis de escolaridade, como pontuam Wagner *et al.* (2014). A carta da bisavó D reflete esses seus desejos de o bisneto seguir estudando e ser uma pessoa solidária. Interessante como ela começa a carta ressaltando a diferença etária, que no seu ponto de vista não impede que estes tenham uma relação carinhosa e que compartilhem gostos e traços, o que também aponta para lealdades entre os dois.

Imagem 6

Carta da Bisavó D

Para o meu amado bisneto,

Eu não pensei que ia viver tanto para te conhecer. Imagine só eu tenho 100 anos e você 7 e mesmo assim temos coisas em comum. Espero poder lhe dar o exemplo para que você faça boas escolhas na vida e seja uma boa pessoa.

O mais importante nessa vida é ser bom, caridoso e acolhedor. Você não deve se apegar as coisas, é esse exemplo que quero deixar pra você. Hoje as pessoas pensam muito nas coisas, mas na minha experiência de vida, vejo que a caridade e o amor são muito mais importantes. Com pouco se vive, se houver boa vontade entre as pessoas. A gente aqui de casa mesmo sempre deu um jeito nas coisas, tendo bom coração. A beleza está nos detalhes das coisas pequenas. Minha felicidade é ver você correr por aí, não é nada especial, mas os momentos bonitos do dia a dia.

Outra coisa importante é o estudo, faz muita diferença na vida, portanto não deixe de estudar. Pois se na minha época as coisas já eram difíceis sem estudo imagine agora. Mas tenho fé que você vai estudar muito, fazer muitas coisas que eu só podia sonhar!

A sua presença na minha vida me faz muito feliz, e quero deixar pra você o melhor exemplo que eu poder.

Abraço da Bisa!

Nota: Elaborado pela autora.

É interessante ver como na carta do bisneto D ele fez menção ao tempo compartilhado com sua bisavó, demonstrando que não é apenas sobre comer doces, mas sobre estar juntos e conversarem. Nesse sentido, observa-se que o conselho da bisavó já está sendo transmitido e implementado, uma vez que o tempo compartilhado é tido como algo importante, vide sua carta abaixo (imagem 7).

Imagem 7

Carta do Bisneto D

Oi Bisa,

Eu quero dizer que é bom ter uma bisa como você, que dar muitos presentes.

Eu gosto muito de comer doces com você, porque aí é uma coisa que a gente igual. E quando a gente come Finni juntos, a gente conversa, a senhora conta histórias de quando a senhora era criança.

Mesmo que você não vê mais muito bem, você está sempre de bom humor e participa de tudo! Quando eu crescer e for grande quero ser como você, assim todo tempo de alegre.

Amo você no coração!

Ass. Seu bisneto

Nota: Elaborado pela autora.

Ele ainda ressaltou sua participação no sistema familiar e demonstrou novamente a lealdade ao dizer que quer ser como sua bisavó quando crescer.

4.8 Conclusões: Entrelaçando os achados

O presente artigo teve como objetivo compreender a transmissão transgeracional dos bisavós para a família, através de uma metodologia qualitativa de estudo de casos múltiplos apoiados em conceitos da Transgeracionalidade. Para tanto, cada família entrevistada foi analisada como um caso, com o intuito de compreender a dinâmica transgeracional e o papel dos bisavós na mesma. Os resultados seguiram três categorias de análise: a transgeracionalidade na família; as formas de transmissão; e os legados em transmissão.

Quanto à transgeracionalidade nas famílias foi possível observar em todas elas repetições transgeracionais seja de padrões, seja de sucesso ou fracasso de relações afetivas, formas de disciplina violenta ou não violenta, e religiosidade. Os conceitos de lealdade, justiça familiar, parentificação, valores e legados são exemplificados na fala dos participantes e evidenciados na dinâmica familiar. O papel dos bisavós na transgeracionalidade parece ser fundamental, uma vez que são eles que prezam pela transmissão e são guardiões dos valores e tradições familiares. Nesse sentido, os bisavós acabam ocupando a função primordial na transmissão de legados, possivelmente sendo esta a característica principal de seu papel como bisavós e assim transcenderem a sua própria geração.

Com relação às formas de transmissão, observou-se que elas se repetem nas famílias, sendo primordialmente a transmissão oral, isto é, contação de histórias de vida, conversas e conselhos. A oportunidade de transmissão se dá na convivência entre as gerações. Os participantes incluíram os conflitos e desentendimentos também como possibilidade de transgeracionalidade. A transmissão mais prática de receitas ou conhecimento, tal como consertos na casa, também foram mencionadas. A cozinha foi um lugar citado para “colocar a mão na massa” e passar adiante receitas não apenas de comidas, mas da dinâmica familiar e da vida. Os bisavós que relataram essa forma de transmissão estavam com idade entre 64 e 88 anos; apenas uma bisavó com 100 anos falou da transmissão oral devido às condições de saúde. A idade também foi mencionada pelos mesmos para ressaltar que não se sentem velhos, mas sim detentores de uma sabedoria que querem passar adiante.

Os legados em transmissão foram evidenciados em suas falas e em suas cartas para seus bisnetos. Observaram-se legados de solidariedade, união familiar, educação e disciplina, religião e espiritualidade. A temática da importância da escolha das amizades também permeou as cartas dos bisavós. Foi interessante que as cartas dos bisnetos várias vezes ecoaram os conselhos dados pelos bisavós, confirmando a transmissão dos legados. Dessa

forma, como disse o bisavô C, ele consegue “se ver no futuro, mesmo estando no presente”, uma vez que se forma uma conexão entre passado, presente e futuro.

Os instrumentos utilizados favoreceram a conversa profunda sobre a transmissão de legados dentro da família, além de ter aguçado a criatividade dos bisavós e bisnetos na dinâmica das cartas. A utilização das cartas possibilitou desvelar ou confirmar legados em transmissão.

O presente estudo contou com algumas limitações, como por exemplo, a homogeneidade religiosa e de nível socioeconômico dos participantes que, apesar de não ter sido proposital, certamente influenciou os resultados. Além disso, a amostra pequena e concentrada em uma pequena região da área metropolitana de Recife, não sendo, portanto, representativa, o que não nos permite generalizar os achados. Deve-se ainda levar em conta o período no qual foi realizado, da pandemia da Covid-19. Os protocolos de segurança, apesar de viabilizarem a pesquisa, limitaram a observação devido à cobertura parcial do rosto dos participantes. Não obstante, cabe ressaltar que os participantes expressaram gratidão e felicidade em serem procurados para fazerem parte da pesquisa, tendo a oportunidade de refletir sobre as gerações de suas famílias. Espera-se que os resultados obtidos possam ter explorado, ainda que de forma breve, o fenômeno da transgeracionalidade no que se refere ao papel dos bisavós.

Referências

- Bengston, V.L., & Silverstein, M. (2020). How grandparents influence the religiosity of their grandchildren: a mixed method study of three generation families in the United States. In V. Timonen. *Grandparenting practices around the world* (pp. 211-232). Policy Press.
- Boszormenyi-Nagy, I. (2014). *Between give and take: A clinical guide to contextual therapy*. Routledge.
- Boszormenyi-Nagy, I., & Spark, G. M. (2013/1973). *Invisible Loyalties*. Routledge.
- Brito da Motta, A. (2010). A família multigeracional e seus personagens. *Revista Educação Social*, 31(111), 435-458. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302010000200008>
- Bucher-Maluscke, J. S. N. F. (2008). Do transgeracional na perspectiva sistêmica à transmissão psíquica entre as gerações na perspectiva da psicanálise. In M. A. Penso & L. F. Costa (Orgs.). *A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção* (pp. 76-96). Summus.

- Dias, C. M. S. B., & Pinto, V. C. (2007). A percepção dos bisavôs sobre seu papel. *Revista De Enfermagem UFPE on Line*, 1(2), 198-203. <https://doi.org/10.5205/0102200717>
- Doka, K. J., & Mertz, M. E. (1988). The meaning and significance of greatgrandparenthood. *The Gerontologist*, 28(2), 192-197.
- Even-Zohar, A., & Garby, A. (2016). Great-grandparents' role perception and its contribution to their quality of life. *Journal of Intergenerational Relationships*, 14(3), 197-219. <https://doi.org/10.1080/15350770.2016.1195246>
- Falcke, D., & Wagner, A. (2014). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In A. Wagner, *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 25-46). Edipucrs.
- Ferrie, J., Massey, C., & Rothbaum, J. (2016). Do grandparents and great-grandparents matter? *National Bureau of Economic Research*. NBER Working Paper No. 22635. <http://www.nber.org/papers/w22635>
- Ferrigno, J.C. (2010). *Coeducação entre gerações*. Edições Sesc SP.
- Freitas, W. R. S., & Jabbour, C. J. C. (2011). Utilizando Estudo de Caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. *Estudo & Debate*, 18(2), 07-22.
- Galiza, C. J. R. B., & Gonsalves, E. P. (2015). Educação transgeracional sistêmica: uma prática educativa popular de cuidado integral em saúde. *Doctoral Thesis from the Universidade Federal da Paraíba*. Retrieved May 15th, 2019, from <http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/8478/2/arquivototal.pdf>
- Gomes, I. C., & Zanetti, S. A. S. (2009). Transmissão psíquica transgeracional e construção da subjetividade: Relato de uma psicoterapia psicanalítica vincular. *Revista De Psicologia USP*, 20(1), 93-108. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642009000100006>
- Minayo, M. C. (2019). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde* (12^a ed. ed.). São Paulo: Hucitec.
- Organização das Nações Unidas. (2018). *Desenvolvimento sustentável*. <https://nacoesunidas.org>
- Penso, M.A., Costa, L.F., & Ribero, M.A. (2008). Aspectos teóricos da transmissão transgeracional e do genograma. In M.A. Penso & L.F. Costa. *A transmissão geracional em diferentes contextos* (pp. 9-23). Summus Editoria.
- Rabinovich, E. P., Azambuja, R. M. M., & Moreira, L. V. C. (2014). O significado de bisavós para crianças baianas. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 17(1), 179-199. <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2014v17i1p179-199>
- Ramos, N. (2012). Avós e netos através das imagens e das culturas. In M. Ramos, M. Marujo, & A. Baptista (Eds.), *A voz dos avós: Migração, memória e patrimônio cultural* (pp. 33-56). Gráfica de Coimbra.

- Reese, C. G., & Murray, R. B. (1996). Transcendence: The meaning of great-grandmotherhood. *Archives of Psychiatric Nursing*, 10(4), 245-251. [https://doi.org/10.1016/s0883-9417\(96\) 80030-6](https://doi.org/10.1016/s0883-9417(96) 80030-6)
- Ribeiro, M.A., & Bareicha, E.C. (2008). Inverstigando a transgeracionalidade da violência intrafamiliar. In M.A. Penso & L.F. Costa. *A transmissão geracional em diferentes contextos* (p. 251-281). Summus Editoria.
- Schuler, E., & Dias, C. M. S. B. (2020). Bisavós e bisnetos – histórias contadas e histórias vividas. *Millenium*, 2(11), 37-46. <https://doi.org/10.29352/mill0211.04.00276>
- Schuler, E., & Dias, C.M.B. (2021). Legacies from great-grandparents to their descendants, *Journal of Intergenerational Relationships*. <https://doi.org/10.1080/15350770.2021.1913275>
- Silva, E. L., & Menezes, E. M. (2005). *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. (4ª ed.). UFSC.
- Vicente, H., & Sousa, L. (2012). Relações intergeracionais e intrageracionais: a matriz relacional da família multigeracional. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(1), 99-117. <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2012v15iEspecial1p99-117>
- Wagner, A., Predebon, J., & Falcke, D. (2014). Transgeracionalidade e Educação: como se perpetua a família. In A. Wagner, *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 81-91). Edipucrs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS GERAIS

A presente tese teve como objetivo geral compreender as relações intergeracionais e suas repercussões na vida dos bisavós e na dos seus familiares. Para alcançar tal compreensão, foram feitos quatro estudos, sendo dois teóricos e dois empíricos. Nesta sessão, visa-se elencar as principais conclusões que foram possíveis retirar ao entrelaçar os achados dos estudos feitos.

O primeiro estudo, de cunho teórico, tem uma base holística que engloba o desenvolvimento do papel de bisavós na sociedade brasileira. Observou-se o contexto sociodemográfico, cultural e histórico que vem possibilitando o incremento da quantidade de bisavós, o que auxilia na compreensão desse papel na família. Fatores como a queda da taxa de mortalidade, aliados ao aumento da expectativa de vida, avanços em serviços de saúde e políticas públicas, bem como a verticalização das estruturas familiares, influenciam o surgimento do referido papel e, conseqüentemente, também como ele se desenvolve.

A revisão sistemática trouxe mais informações acerca desse papel, ressaltando seu entrelace com as demais gerações familiares. O papel se insere na intergeracionalidade de diversas formas, a depender da frequência do contato que os bisavós possuem com as demais gerações, bem como de outras variáveis tais como: distância geográfica, proximidade com familiares, estado de saúde, entre outros. Destacou-se, também, o cuidado intergeracional, uma vez que os bisavós cuidam e são cuidados ao mesmo tempo. Nessa relação ocorrem transmissões entre as gerações, isto é, legados, que podem ser materiais, psíquicos, afetivos, religiosos ou nutricionais. Através da transmissão dos legados, os bisavós podem ultrapassar sua própria geração e se fazer presentes na memória familiar.

Passando para a parte empírica da tese foi possível verificar os achados teóricos encontrados nos estudos anteriores, apontando para um papel único na família que se desvela a partir de um cenário sociodemográfico específico, aliado a ciclos e histórias familiares. O estudo de casos múltiplos com famílias de quatro gerações permitiu abordar o papel de bisavós de forma sistêmica. Cada caso (famílias A, B, C e D) trouxe particularidades em suas histórias que se refletem na forma como o papel de bisavós é vivenciado. Nota-se como os membros das famílias influenciam, ao mesmo tempo em que são influenciados pelos demais, formando redes de relações intergeracionais e hierarquias que mostram o funcionamento do sistema.

Foi possível observar que o sistema multigeracional se organiza por subsistemas, que também eles podem formar lealdades, sejam estas visíveis ou não. Os subsistemas entrelaçam

gerações: bisavós-filhos, bisavós-netos e bisavós-bisnetos. É interessante notar que eles possuem níveis de responsabilidade diferentes com relação a como educar. O nível de responsabilidade educacional parece ir diminuindo a cada nova geração agregada, sendo a relação bisavós-bisnetos marcada mais por satisfação, alegria e diversão.

O papel de bisavós parece se desenvolver a partir do funcionamento familiar, tornando-se único mediante as necessidades que o sistema possui. Pode-se inferir que, talvez, trata-se de um papel mais flexível, uma vez que as expectativas com relação ao mesmo irão variar de acordo com a dinâmica do sistema. Além disso, outros fatores certamente influenciam o desenvolvimento do papel, tal como a idade. Observaram-se diferentes formas de bisavosidade entre a bisavó de 64 anos, comparada à de 100 anos. É interessante notar que algumas famílias fizeram questão de destacar que os bisavós não são idosos ou que são idosos ativos, que contribuem para com a família. Todavia, notou-se que há semelhanças, vistas nos quatro casos, que apontam para uma posição hierárquica dos bisavós, o que caracteriza um *status* respeitado por todo o sistema devido a uma percepção de sabedoria e experiência que ele encerra. O fator de maior destaque no referido papel parece ser a função da transmissão intergeracional, que leva os bisavós a transcender a própria geração.

Observou-se, portanto, que a intergeracionalidade, isto é, a relação entre as gerações, leva à transgeracionalidade – transmissão entre gerações. Foi possível notar que o papel de bisavós também se entrelaça com a transgeracionalidade, uma vez que são eles que prezam pela transmissão e são guardiões dos valores e tradições familiares. Nesse sentido, os bisavós acabam ocupando a função primordial na transmissão de legados, possivelmente sendo esta a característica principal de seu papel.

Com relação às formas de transmissão, observa-se que elas se repetem nas famílias, sendo primordialmente a transmissão oral, isto é, contação de histórias de vida, conversas e conselhos. A oportunidade de transmissão se dá na convivência entre as gerações. Nesse sentido, a relação se mostra como fundamental para a transmissão, devendo ser estimulada pelas gerações e outros profissionais que lidam com famílias multigeracionais. Observou-se a transmissão consciente de legados de solidariedade, união familiar, educação e disciplina, religião e espiritualidade. Além disso, legados invisíveis relacionados às repetições familiares ficaram evidentes.

Os instrumentos utilizados – a entrevista semidirigida, o Genograma e as cartas, favoreceram uma compreensão profunda sobre os bisavós na família e seus entrelaços com as demais gerações, possibilitando desvelar ou confirmar legados em transmissão. Além disso, foi possível entrecruzar esses instrumentos criando triangulações que possibilitaram

aprofundar a temática tanto com os participantes, como também posteriormente na análise do material.

O presente estudo apresenta algumas limitações, como, por exemplo, a amostra por conveniência que se tornou homogênea, no que concerne ao nível socioeconômico e à religião cristã. Certamente o fator religioso influencia os valores que foram observados nas famílias, o que deve ser levado em conta para a não generalização dos achados. Outro ponto a ser levado em conta é a pesquisa ter sido realizada no período da pandemia da Covid-19. Os protocolos de segurança, apesar de viabilizarem a pesquisa, limitaram a observação devido à cobertura parcial do rosto dos participantes. Também a insegurança, mediante a transmissão do vírus, dificultou encontros. Todavia, o momento também possibilitou reflexão sobre as gerações das famílias e a importância dos bisavós. Todos os participantes demonstraram sentimentos positivos com relação à sua participação, expressando, inclusive, como acreditam que este tema é importante. Outras limitações do estudo envolvem o baixo número de participantes, além de estes se limitarem a uma região do Brasil.

Recomenda-se que outras investigações possam envolver uma maior diversidade regional, além de especificidades com relação à idade, sexo e outras variáveis. O fato de a sociedade brasileira contar com bisavós deve ser explorado, pois se trata de uma oportunidade única para compreender o papel que eles desempenham na família e na sociedade. Espera-se que este estudo possa motivar outros profissionais, de diversas áreas, a fazerem pesquisas sistemáticas envolvendo três, quatro e até cinco gerações.

REFERÊNCIAS GERAIS

- Ahlers, C. (1994). Das Selbst und die Systemische Therapie. *System e*, 8(2/94), 19-37.
- Alves, J. E. D. (2019). *Envelhecimento populacional no Brasil e no mundo*. <https://www.portaldoevelhecimento.com.br>
- Alves, S. M. M. (2013). *Cuidar ou ser responsável? Uma análise sobre a intergeracionalidade na relação avós e netos*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Estadual do Ceará.
- Amazonas, M. C. L. A., Damasceno, P. R., Treo, L. M. S., & Silva, R.R. (2003). Arranjos familiares de crianças das camadas populares. *Psicologia em Estudo*, 8(1), 11-20.
- Andolfi, M. (2017). *Multigenerational Family Therapy: Tools and resources for the therapist*. Routledge.
- Arantangy, L. R., & Posternack, L. (2012). *Livro dos avós: Na casa dos avós é sempre domingo*. Prima- vera Edu.
- Ayalon, L. (2020). There is nothing new under the sun: ageism and intergenerational tension in the age of the COVID-19 outbreak. *Int Psychogeriatr*, 32(10), 1221-1224. <https://doi.org/10.1017%2FS1041610220000575>
- Barer, B. M. (2001). The “grands and greats” of very old black grandmothers. *Journal of Aging Studies*, 15(1), 1-11.
- Bengston, V. L., & Silverstein, M. (2020). How grandparents influence the religiosity of their grandchildren: a mixed method study of three generation families in the United States. In V. Timonen. *Grandparenting practices around the world*. Policy Press, 211-232.
- Boing, E., Crepaldi, M. A., & Moré, C. L. O. O. (2008). Pesquisa com famílias: aspectos teórico-metodológicos. *Paidéia*, 18(40), 251-266.
- Boszormenyi-Nagy, I. (2014). *Between give and take: A clinical guide to contextual therapy*. Routledge.
- Boszormenyi-Nagy, I., & Spark, G. M. (2013/1973). *Invisible Loyalties*. Routledge.
- Bowen, M. (1991). *De la família o individuo*. Paidós.
- Bowen, M. (2004). *Family Therapy in clinical Practice*. Aronson.
- Brasil (1999). Ordinance 1395 of December 10, 1999, approved the National Policy of the Health of older adults. Retrieved on Decemebr, 13, 2020 from: <https://www.planalto.com.br>

- Brito da Motta, A. (2010). A família multigeracional e seus personagens. *Revista Educação Social*, 31(111), 435-458. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302010000200008>
- Brito da Motta, A. (2019). Envelhecimento e Família: aportes sociológicos. In Rabinovich, E. P., Moreira, L. V. C., Brito, E. S. & Ferreira M. M. *Envelhecimento e Intergeneracionalidade: olhares interdisciplinares*. Editora CRV, 359-376.
- Bucher-Maluske, J. S. N. F. (2008). Do transgeracional na perspectiva sistêmica à transmissão psíquica entre as gerações na perspectiva da psicanálise. In M. A. Penso & L. F. Costa (Orgs.). *A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção*. Summus, 76-96.
- Burton, L. M. (1996). Age norms, the timing of family role transitions, and intergenerational caregiving among aging African American women. *The Gerontologist*, 36(2), 199-208. <https://doi.org/10.1093/geront/36.2.199>
- Camarano, A. A. (2004). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60*. Rio de Janeiro: IPEA.
- Camarano, A. A. (2010). *Cuidados de Longa Duração para a pessoa idosa: um novo risco social a ser assumido?* Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).
- Camarano, A. A. (2020). Os dependentes da renda dos idosos e o coronavírus: órfãos ou novos pobres? *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(2), 4169-4176. https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.2.30042_020
- Camarano, A. A., & Kanso, S. (2009). *Perspectivas de crescimento para a população brasileira: velhos e novos resultados*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).
- Camarano, A.A., & Pasinato, M.T. (2004). O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. In A. A. Camarano. *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?*. IPEA, 253-292.
- Capra, F. (1982). *O ponto de mutação*. A ciência, a sociedade e a cultura emergente. Cultrix.
- Castañeda-García, P.V., Cruz-Santana, V., Hernández-Garrido, F., Díaz-Rodríguez, P., & Romero-González, S. (2021). Which activities do great-grandparents and great-grandchildren share in family contexts? An analysis of a new intergenerational relationship. *Annals of Psychology*, 37(2), 265-275. <https://doi.org/10.6018/analesps.355631>
- Castro, M.C.A. (2002). *Da cibernética a teoria familiar sistêmica*. [Monografia da Formação em Terapia Sistêmica]. Florianópolis.
- Celestino, V. R. R., Bucher-Malusche, J. S. (2015). Um novo olhar para a abordagem sistêmica na psicologia. *Facef Pesquisa: Desenvolvimento e Gestão*, 18(3), 318-329.
- Cervený, C. M. O., & Berthoud, C. M. E. (2010). *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa*. Casa do Psicólogo.

- Connor, K. A. (2013). *Continuing to care: older americans and their families in the 21st century*. Palmer Press.
- Costa, J. M., & Dias, C. M. S. B. (2008). *A arte de recomeçar: uma compreensão da dinâmica das famílias recasadas*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Católica de Pernambuco.
- Debert, G. G. (2019). O corpo e a reinvenção da velhice. In E.P. Rabinovich., L.V.C. Moreira, E.S. Brito, & M.M Ferreira. *Envelhecimento e Intergeracionalidade: olhares interdisciplinares*. (pp. 21-40). Editora CRV.
- Dias, C. M. S. B., & Pinto, V. C. (2007). A percepção dos bisavós sobre seu papel. *Revista de Enfermagem UFPE on Line*, 1(2), 198-203. <https://doi.org/10.5205/0102200717>
- Dias, C.M. S. B. (2015). As relações intergeracionais na família: desafios e possibilidades. In T. Ferès-Carneiro (Org.). *Família e casal, parentalidade e filiação em diferentes contextos*. Prospectiva, 93-102.
- Dias, C. M. S. B., Azambuja, R., Rabinovich, E., & Bastos, C.B. (2018). Grandparents in Brazil: The contexts of care and economic support for grandchildren. In D.W. Schwalb & Z. Hossain, *Grandparents in cultural context*. Routledge, 60-80. <https://doi.org/10.4324/9781315642284-4>
- Diniz, M. (2018). O(a) pesquisador(a), o método clínico e sua utilização na pesquisa. In Ferreira, T., Vorcaro, A. *Pesquisa e Psicanálise: do campo à escrita*. Grupo Autentica.
- Doka, K. J., & Mertz, M. E. (1988). The meaning and significance of greatgrandparenthood. *The Gerontologist*, 28(2), 192-197.
- Doll, J., & Cavallazzi, R. L. (2017). Crédito consignado e o superendividamento dos idosos. *Revista De Direito Do Consumidor*, 107(1), 309-341.
- Drew, L. M., & Silverstein, M. (2004). Intergenerational role investments of great-grandparents: Consequences of psychological well-being. *Aging and Society*, 24(1), 95-111. <https://doi.org/10.1017/S0144686X03001533>
- Even-Zohar, A., & Garby, A. (2016). Great-grandparents' role perception and its contribution to their quality of life. *Journal of Intergenerational Relationships*, 14(3), 197-219. <https://doi.org/10.1080/15350770.2016.1195246>
- Estatuto do Idoso. (2003). *Lei 10.741, regulamentada em 1º de outubro de 2003*. Brasília, DF.
- Falcão, D.V.S. (2012). A pessoa idosa no context da família. In M.N. Baptista, & M.L.M. Teodoro. *Psicologia da Família: teoria, avaliação e intervenção*. Artmed, 100-111-
- Falcão, D. V. S., Nunes E. C. R. C., & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2020). Covid-19: Repercussões nas relações conjugais, familiares e sociais de casais idosos em distanciamento social. *Revista Kairós-Gerontologia*, 23(8), 531-556.

- Falcke, D., & Wagner, A. (2014). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade. In A. Wagner. *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Edipucrs.
- Faleiros, V. P. (2014). Envelhecimento no Brasil do século XXI: Transições e desafios. *Revista Argumentum*, 6(1), 6-21.
- Faleiros, V. P. (2014). Envelhecimento no Brasil do século XXI: transições e desafios. *Revista Argumentum*, 6(1), 6-21.
- Ferreira, D.S. (2019). Dilemas entre teoria e prática no processo de envelhecimento no Brasil. In *Abstract book of the 16th Brazilian Conference of Social Workers*, pp. 1-10.
- Ferrie, J., Massey, C., & Rothbaum, J. (2016). Do grandparents and great-grandparents matter? *National Bureau of Economic Research*. NBER Working Paper No. 22635. <http://www.nber.org/papers/w22635>
- Ferrigno, J.C. (2010). *Coeducação entre gerações*. Edições Sesc SP.
- Freitas, W. R. S., & Jabbour, C. J. C. (2011). Utilizando Estudo de Caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. *Estudo & Debate*, 18(2), 7-22.
- Fundação Oswaldo Cruz. (2021). *O que é pandemia?* <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>
- Galiza, C. J. R. B., & Gonsalves, E. P. (2015). Educação transgeracional sistêmica: Uma prática educativa popular de cuidado integral em saúde. *Doctoral Thesis from the Universidade Federal da Paraíba*. Retrieved May 15th, 2019, from <http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/8478/2/arquivototal.pdf>.
- Girardin, M., Widmer, E. D., Connidis, I. A., Castrén, A.M., Gouveia, R., & Masotti, B. (2018). Ambivalence in Later-Life Family Networks: Beyond Intergenerational Dyads. *Journal of Marriage and Family*, 80 (2018), 768-784.
- Gomes, I. C., & Zanetti, S. A. S. (2009). Transmissão psíquica transgeracional e construção da subjetividade: Relato de uma psicoterapia psicanalítica vincular. *Revista de Psicologia USP*, 20(1), 93-108. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642009000100006>
- Gomes, L.B., Bolze, S.D.A., Bueno, R.K., & Crepaldi, M.A. (2014). As Origens do Pensamento Sistêmico: das Partes para o Todo. *Pensando Famílias*, 18(2), 3-16.
- Groisman, D. (2014). Saúde mental e envelhecimento: um passo necessário para as políticas públicas. In Jorge, M. A. S., Carvalho, M. C. A., & Silva, P. R. F. *Políticas e cuidado em saúde mental: contribuições para a prática profissional*. (pp. 255-277). Editora Fiocruz.
- Grünheid, E., & Scharein, M.G. (2011). On developments in the mean joint lifetime of three- and four-generation families in Western and Eastern Germany: A model Calculation. *Comparative Population Studies*, 3(1), 41-76. <https://doi.org/10.4232/10.CpoS-2011-01en>

- Harari, Y. N. (2021). *Admirável Futuro Novo*. (Palestra on-line) Pós Puc Digital: Saúde mental e desenvolvimento humano.
- Harper, S. (2006). Papéis dos avós nas famílias multigeracionais dos nossos dias. *Revista Povos e Culturas*, 10 (1), 25-38.
- Harper, S. (2021). The Impact of the Covid-19 Pandemic on Global Population Ageing. *Journal of Population Ageing*, 14(1), 137-142. <https://doi.org/10.1007/s12062-021-09330-w>
- Higgins, M. M., & Murray, B. J. (2010). Nutrition-related practices and attitudes of Kansas skipped-generation(s) caregivers and their grandchildren. *Nutrients*, 2, 1188-1211. <https://doi.org/10.3390/nu2121188>
- Holmes, E. A., O'Connor, R. C., Perry, V. H., Tracey, I., Wessely, S., Arseneault, L., Ballard, C., Christensen, H., Cohen Silver, R., Everall, I., Ford, T., John, A., Kabir, T., King, K., Madan, I., Michie, S., Przybylski, A. K., Shafran, R., Sweeney, A., Worthman, C. M., ... Bullmore, E. (2020). Multidisciplinary research priorities for the COVID-19 pandemic: a call for action for mental health science. *The Lancet: Psychiatry*, 7(6), 547-560. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30168-1](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30168-1)
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2000). *Censo demográfico 2000*. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/administracao-publica-e-participacao-politica/9663-censo-demografico-2000.html?=&t=destaques>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). *Censo demográfico*. <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2015). *Censo demográfico*. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao.html>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2017). *Censo demográfico*. www.Ibge.gov.br.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019). *Idosos indicam caminhos para uma melhor idade*. <https://censo2021.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhoridade.html>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020). *Censo demográfico*. <https://www.ibge.gov.br>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (n.d.). *Censo demográfico*. <https://www.ibge.gov.br>.
- Kniegge, A. (2016). Beyond the parental generation: The influence of grandfathers and great-grandfathers in status attainment. *Demography*. <https://doi.org/10.1007/s13524-016-0486-6>

- Linhares, M. B. M., & Enumo, S. R. F. (2020). Contribuições da Psicologia no contexto da Pandemia da COVID-19: seção temática. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37(1), e200110. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037200110e>
- Loureiro, R. C.R. (2009). *A função parental masculina na perspectiva do bisavô*. [Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Luhmann, N. (1994). Die Tücke des Subjekts und die Frage nach dem Menschen. In Fuchs, P., & Göbel, A. *Der Mensch - Das Medium der Gesellschaft*, Frankfurt: Suhrkamp, 40-56.
- Mahne, K., Klaus, D., & Engstler, H. (2018). Grandparenthood in Germany: Intimacy at a Distance or Emeritus Parents? In D.W. Schwalb. & Z.Hossain (Org.). *Grandparents in cultural context*. Routledge, 83-110.
- Mcdaniel, S. H., Hepworth, J., & Doherty, W. (1994). *Terapia familiar médica: um enfoque biopsicossocial às famílias com problemas de saúde*. Artes Médicas.
- Mcglodrick, M., & Gerson, R.(1995). Genetograma e o ciclo da vida familiar. In B. Carter., & M. Mcgoldrick (Org.). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Artes Médicas, 144-164.
- Meneses, A. F. (2012). Os avós na sociedade contemporânea. In M. Ramos., M. Marujo & A. Baptista. *A voz dos avós: migração, memória e patrimônio cultural*. (pp. 23-32) Gráfica de Coimbra 2.
- Mietkiewicz. M. C., & Jolliot, C. (2004). Grandparents, great-grandparents and step grand parents: the young children's representations. *Neuropsychiatrie de L'enfance et de L'adolescence*, 52, 330-336. <https://doi.org/10.1016/j.neurenf.2004.04.003>
- Minayo, M. C. (2019). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Hucitec.
- Minayo, M. C., & Firmo, J. O. A. (2019). *Longevidade: bônus ou ônus?* <https://doi.org/10.1590/1413-81232018241.31212018>
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Artes Médicas.
- Miranda, L. (2014). *Envelhecimento e Dependência*. www.portaldoenvelhecimento.com.br
- Novais, N. N., Silva, L.W.S., Gonçalves, L. H. T., & Souza, T.O. (2011). Fatores relacionais intrafamiliares na qualidade de vida e saúde de cuidadores de idosos mais idosos – um enfoque sistêmico. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 14(3), 23-37.
- Organização das Nações Unidas. (2018). *Desenvolvimento sustentável*. <https://nacoesunidas.org>
- Organização das Nações Unidas (2019). *World Population Aging Report*. <https://www.un.org/en/development/desa/population/publications/pdf/ageing/WorldPopulationAgeing2019-Highlights.pdf>

- Organização Mundial de Saúde. (2021). *Folha informativa sobre COVID-19*.
- Orth, U., Robins. W. R., & Widaman K.F. (2012). Life-span development of self-esteem and its effects on important life outcomes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 102(6), 1271-1288. <https://doi.org/10.1037/a0025558>
- Ossó, A. B. (2014). *Escuchar, observar y comprender: recuperando la narrativa en las ciencias de la salud*. Taller Gráfico.
- Otero, L. L. (1999). Implicaciones intrafamiliares de la población en la tercera edad. *Papeles de Población*, 5(19), 199-215.
- Papalia, D. E., Olds S. W., & Feldman, R. D. (2017). *Desenvolvimento humano*. Artmed.
- Patarra, N. L. (2003). Movimentos migratórios no Brasil: tempos e espaços. *Textos Para Discussão Ence, Rio de Janeiro*, 7(1), 1-55.
- Patton, M. G. (2002). *Qualitative research and evaluation methods*, (3ª ed.). Sage.
- Peacock, E. W., & Talley, W. M. (2006). Intergenerational contact: a way to counteract ageism. *Educational Gerontology*, 10(1). <https://doi.org/10.1080/0380127850110408>
- Penso, M. A., Costa, L. F., & Ribero, M. A. (2008). Aspectos teóricos da transmissão transgeracional e do genograma. In M. A. Penso. & L.F. Costa. *A transmissão geracional em diferentes contextos*. Summus Editorial, 9-23.
- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). (2018). <https://www.ibge.gov.br/statisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=o-que-e>
- Puur, A., Sakkeus, L., Poldma, A., & Herm, A. (2011). Intergenerational family constellations in contemporary Europe: evidence from the generations and gender survey. *Demographic Research*, 25(4), 135-172.
- Rabelo, D. F., & Neri, A. L. (2014). A complexidade emocional dos relacionamentos intergeracionais e a saúde mental dos idosos. *Pensando Em Famílias*, 18(1), 138-153.
- Rabinovich, E. P., Azambuja, R. M. M., & Moreira, L. V. C. (2014). O significado de bisavós para crianças baianas. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 17(1), 179-199. <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2014v17i1p179-199>
- Rabinovich, E. P., Moreira, L. V. C., & Fornasier, R. C. (2019). Envelhecimento e velhice: pessoa e família. In E. P. Rabinovich, L. V. C. Moreira, E. S. Brito, & M. M. Ferreira (Eds.), *Envelhecimento e Intergeneracionalidade: olhares interdisciplinares*. Editora CRV.
- Ramos, N. (2012). Avós e netos através das imagens e das culturas. In M. Ramos, M., Marujo, M., & Baptista, A. (Orgs.). *A voz dos avós migração, memória e patrimônio cultural* (pp. 33-56). Coimbra: Gráfica de Coimbra 2.

- Ramos, N. (2017). Comunicação em saúde, interculturalidade e competências: desafios para melhor comunicar e intervir na diversidade cultural em saúde. In M. L. Rangel & N. Ramos. *Comunicação e saúde: perspectivas contemporâneas*. EDUFBA, 149-172.
- Reese, C. G., & Murray, R. B. (1996). Transcendence: The meaning of great-grandmotherhood. *Archives of Psychiatric Nursing*, 10(4), 245-251.
[https://doi.org/10.1016/s0883-9417\(96\)80030-6](https://doi.org/10.1016/s0883-9417(96)80030-6)
- Ribeiro, A. M., Garcia, R. A., & Faria, T. C. A. B. (2019). Baixa fecundidade e adiantamento do primeiro filho no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, 36(1), 1-18.
<https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0080>
- Ribeiro, M. A., & Bareicha, E. C. (2008). Investigando a transgeracionalidade da violência intrafamiliar. In M.A. Penso & L.F. Costa. *A transmissão geracional em diferentes contextos*. Summus Editorial, 251-281.
- Roberto, K. A., & Skoglund, R. R. (1996). Interactions with grandparents and great-grandparents: a comparison of activities, influences, and relationships. *International Journal of Aging and Human Development*, 43(1), 107-117.
- Rocha, F. A. (2020). *COVID-19 e Vida Conjugal: O Distanciamento Social Produz Problemas Conjugais ou Revela Problemas Preexistentes?*
<https://publicacoeseventos.unijui.edu.br>.
- Rodrigues, J. P. V. (2013). *Os avós na família e sociedades contemporâneas: uma abordagem intergeracional e intercultural*. [Tese de Doutorado em Psicologia Intercultural]. Universidade Aberta de Portugal.
- Rodríguez, I. O. (2017). Nuevos escenarios, nuevas propuestas, otras actoras: licenciadas indígenas Y la universidad Veracruzana Intercultural. *Anthropologica*, 39, 75-98.
<https://doi.org/10.18800/anthropologica.201702.004>
- Rubini, C. (2015). O conceito de papel no psicodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 3(1), 45-62.
- Schuler, E. (2018). *Mais que avós: o papel dos bisavós na perspectiva das diferentes gerações*. [Dissertação do Mestrado em Psicologia Clínica]. Universidade Católica de Pernambuco.
- Schuler, E. (2021). *Great-grandparents in Brazil? A Sociodemographic Contextualization*. *Population Ageing*. <https://doi.org/10.1007/s12062-021-09335-5>
- Schuler, E., & Dias, C.M.B. (2021). Legacies from Great-grandparents to Their Descendants, *Journal of Intergenerational Relationships*.
<https://doi.org/10.1080/15350770.2021.1913275>
- Schuler, E., & Dias, C.M.S.B. (2018). “Geração sobremesa”: estudo de casos múltiplos acerca do papel de bisavós na família multigeracional. *Atas CIAIQ2018: investigação qualitativa em saúde*, 2(1), 1507-1518.

- Schuler, E., & Dias, C. M. S. B. (2019). Entre ficção e realidade: A relação intergeracional entre bisavós e bisnetos. *Atas Do VII Congresso Iberoamericano De Investigação Qualitativa: Investigação Em Saúde*, 1(2), 499-508.
- Schuler, E., & Dias, C. M. S. B. (2020). Bisavós e bisnetos – histórias contadas e histórias vividas. *Millenium*, 2(11), 37-46. <https://doi.org/10.29352/mill0211.04.00276>
- Silva, E. L., & Menezes, E. M. (2005). *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. (4ª ed.). UFSC.
- Sousa, L. (2006). Avós e Netos: uma relação afetiva, uma relação de afetos. In J. M. Oliveira. *Povos e Culturas: os avós como educadores*. Gráfica da Universidade Católica Portuguesa.
- Souza, M. S. (2015). Desafios do envelhecimento populacional: Como as legislações destinadas aos idosos têm lidado com essa nova demanda? *Estudos Interdisciplinares Do Envelhecimento*, 20(1), 159-175.
- Stierlin, H.(1998). *Delegation und Familie*. Suhrkam.
- Teixeira, S. M. (2008). *Envelhecimento e trabalho no tempo de capital: implicações para a proteção social no Brasil*. Cortez.
- Toman, W. (2011). *Family Constellation*. Springer Publishing Company (1961).
- Turato, E. R. (2013). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Vozes.
- United Nations (2019). World Population prospects. <https://population.un.org/wpp/>.
- United Nations (2019). *World Population prospects*. <https://population.un.org/wpp/>.
- Valença, T. D. C., & Silva, L.W.S. (2011). O olhar sistêmico à família do idoso fragilizado. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 14(2), 31-46.
- Valhondo, A. M., Rubio, C.F., & Castro, P.G. (2006). Familia y envejecimiento: disfunciones y programas psicoterapêuticos. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 2(1), 275-288.
- Vasconcellos, M. J. E. (2012). *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Papirus.
- Veras, R. (2009). Envelhecimento populacional contemporâneo: Demandas, desafios e inovações. *Rev. Saúde Pública*, 43(3), 548-554.
- Vicente, H., & Sousa, L. (2012). Relações intergeracionais e intrageracionais: a matriz relacional da família multigeracional. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(1), 99-117. <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2012v15iEspecial11p99-117>
- Vicente, H. M. T., & Sousa, L. (2010). Funções na família multigeracional: contributo para a caracterização funcional do sistema familiar multigeracional. *Psychologica*, 53(1), 157-181.

- Wagner, A., Predebon, J., & Falcke, D. (2014). Transgeracionalidade e Educação: como se perpetua a família. In A. Wagner. *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Edipucrs.
- Wagner, A., Tronco, C., & Armani, A. B. (2011). Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos. In A. Wagner. *Desafios Psicossociais da Família Contemporânea- Pesquisas e Reflexões*. Artmed, 19-35.
- Ward, M., & Belanger, M. (2010). *The Family Dynamic: a canadian perspective*. Nelson Education.
- Wendt, N. C., & Crepaldi, M. A. (2008). A Utilização do Genograma como Instrumento de Coleta de Dados na Pesquisa Qualitativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 302-310.
- Wentowsky, G. (1985). Older women's perceptions of great-grandparenthood: A research note. *The Gerontologist*, 25(6), 593-596.
- Wozniak, D., & Falcão, D. V. S. (2016). Idosos Centenários: a importância de recursos individuais psicológicos e familiares para o bem-estar. In D. V. S. S. Falcão, L. F. Araújo & J. da S. Pedroso, *Velhices: temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar*. (pp. 49-70). Editora Alínea.
- Xu, H. (2018). Physical and mental health of Chinese grandparents caring for grandchildren and great grandparents. *Journal of Social Science & Medicine*, 22, 106-116. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2018.05.047>

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIROS DE ENTREVISTA PARA CADA GERAÇÃO DA PESQUISA:
 “ENTRELACES DE GERAÇÕES: OS BISAVÓS NA FAMÍLIA”

Roteiro de Entrevista com o/a bisavô/ó

- O que significou e significa se tornar bisavô(ó)?
- Como são as relações dentro da sua família? Com seus filhos? Netos? Bisnetos?
- Como cada uma dessas gerações impacta sua vida?
- Como o(a) senhor(a) lida com possíveis conflitos nas gerações?
- Na convivência com essas gerações, o(a) senhor(a) acredita estar transmitindo alguma herança para eles? Como faz isso?
- Quais são as heranças, lições de sua vida, ou tradições que o(a) senhor(a) quer passar para as próximas gerações?
- Tem alguma coisa ou algo que o(a) senhor(a) aprendeu com as outras gerações, com seus filhos, netos ou bisnetos?
- Gostaria de acrescentar algo?

Dados sociodemográficos (a serem preenchidos durante a entrevista semidirigida)

Idade:

Sexo:

Escolaridade:

Estado civil:

Profissão:

Religião:

Quantidade, sexo e idade dos filhos:

Quantidade, sexo e idade dos netos:

Quantidade, sexo e idade dos bisnetos:

INSTRUÇÕES PARA AS CARTAS DOS BISAVÓS

“Você já viveu muitas coisas em sua vida, teve experiências e aprendeu lições! Dentro de você encontrará uma variedade de experiências, aventuras, histórias e tópicos de vida que evocam reflexões, avaliações e valores que formam sua própria sabedoria. Esse tipo individual e pessoal de sabedoria é algo que nenhuma escola, nenhum livro didático pode ensinar. Por favor, anote a sua própria sabedoria de vida e tudo o que você deseja compartilhar com os seus bisnetos em uma carta para eles/elas, para que as gerações mais jovens possam aprender com o seu conhecimento e experiência de vida. Não há especificações para o comprimento da carta”.

Roteiro de Entrevista com Filhos

- Como você descreveria a experiência de ter um/a bisavô/ó na família?
- Algo mudou desde quando se tornaram uma família com quatro gerações?
- Como é sua relação com o/a bisavô/ó?
- Em sua opinião como a geração dos bisavós impacta a vida familiar?
- E como as outras gerações impactam a vida dos bisavós?
- Como você lida com possíveis conflitos nas gerações?
- Há algo que você creia que o/a bisavô/ó esteja transmitindo ou já transmitiu para a família (como tradições, valores, lições de vida etc.)?
- Como ele/a faz essa transmissão?
- Gostaria de acrescentar algo?

Dados Sociodemográficos (a serem preenchidos durante a entrevista semidirigida)

- Idade:
- Sexo:
- Escolaridade:
- Estado civil:
- Profissão:
- Religião:
- Quantidade, sexo e idade dos filhos:
- Quantidade, sexo e idade dos netos:

Roteiro de Entrevista com os netos

- Como você descreveria a experiência de ter um/a bisavô/ó na família?
- Algo mudou desde quando se tornaram uma família com quatro gerações?
- Como é o contato do seu/sua filho/a com o/a bisavô/ó?
- Como é sua relação com o/a bisavô/ó?
- Em sua opinião como a geração dos bisavós impacta a vida familiar e mais especificamente a vida do/a seu/sua filho/a? E vice-versa?
- Como você lida com possíveis conflitos nas gerações?
- Há algo que você creia que o/a bisavô/ó esteja transmitindo ou já transmitiu para a família (como tradições, valores, lições de vida etc.)?
- Como ele/a faz essa transmissão para o/a filho/a?
- Há algo que você gostaria que seus filhos aprendessem com os bisavós?
- Gostaria de acrescentar algo?

Dados sociodemográficos (a serem preenchidos durante a entrevista semidirigida)

- Idade:
- Sexo:
- Escolaridade:
- Estado civil:
- Profissão;
- Religião:
- Quantidade, sexo e idade dos filhos:
- Vinculação materna ou paterna:

Roteiro de Entrevista com os bisnetos

- Como é para você ter um/a bisavô/ó?
- Tem algo que vocês fazem juntos?
- O que mais você gosta no seu/sua bisavô/ó?
- E o que desgosta?
- Como é conviver com seus pais, avós e ainda com os bisavós?
- O que você aprendeu com seu/sua bisavô/ó?
- Tem alguma coisa que você ensinou ao seu/sua bisavô/ó?
- Tem alguma coisa que vocês viveram juntos que você não vai esquecer?
- Existe algo que ele/ela fez ou disse que o marcou?

Dados sociodemográficos (a serem preenchidos durante a entrevista semidirigida)

Idade:

Sexo:

Escolaridade:

Com quem mora:

Vinculação materna ou paterna:

INSTRUÇÕES PARA AS CARTAS DOS BISNETOS

“Desenhe ou escreva algo que você gostaria de dizer ou dar ao sua/seu bisavó/bisavô. Pode ser algo que você lembra quando pensa na bisa ou no biso”.

ANEXOS

ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Título da Pesquisa – ENTRELACES DE GERAÇÕES: OS BISAVÓS NA FAMÍLIA

1. Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Entrelaces de gerações: os bisavós na família”.
2. Você foi selecionado propositalmente e sua participação não é obrigatória.
3. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.
5. Os objetivos deste estudo são: Compreender as relações intergeracionais e suas repercussões na vida dos bisavós e na dos seus familiares.
6. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder entrevistas e auxiliar na construção de um Genograma.
7. Os riscos relacionados com sua participação são tocar em assuntos pessoais que podem lhe sensibilizar, mas faremos o possível para lhe dar a acolhida necessária.
8. Os benefícios relacionados com a sua participação são compreender esta experiência, poder ajudar outras pessoas que estão em situação semelhante e conhecer melhor a história da sua própria família.
9. As informações obtidas através desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.
10. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, garantindo o sigilo das informações.
11. Você receberá uma cópia deste termo onde constam o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL (ORIENTADOR)

Nome: Prof. Dr. Cristina Maria de Souza Brito Dias

Assinatura:

Endereço completo: Rua Almeida Cunha, 245, Santo Amaro, Bloco G4

Telefone: (81)2194172 Departamento de Psicologia

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP, localizado na Rua do Príncipe, 526 – Boa Vista – bloco G4 – 6º andar, sala 609 – CEP 50050-900 - RECIFE – PE – BRASIL. telefone: (81)2119-4041 ou 2119-4376 – endereço eletrônico: cep@unicap.br - Horário de funcionamento: 8h às 12h e das 13h às 17h - Segunda a sexta-feira.

Havendo dúvida / denúncia com relação à condução da pesquisa deverá ser dirigida ao referido CEP no endereço acima citado.

Recife, _____ de _____ de _____

Assinatura do SUJEITO DA PESQUISA – (quando o sujeito da pesquisa for criança, adolescente, ou pessoa com discernimento prejudicado pegar também a assinatura do Pai / Mãe ou Responsável Legal).

Assinatura do PAI / MÃE ou RESPONSÁVEL LEGAL – (além de apresentar o TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido).

**COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA - CONEP
SRTV 702, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-000 - Brasília-DF**

OBSERVAÇÕES:

1. Esta pesquisa é patrocinada pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior).
2. Utilizar linguagem compreensível para população alvo.
3. No caso de pesquisas relacionadas com ações terapêuticas ou diagnósticas, explicitar os métodos alternativos, os riscos e benefícios de não os utilizar.

ANEXO 2 - TERMO DE ASSENTIMENTO (TALE) para CRIANÇA E ADOLESCENTE
(maiores de 6 anos e menores de 18 anos)

O **Termo de Assentimento (TALE) NÃO** elimina a necessidade de fazer o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) que deve ser assinado pelo responsável ou representante legal do menor de 18 anos ou legalmente incapaz.

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Entrelaces de gerações: os bisavós na família”. Seus pais permitiram que você participe.

Queremos entender a sua relação com seus bisavós e como essa relação afeta sua vida e a da sua família.

As crianças e adolescentes que participarão desta pesquisa têm de 7 a 17 anos de idade.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita no/a na casa do/a sua ou seu bisavó/ô onde as crianças e adolescentes responderão a uma entrevista e farão uma carta para seus bisavós. Para isso, será usado/a papel, lápis e borracha, além de um gravador. O uso destes materiais é considerado seguro. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelos telefones (2194172 Departamento de Psicologia) da pesquisadora Prof. Dr. Cristina Maria de Souza Brito Dias.

Mas há coisas boas que podem acontecer como conhecer melhor os bisavós e a história da família.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram.

Quando terminarmos a pesquisa os resultados serão divulgados em congressos e literatura científica, sempre garantindo o anonimato dos participantes.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar. Eu escrevi os telefones na parte de cima deste texto.

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa “Entrelaces de gerações: os bisavós na família”.

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar furioso.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Recife/PE, ____ de _____ de _____.

Assinatura do menor

Assinatura do(a) pesquisador(a)

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP

Universidade Católica De Pernambuco - UNICAP

Rua Do Príncipe, 526 – Boa Vista – Bloco G4 – 6º Andar, Sala 609

CEP 50050-900 – Recife/PE – BRASIL

Telefone: (81)2119-4041 ou 2119-4376

Endereço Eletrônico: cep_unicap@unicap.br

Horário de funcionamento: 8h às 12h e das 13h às 17h Segunda a sexta-feira

Havendo dúvida / denúncia com relação à condução da pesquisa deverá ser dirigida ao referido CEP no endereço acima citado.

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA - CONEP
SRTV 702, Via W 5 Norte - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte
CEP: 70719-000 - Brasília-DF

OBSERVAÇÕES:

1. Esta pesquisa é patrocinada pela Capel (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

2. Utilizar linguagem compreensível para população alvo.

No caso de pesquisas relacionadas com ações terapêuticas ou diagnósticas, explicitar os métodos alternativos, os riscos e benefícios de não utilizá-los.

(*) Quando o sujeito da pesquisa for criança, adolescente, ou pessoa com discernimento prejudicado pegar também a assinatura do Pai / Mãe ou Responsável Legal (**), além de apresentar o **TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido)**.

ANEXO 3 – APROVAÇÃO DO PROJETO PELO COMITÊ DE ÉTICA

15.02.22, 21:27

Portal do Governo Brasileiro

Plataforma Brasil

[Esqueceu a senha?](#) [Cadastro de](#)

Você está em: Público > Confirmar Aprovação pelo CAAE ou Parecer

CONFIRMAR APROVAÇÃO PELO CAAE OU PARECER

Informe o número do CAAE ou do Parecer:

Número do CAAE: Número do Parecer:

Esta consulta retorna somente pareceres aprovados. Caso não apresente nenhum resultado, o número do parecer informado não é válido ou não corresponde a um parecer aprovado.

DETALHAMENTO

Título do Projeto de Pesquisa:

Número do CAAE: **Número do Parecer:**

Quem Assinou o Parecer: **Pesquisador Responsável:**

Data Início do Cronograma: **Data Fim do Cronograma:** **Contato Público:**

Suporte a sistemas: 136 - opção 8 e opção 3, solicitar ao atendente suporte Plataforma Brasil
 Fale conosco: Clique para enviar mensagem para a Plataforma Brasil



ANEXO 4 - LEGENDA PARA GENOGRAMAS COM SÍMBOLOS DE
MCGOLDRICK & GERSON (1995)

